



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
DAIANE SANDRA SAVOLDI CURIOLETTI

LUSISMOS NO INGLÊS EM COMUNIDADES BILÍNGUES PORTUGUÊS /
ITALIANO NO OESTE CATARINENSE: A REALIZAÇÃO DO /R/

CHAPECÓ
2014

DAIANE SANDRA SAVOLDI CURIOLETTI

**LUSISMOS NO INGLÊS EM COMUNIDADES BILÍNGUES PORTUGUÊS /
ITALIANO NO OESTE CATARINENSE: A REALIZAÇÃO DO /R/**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós- Graduação em Estudos
Linguísticos da Universidade Federal da
Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug

**CHAPECÓ
2014**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Rua General Osório, 413D
CEP: 89802-210
Caixa Postal 181
Bairro Jardim Itália
Chapecó - SC
Brasil

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Curioletti, Daiane Sandra Savoldi
Lusismos no inglês em comunidades bilíngues
português/italiano no oeste catarinense: a realização do
/r// Daiane Sandra Savoldi Curioletti. -- 2014.
139 f.:il.

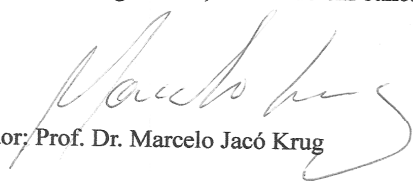
Orientador: Marcelo Jacó Krug.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos (PPGEL), Chapecó, SC, 2014.

1. Bilinguismo. 2. Ítalo-brasileiros. 3. Realização
do /r/ no inglês . 4. Dialetoлогия Pluridimensional
Relacional. I. Krug, Marcelo Jacó, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

DAIANE SANDRA SAVOLDI CURIOLETTI

**TÍTULO: LUSISMOS NO INGLÊS EM COMUNIDADES BILÍNGUES
PORTUGUÊS/ITALIANO NO OESTE CATARINENSE: A REALIZAÇÃO DO /R/**


Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos
da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Para obtenção do título de Mestre em
Estudos Linguísticos, defendido em banca examinadora em 5 / 12 / 2014



Orientador: Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug

Aprovado em: 5 / 12 / 2014

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dra. Cristiane Horst - UFFS


Prof. Dra. Elisa Battisti - UFRGS


Prof. Dra. Cláudia Andréa Rost Snichelotto - UFFS

Chapecó/SC, dezembro de 2014

AGRADECIMENTOS

Obrigada a Deus por mais essa conquista, a meu esposo Fabiano, meus filhos Alexandre Yuri e Nicolas Iago e a todos os amigos, pela atenção e carinho.

RESUMO

Com o presente estudo objetivou-se investigar a realização do /r/ na língua inglesa, como língua estrangeira, por ítalo-brasileiros nas cidades de Concórdia e Chapecó- SC. A hipótese era que pudesse haver uma influência do contato português/italiano na aprendizagem do inglês americano. A partir do estudo do fenômeno, por meio de entrevistas, detectou-se que os estudantes das séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio não transferem a pronúncia do tepe [r] tampouco a vibrante múltipla [r̃], mas sim a fricativa velar desvozeada [x] na língua inglesa falada nas cidades de Chapecó e Concórdia. Dessa forma, constatou-se que a transferência do /r/ não se difere entre as cidades investigadas e que não há influência do contato português/italiano na língua inglesa falada pelos informantes. A seleção de falantes, a formulação da entrevista e a análise dos dados foram efetuadas sob a perspectiva da dialetologia pluridimensional e relacional, através dos estilos conversa livre, questionário e leitura.

Palavras-chave: Bilinguismo. Ítalo-brasileiros. Realização do /r/ no inglês. Dialetologia pluridimensional e relacional.

ABSTRACT

The current study aimed to investigate the occurrence of / r / in English as a foreign language spoken by Italian-Brazilian people in the cities of Concórdia and Chapecó in the state of Santa Catarina. The hypothesis is that there might be an influence of Portuguese / Italian contact on the learning of American English language. According to the interviews and taking the study of the phenomenon as the main topic, students in the final grades of middle and high school do not transfer the tepe [r] nor the multiple vibrant consonant [r̄], but the voiceless velar fricative [x] in the English language spoken in schools of the cities of Chapecó and Concórdia. Thus, the transference of / r / does not differ between the cities investigated and there was no influence of Portuguese / Italian contact in the English language spoken. The selection of speakers, the formulation of the interview and data analysis were conducted from the perspective of multidimensional and relational dialectology, through free conversation, quiz and reading styles.

Keywords: Bilingualism. Italian-Brazilians. Occurrence of the /r/ in English. Multidimensional and relational dialectology.

LISTA DE ABREVIATURAS

ALERS – Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul do Brasil

AR – Antecipatory Retroflexion

Ca – Classe alta

Cb – Classe baixa

EF – Ensino Fundamental

EFf – Ensino Fundamental feminino

EFm – Ensino Fundamental masculino

EM – Ensino Médio

EMf – Ensino Médio feminino

EMm – Ensino Médio masculino

EPA(s) – Escola(s) Particulare(s)

EPU(s) – Escola(s) Pública(s)

GI – Geração I

GII – Geração II

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira

IPA – International Phonetic Alphabet ou Alfabeto Fonético Internacional

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LE(s) – Língua(s) Estrangeira(s)

LI – Língua Inglesa

LM(s) – Língua(s) Materna(s)

NAmEng – Variedade do inglês norte- americano

PB – Português Brasileiro

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

RP – Received Pronunciation

SC – Santa Catarina

UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Aparelho fonador	24
Figura 2 – Estado da glote com segmentos vozeados e desvozeados	25
Figura3 – Imagem ilustrativa da pronúncia retroflexa	34
Figura 4 – Esquema extraído de Thun (2005)	61
Figura 5 – Esquema em cruz	62
Figura 6 – Mapa da localização de Chapecó e Concórdia -SC	63
Figura 7 – Esquema em cruz	70

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, no estilo conversa livre.	84
Gráfico 2 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, no estilo questionário ...	86
Gráfico 3 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, no estilo leitura.....	88
Gráfico 4 – Número total de transferências na EPU de Chapecó.....	90
Gráfico 5 – Número total de transferências na EPU de Concórdia.....	90
Gráfico 6 – Número total de transferências na EPA de Chapecó.....	90
Gráfico 7 – Número total de transferências na EPA de Concórdia.....	90
Gráfico 8 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, no estilo conversa livre, em Chapecó	94
Gráfico 9 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, no estilo questionário, em Chapecó	96
Gráfico 10 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, no estilo leitura, em Chapecó	99
Gráfico 11 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, na EPU de Chapecó...	100
Gráfico 12 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, na EPA de Chapecó..	100
Gráfico 13 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, no estilo conversa livre, em Concórdia.....	103
Gráfico 14 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, no estilo questionário, em Concórdia	107
Gráfico 15 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, no estilo leitura, em Concórdia	110
Gráfico 16 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, na EPU de Concórdia	111
Gráfico 17 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, na EPA de Concórdia.	112
Gráfico 18 – Porcentagem de transferências do /r/ do PB para a LI.....	115
Gráfico 19 – Gráfico 19 – Porcentagem de informantes que realizaram transferências em LI	115
Gráfico 20 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, nas EPU e EPAs.....	117
Gráfico 21 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, no EF e EM	118
Gráfico 22 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, entre meninos e meninas	118
Gráfico 23 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, em Chapecó e Concórdia	119

Gráfico 24 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, no início e meio de vocábulo	120
Gráfico 25 – Palavras que tiveram mais transferências do /r/ do PB para a LI.....	121

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Modo e lugar de articulação dos alofones do /r/.....	24
Quadro 2 – Classificação dos principais alofones do /r/	28
Quadro 3 – Informantes de Chapecó- SC.....	73
Quadro 4 – Informantes de Concórdia - SC	74
Quadro 5 – Grupo de controle	75

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	4
RESUMO	5
ABSTRACT	6
LISTA DE ABREVIATURAS	7
LISTA DE FIGURAS	8
LISTA DE GRÁFICOS	9
LISTA DE QUADROS	11
1 INTRODUÇÃO	14
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	22
2.1 A REALIZAÇÃO DO /R/	22
2.1.1 Realização do /r/ no PB	29
2.1.2 Leitura histórica do /r/ e suas realizações de prestígio e desprestígio no PB	31
2.1.3 Realização do /r/ na LI	33
2.1.4 Leitura histórica do /r/ e suas realizações de prestígio e desprestígio na LI	36
2.1.5 PB e LI: relações de semelhança, diferença e influência na realização do /r/.....	39
2.2 BILINGUISMO	42
2.2.1 Descrição do bilinguismo	42
2.2.2 Trajetória da LI no currículo escolar brasileiro e legislação	46
2.2.3 O ensino da LI como LE nas EPU e EPAs do Brasil.....	48
2.2.4 O contato PB/ italiano no Rio Grande do Sul e Santa Catarina.	50
2.3 SOCIOLINGÜÍSTICA E DIALETOLOGIA: ASPECTOS HISTÓRICOS	54
2.3.1 A Sociolinguística	54
2.3.2 A Dialetoologia Tradicional e a Dialetoologia Pluridimensional e Relacional.....	58
3 METODOLOGIA	63
3.1 OS PONTOS DE PESQUISA	63
3.2 A ESCOLHA DAS ESCOLAS	68
3.3 A ESCOLHA DOS INFORMANTES.....	69
3.4 GRUPO CENTRAL E GRUPO DE CONTROLE.....	70
3.5 A COLETA DOS DADOS EMPÍRICOS.....	76
3.6 A TRANSCRIÇÃO E O PROCESSAMENTO DOS DADOS.....	78
4 ANÁLISE DOS DADOS	80
4.1 MACROANÁLISE DOS DADOS: VISÃO GERAL	80

4.1.1 Análise Geral dos Dados	81
4.2 CHAPECÓ.....	91
4.2.1 Conversa Livre	91
4.2.1.1 Escola Pública	93
4.2.1.2 Escola Particular.....	93
4.2.2 Questionário	94
4.2.2.1 Escola Pública	95
4.2.2.2 Escola Particular.....	95
4.2.3 Leitura	96
4.2.3.1 Escola Pública	97
4.2.3.2 Escola Particular.....	98
4.3 CONCÓRDIA.....	100
4.3.1 Conversa Livre	101
4.3.1.1 Escola Pública	102
4.3.1.2 Escola Particular.....	102
4.3.2 Questionário	103
4.3.2.1 Escola Pública	104
4.3.2.2 Escola Particular.....	105
4.3.3 Leitura	107
4.3.3.1 Escola Pública	108
4.3.3.2 Escola Particular.....	109
4.4 GRUPO DE CONTROLE.....	112
4.4.1 Chapecó	112
4.4.2 Concórdia	113
5 CONCLUSÃO.....	115
REFERÊNCIAS	123
ANEXOS	131

1 INTRODUÇÃO

A língua compreende uma organização social e tende a variar, principalmente, dependendo do contexto e dos falantes envolvidos. Assim, denota-se a existência de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas (GUY, 2000; WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006; TARALLO, 2007). É por esses motivos que falantes, de qualquer língua, fazem reflexões sobre o uso e o estilo de língua utilizada. Dessa forma, fatores como pronúncia e léxico diferenciado têm chamado atenção de outras pessoas, levando-as, não raramente, a identificar dados relativos à identidade do falante como, por exemplo, procedência, grau de instrução, profissão, dentre outros aspectos (SILVA, 2012; TARALLO, 2007). Muitas vezes, a crença de uma suposta homogeneidade linguística, com prioridade à variedade padrão da língua, desencadeia comentários equivocados e preconceituosos que silenciam muitas falas (BORTONI-RICARDO, 2004, 2011; BAGNO, 2000, 2007).

Frente ao exposto, urge a necessidade de desmistificar possíveis crenças e modismos sociais que podem desconsiderar a heterogeneidade da língua e sua inerente variação. Ao levar em conta a existência de diferentes modos de falar, até por um mesmo indivíduo, e que falantes de uma Língua Estrangeira (doravante, LE(s)), tendem a transferirem características de sua Língua Materna (doravante, LM(s)), para a língua aprendida, conforme Silva (2012, p.11); Rabello (2012, p.82); Ellis (1994); Zimmer e Alves (2006) e Motter (2001), surge a pergunta: Qual é a pronúncia do /r/ da LI por ítalo-brasileiros, pertencentes a diferentes comunidades¹ de fala e níveis de escolaridade? Assim, o **objetivo geral** deste estudo foi investigar e descrever as possíveis influências dos fones do /r/ do Português Brasileiro (doravante PB), por ítalo-brasileiros, aprendizes de língua inglesa² (doravante LI) como LE, no começo e meio de palavra, como em *red* (vermelho) e *berry* (baga), nas cidades de Concórdia e Chapecó, no oeste de Santa Catarina. Vale ressaltar que no PB, nesses mesmos

¹Conforme Guy (2000), uma comunidade de fala apresenta e vivencia características linguísticas específicas ao grupo, como, por exemplo, fones ou construções gramaticais. A comunicação ocorre com maior frequência entre as pessoas da comunidade, as quais compartilham de atitudes em comum sobre o uso da língua, normas a cerca da variação estilística, bem como avaliações sociais sobre as variáveis da língua. Labov (1972) corrobora que a comunidade de fala é homogênea, mas a língua é um sistema heterogêneo. Romaine (1980) discorda que uma comunidade de fala é homogênea, pois, segundo a autora, as mudanças não ocorrem em toda a comunidade, mas são fenômenos individuais.

² Neste trabalho optou-se por investigar a influência do PB na realização do /r/ no inglês americano, e, dessa forma, será utilizada a sigla LI para referir-se a língua inglesa, no aspecto geral, bem como ao inglês americano.

ambientes, realiza-se o r-forte³, sendo que os ítalo-brasileiros, eventualmente, realizam o tepe [r] (SPESSATO, 2003).

A presente dissertação foi desenvolvida com recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC), Chamada Pública nº 02/2013, insere-se no projeto de pesquisa, Atlas das Línguas em Contato na Fronteira, de Marcelo Jacó Krug e tem o parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), sob o número de protocolo 30806214.2.0000.5564. Pautou-se, sobretudo, nos pressupostos teóricos metodológicos da dialetologia pluridimensional e relacional, conforme Thun (2005).

Essa linha de análise busca suprimir as lacunas da dialetologia tradicional monodimensional, que descreve a variação considerando o espaço como um limite para a identificação de áreas de conservação e inovação – no eixo horizontal (CARDOSO, 2006). Com essa nova perspectiva, passa-se a investigar a língua em diferentes pontos do espaço geográfico, considerando a realidade e a mobilidade social, bem como a exigir um número maior de dados que possibilitam avaliar o fenômeno linguístico sob as mais variadas dimensões. Abarca-se também o eixo vertical da sociolinguística, que considera o estudo das variáveis sociais como parâmetros para a análise da variação (CARDOSO, 2010).

Dessa forma, contempla-se um eixo tridimensional, abrangendo, principalmente, as seguintes dimensões: diatópica (diferentes espaços geográficos); diageracional, GI (geração I, 18 a 36 anos) e GII (geração II, 55 anos ou mais); diassexual (informantes do sexo feminino e do sexo masculino); diastrática, Cb (classe baixa, menos escolaridade possível, podendo chegar, no máximo, ao curso técnico (no nível de Ensino Médio)) e Ca (classe alta, Ensino Superior) (THUN, 2005, p. 71).

Conforme Cardoso (2010) há também uma nova concepção de instrumentos de coleta e transcrição de dados, através da conversa livre e questionários diversificados. De acordo com Thun (2005), esse alargamento metodológico garante um estudo mais completo do objeto investigado. Devido essa pesquisa voltar seu olhar para o contexto escolar, e realizar entrevistas com alunos do Ensino Fundamental (doravante EF) e Ensino Médio (doravante EM), procedeu-se a um recorte na metodologia, com adaptação da idade dos informantes

³Corresponde aos segmentos [x, h, ʁ] e ocorre em posição intervocálica, início de sílaba, começo de palavra e em início de sílaba precedido por consoante, como em (carro, rua, Israel) (SILVA, 2012, p.142). Mais detalhes ainda nesse capítulo e na seção 2.1.1.

(dimensão diageracional), ao contexto de EF e EM, e supressão da classe social (dimensão diastrática)⁴.

Visando a pluralidade de dados, foram utilizados três métodos de coleta distintos: um questionário com perguntas no PB que exigem respostas em LI, a leitura de um texto e a conversa livre em LI⁵. Foram envolvidos 20 informantes das cidades de Concórdia e Chapecó-SC, destes 16 foram estudantes com idade de 12 a 18 anos, divididos em 4 (quatro) escolas, sendo uma Escola Pública (doravante EPU(s)) e uma Escola Particular (doravante EPA(s)) em cada município. Além disso, houve um grupo de controle composto por 4 (quatro) integrantes da comunidade escolar, acima de 19 anos⁶.

Para embasamento teórico buscou-se respaldo, principalmente, na visão histórica de Spessato (2003), Radin (2001), Fernández (2005) e Fachin (2007); na perspectiva gerativista e estruturalista de Monaretto, Quednau, Hora (2010), Silva (2012), Erickson (2002), Ladefoged e Maddieson (2013), Ellis (1994) e Zimmer e Alves (2006); no olhar sociolinguista de Labov (2003, 2008), Trudgill (2000), Weinreich, Labov, Herzog (2006) e Bortoni-Ricardo (2004, 2011), como também na área do bilinguismo e línguas em contato de acordo com Mackey (1972), Cavalcanti (1999), Romaine (1995), Krug (2011), Altenhofen (2004) e Margotti (2004); na legislação que rege o estudo das LEs com destaque para Brasil (1996, 1998, 2000), bem como Leffa (1999), Assis-Peterson (2008), Dutra (2011), Santos (2011) e Motter (2001) que discorrem acerca do ensino de LEs nas EPU e EPAs do Brasil.

No PB, segundo Silva (2012), o fonema /r/ pode ocorrer no modo vibrante, tepe, fricativa, retroflexa e ainda articulando-se em dental, alveolar, velar e glotal. Para tanto, compreende as seguintes realizações: vibrante múltipla alveolar vozeada [r̥], tepe alveolar vozeado [r], fricativa velar desvozeada [x], fricativa velar vozeada [ɣ], fricativa glotal vozeada [ɦ], fricativa glotal desvozeada [h] e ainda retroflexa alveolar vozeada [ɹ]. Conforme Monaretto (2002, p.254), a variante /r/ se realiza em início de palavra (roupa), em início de sílaba precedida por consoante (gen-ro), em coda silábica (a-ler-tar), em encontros consonantais tautossilábicos (bra-do) e contextos intervocálicos (car-ro) e (ca-ro).

De acordo com Silva (2012, p. 142), há o contraste entre o r-fraco [r] e o r-forte [r̥, x, h] em ambientes intervocálicos. O primeiro é uniforme em todos os dialetos do PB em

⁴Para mais informações, consulte as seções 3.3 e 3.4.

⁵Confira, no capítulo 7, anexos A, B e C.

⁶Mais detalhes nas seções 3.2 e 3.3.

contextos como (prato, caro), já o segundo pode variar, consideravelmente, em posição intervocálica (carro), início de palavra (rato), final de palavra (mar) e início de sílaba precedido por consoante (honra). Em limite de sílaba, depende da consoante seguinte. Os segmentos [ɣ, fi] ocorrem antes de consoantes vozeadas (corda, carbono), e os alofones [x, h] ocorrem antes de consoantes desvozeadas (corpo, garfo). Supõe-se, no entanto, que essa variação significativa do /r/ no PB, pode aumentar as chances de interferências na LI como LE.

No inglês americano, segundo Erickson (2002, p.183), a aproximante retroflexa [ɹ] e a aproximante alveolar [ɹ̥] são alofones mais comuns encontrados para /r/, destacando-se ainda o tepe [r] e o fenômeno de vocalização do /r/, como em *more* [moɹ]. Ladefoged e Maddieson (2013, p.236) destacam que no nordeste da Inglaterra a pronúncia padrão⁷ do /r/ é a fricativa uvular [ʀ], e Carr (2013, p. 11) corrobora que muitos escoceses produzem o tepe [r], ao invés da vibrante múltipla alveolar [r̥]⁸.

Diante do exposto, é necessário ressaltar que a variação linguística é um fenômeno natural e, dessa forma, conforme Dutra (2011), Ellis (1994) no que diz respeito à aprendizagem de LEs, é normal que muitas características da(s) língua(s) materna(s) influenciem na LE estudada. Para tanto, em Brasil (2000), arrola-se que a escola deve aproveitar esse fenômeno variacional para enriquecer o repertório do processo ensino-aprendizagem. Isto é, contemplar e relacionar os diferentes falares, culturas, costumes que permeiam os países de origem das línguas. No entanto, de acordo com Bollela (2002) e Santos (2011), tanto as EPUs quanto as EPAs, carecem de professores fluentes nas línguas alvos e, suficientemente, preparados para atuar numa perspectiva que valorize a heterogeneidade linguística.

Nesse sentido, frente à importância do domínio de uma LE, às queixas dos alunos quanto à qualidade de sua pronúncia na LI, a falta de professores suficientemente preparados, torna-se importante analisar como os estudantes concordienses e chapecoenses, ítalo-brasileiros, realizam o /r/ em LI. Essa relevância parte do princípio de que alguns fones do /r/ do PB, que são estigmatizados pelo fato de serem característicos de uma comunidade sem prestígio socioeconômico, constituem variantes de prestígio na LI.

⁷ Na presente pesquisa o vocábulo padrão refere-se a todas as variantes que se diferem em algum aspecto fônico da variedade não padrão da língua.

⁸ Para um estudo mais apurado do fonema /r/ na LI, consulte, no capítulo subsequente, a seção 2.1.3.

Os resultados dessa pesquisa podem contribuir para a valorização de pronúncias do /r/ de algumas comunidades de fala, bem como trazer possíveis benefícios para o campo do ensino de línguas, no que diz respeito a técnicas, procedimentos e/ou estratégias de superação das situações que se impõem como limites para o aprendizado de uma LE, por estudantes dos estratos estudados.

Os objetivos específicos deste trabalho são:

- a) Levantar e relatar dados, a partir de uma revisão bibliográfica, com o intuito de verificar a existência de variantes do /r/ na LI.
- b) Coletar, descrever e analisar dados relativos à pronúncia do /r/ em LI, por ítalo-brasileiros, nas cidades de Concórdia e Chapecó e, dessa forma, averiguar em qual dos dois municípios há maior influência do contato PB/italiano na realização do /r/ da LI;
- c) Verificar se o número de pronúncias com transferência(s) difere-se entre as EPU e EPAs, no intuito de diagnosticar em qual das instituições os informantes aproximam mais sua fala da variedade padrão da LI.
- d) Investigar se os informantes do EM aproximam mais sua fala da variedade padrão da LI do que os informantes do EF.
- e) Descrever o uso do /r/, em LI, por informantes do sexo masculino e feminino e analisar se o número de transferências do /r/, do PB para a LI, se difere entre os dois grupos.
- f) Relacionar os dados da dimensão diatópica, com o intuito de analisar em qual das cidades há maior e em qual há menor número de transferências, na realização do /r/ em LI.
- g) Averiguar em qual estilo de coleta de dados, conversa livre, questionário e leitura, a influência do PB (especificamente de ítalo-brasileiros dos municípios de Chapecó e Concórdia) está mais presente.

- h) Verificar em qual dois contextos de realização do fonema /r/, início ou meio de palavra, há maior número de transferências.

A seguir, são levantadas as hipóteses para cada objetivo, seguindo a mesma ordem alfabética:

Hipótese b: Entende-se que os informantes de Concórdia sejam mais suscetíveis às influências do contato PB/italiano na LI, do que os informantes chapecoenses, uma vez que, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), (doravante IBGE) trata-se de um município com menos da metade da população de Chapecó, que é circundado por municípios vizinhos ainda menores, e com características rurais. Dessa forma, subentende-se que na fala dos concordienses conservam-se muitos costumes do meio rural, o que pode não acontecer na fala dos chapecoenses, uma vez que a cidade maior serve de pólo para abastecer toda a região oeste catarinense.

Essa característica que difere as cidades pode influenciar na língua (THUN, 2005; WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2012). Em Chapecó acredita-se haver maior transferência da fricativa velar desvozeada [x], mas com possibilidade de transferência do tepe [r] e da vibrante múltipla [r̃]. Na fala dos concordienses, pressupõe-se ocorrer uma maior transferência do tepe [r], podendo, eventualmente, transferirem a vibrante múltipla [r̃] ou o fone fricativo [x]. As vibrantes podem ter grande chance de ocorrer em Concórdia, na fala em LI, porque são pronúncias mais comuns ao PB falado no contexto rural, já as fricativas, são mais prováveis de realizarem-se em Chapecó, por serem típicas às grandes cidades (CALLOU e LEITE, 2013; LANGARO, 2005).

Hipótese c: Acredita-se que os alunos das EPAs, tendem a aproximar mais sua fala da variedade padrão da LI, do que os estudantes das EPU. Esta afirmação pauta-se nos estudos de Cagliari (2010, p.09), pois se afirma que as EPU, em sua maioria, carecem de investimentos governamentais, no setor pedagógico, bem como na estrutura dos prédios, salas e laboratórios de pesquisa. Consideram-se, também, as pesquisas de Sampaio e Guimarães (2009) que, com base no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira – INEP (2002), constataram haver melhor rendimento para os alunos da EPA do que para os estudantes da EPU. Verificou-se que 96% dos alunos do EM, que foram qualificados com desempenho muito crítico, estudam em EPU (SAMPAIO; GUIMARÃES, 2009). Desse modo, pressupõe-se que haverá maior número de transferências na fala dos informantes das EPU.

Hipótese d: O fato dos alunos do EF estarem no estágio inicial de aprendizado, pode torná-los mais suscetíveis à influência da(s) LM(s), do que os estudantes do EM, na aprendizagem da LI (ELLIS, 1994; RABELLO, 2012; DUTRA, 2011; MOTTER, 2001).

Hipótese e: As mulheres são mais influenciadas pelas formas padrão do que os homens; mas os homens lideram no uso de novas formas vernáculas na fala menos formal (TRUDGILL, 2000). Dessa forma, as mulheres são mais sensíveis aos padrões de prestígio e se autocorrigem mais nitidamente do que os homens (LABOV, 2008, p. 346). Quanto à conduta escolar, enquanto as meninas se orgulham de ser boas alunas e de competir pelos primeiros lugares, os meninos devem desviar tais parâmetros para não sofrer preconceito (FERNANDES, 1996). Desse modo, pressupõe-se que tanto no EF, quanto no EM, das EPUs e EPAs, as meninas tendem a aproximar mais sua pronúncia da variedade culta da LI.

Hipótese f: Pressupõe-se haver maior facilidade para os estudantes chapecoenses produzirem o fone retroflexo [ɹ], na LI, do que para os alunos de Concórdia. Isto tende a acontecer, pois essa variante, também, ocorre na variedade do PB de Chapecó-SC (ALERS, 2002; MARGOTTI, 2004). Dessa forma, pressupõe-se que os chapecoenses realizarão menor número de transferências do que os concordienses.

Hipótese g: Com base em Thun (2005), acredita-se que a influência do PB, deve estar mais evidente durante a conversa livre, já que se trata de um estilo menos formal que tende a descontrair o falante e, dessa forma, aproximar sua fala da variedade não padrão.

Hipótese h: Com relação aos contextos de maior dificuldade na realização do /r/ na LI, acredita-se que no meio de palavra o /r/ tende a ser mais difícil de ser pronunciado, do que no início de vocábulo. Isto por que a existência de dois “erres” na escrita pode levar o falante a tentar pronunciar o fone retroflexo [ɹ] com mais intensidade, como se realiza na variedade padrão do PB nos contextos de r-forte, através da pronúncia da vibrante múltipla [r̃], sendo que, eventualmente, os ítalo-brasileiros realizam o tepe [r] (SPESSATO, 2003; MARGOTTI, 2004). No início de vocábulo, acredita-se que a dificuldade de pronunciar o /r/ tende a atenuar-se, devido à existência de somente um /r/.

Os pontos de pesquisa – Concórdia e Chapecó – separados geograficamente por aproximadamente 83 quilômetros, foram escolhidos devido ao seu modelo de colonização predominantemente italiana, conforme Comasseto *et al* (2006) e Radin (2001), e por suas falas apresentarem uma característica marcante, quanto à realização do /r/ no PB (SPESSATO, 2003; MARGOTTI, 2004; ALERS, 2002). Dessa forma, acredita-se que essa pronúncia possa influenciar na realização do /r/ da LI como LE.

A literatura apresenta alguns estudos que tratam da influência do /r/ do PB em LI. Deus (2009) investigou estudantes universitários de Curitiba-PR, com diferentes níveis de proficiência, e percebeu maior transferência em início e meio de palavra. Schadech (2013) pesquisou a realização desse fonema, em início de palavra, por brasileiros também universitários, e concluiu que houve pouca influência do PB em LI. Camargos (2013) desenvolveu um estudo nas cidades de Belo Horizonte e Lavras- MG, para saber como os falantes realizam o fone retroflexo na LI. Então, constatou que os indivíduos fluentes em LI como LE apresentam maior realização dessa pronúncia do que os não fluentes.⁹

No presente trabalho, os dados apontaram para nenhuma transferência de tepe [r], fato que refuta a hipótese de que haveria maior número de transferências dessa variante na LI falada em Concórdia, bem como a possibilidade dessa pronúncia realizar-se na fala dos informantes de Chapecó. A transferência da vibrante múltipla [r̃] também não ocorreu, e constatou-se o predomínio da fricativa velar desvozeada [x]. Na LI falada pelos informantes chapecoenses e concordienses houve domínio do fone retroflexo [ɹ], que é variante padrão da LI.

Neste trabalho há a seguinte organização: Após as considerações introdutórias, no capítulo 2, apresenta-se a revisão bibliográfica, em que se descreve a realização do /r/, faz-se uma leitura histórica desse fonema no PB e na LI, além de destacar suas realizações de prestígio e desprestígio em ambas as línguas. Há também uma seção que faz uma comparação da realização do /r/ da LI com os fones do /r/ do PB. Seguidamente, é feita uma descrição do bilinguismo e as teorias que regem esse fenômeno, bem como acerca da situação da LI nas EPU e EPAs do Brasil. Após, apresenta-se um estudo do contato PB/italiano no Rio Grande do Sul e Santa Catarina e, na última seção, disserta-se sobre a sociolinguística e a dialetologia pluridimensional e relacional. No terceiro capítulo, apresenta-se a área de pesquisa e explica-se a metodologia empregada no trabalho. No quarto capítulo, arrola-se sobre a mostra da coleta e análise dos dados. No quinto capítulo, expõe-se a conclusão da pesquisa; no penúltimo, constam as bibliografias que deram suporte ao estudo e, por fim, no sétimo capítulo, apresentam-se os anexos.

⁹ Veja mais detalhes, sobre esses estudos, na seção 2.1.6.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Neste capítulo serão apresentados os estudos bibliográficos que embasam a presente pesquisa. Primeiramente, faz-se uma descrição sobre o fonema /r/ abarcando sua diversidade de realizações, em diferentes línguas, bem como as pronúncias de prestígio e desprestígio no PB e na LI. A seguir, apresentam-se as teorias que discorrem sobre o conceito de bilinguismo e arrola-se acerca da situação da LI no currículo escolar brasileiro, como também nas EPU e EPAs. Seguidamente, descreve-se o contato PB/italiano no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Na última parte, realiza-se um estudo diacrônico em que focaliza-se o modelo teórico- metodológico assumido pela moderna dialetologia, através de sua junção com a sociolinguística.

2.1 A REALIZAÇÃO DO /R/

Nesta seção tem-se o objetivo de descrever os alofones do /r/. Conforme o sistema ortográfico da tradição Greco-Romana, tais variantes são representadas pelo grafema /r/ nas diferentes línguas naturais. Ladefoged e Maddieson (2013, p.215), afirmam que cerca de setenta e cinco por cento de todas as línguas presentes no mundo apresentam algum alofone desse fonema¹⁰. Dessa forma, de acordo com os autores, no modo fonológico os fones ocorrem de modo muito semelhante: tendem a ocupar o mesmo contexto no sistema consonântico e na estrutura silábica, aparecem, na maioria das vezes, em oposição com a lateral, alternam-se com outros fones e participam dos mesmos tipos de regras fonológicas.

No entanto, a realização fonética dos fones do /r/ tem apresentado alteração de pontos e modos de articulação de acordo com os contextos e variedades linguísticas faladas. Estes fatores têm desencadeado o surgimento de diversos alofones para a letra /r/, sendo que muitos deles apresentam pronúncias bem peculiares e outros parecem não ter semelhança sonora entres si. Assim, torna-se difícil encontrar uma única propriedade articulatória que unifica esta classe (LADEFOGED; MADDIESON, 2013, p. 244-245). Ao comparar o fonema /r/ com

¹⁰**Fonema:** unidade sonora que se distingue funcionalmente das outras unidades da língua. **Alofone:** unidade que se relaciona à manifestação fonética de um fonema. Alofones de um mesmo fonema acontecem em ambientes exclusivos: Ex: para o r-forte [R̄] ocorrem [x, h, r̃] (SILVA, 2012, p.135).

outras consoantes do Alfabeto Internacional de Fonética¹¹ (doravante IPA), atualizado em 2005, conclui-se que

The sound of /r/ is more difficult to describe, partly because different speakers make it in different ways. It usually involves some raising of the tongue toward a point on the roof of the mouth well behind the upper front teeth (LADEFOGED, 2001, p.52)¹².

Numa perspectiva geral, Leite (2012, p.218) discorre que a similaridade entre os membros dessa classe se encontra, mais precisamente, nos parâmetros auditivos e acústicos do que articulatorios. Ladefoged e Maddieson (2013, p.245) explicam que cada variante do /r/ se assemelha com outra em alguma propriedade, porém não é essa mesma característica que constitui a semelhança para todos os membros da classe.

Conforme IPA, os alofones do /r/ são consoantes líquidas¹³ que ocupam os seguintes modos de articulação: fricativa, vibrante, tepe, flepe e aproximante e como lugares de articulação: velar, alveolar, retroflexo, uvular, glotal e faringal¹⁴. O quadro a seguir, adaptado do IPA, apresenta os símbolos para os alofones do /r/ distribuídos de acordo com os contextos articulatorios:

¹¹<http://www.langsci.ucl.ac.uk/ipa/pulmonic.html>.

¹² A pronúncia do /r/ é mais difícil de descrever, em parte, porque os diferentes falantes a pronunciam de diferentes maneiras. Geralmente esse processo tem elevação da língua, em direção a um ponto no céu da boca, bem atrás dos dentes frontais superiores (tradução minha).

¹³ Classe fonológica que tradicionalmente engloba os fones de /r/ e os fones laterais. Sem uma propriedade fonética em comum, caracteriza-se por padrões fonotáticos, como a própria possibilidade de formar ataque complexo com outra consoante, e pelo compartilhamento de fenômenos, dentre estes o rotacismo (tradicionalmente descrito como a troca de um fone lateral por um fone do /r/: *planta/pranta*) (COSTA, 2013, p.179).

¹⁴Modo de articulação: **Fricativa:** os articuladores se aproximam produzindo fricção quando ocorre a passagem central de ar. **Vibrante:** o articulador ativo toca algumas vezes o articulador passivo causando fricção. **Tepe:** o articulador ativo toca rapidamente o articulador passivo causando uma rápida obstrução da passagem de ar pela boca. **Flepe:** é um fone que é realizado ao retrain a ponta da língua em direção aos alvéolos e, em seguida, movendo-a novamente a essa região, havendo uma batida parecida com o tepe. **Aproximante:** é produzido ao deixar um articulador próximo do outro, mas não ao ponto de produzir uma consoante fricativa. Lugar de articulação: **Alveolar:** o articulador ativo é o ápice ou lâmina da língua e obtêm-se como articulador passivo os alvéolos. **Retroflexa:** o palato duro é o articulador passivo e a ponta da língua é o articulador ativo. A produção desse fone se dá com o levantamento e encurvamento da ponta da língua em direção ao palato duro. **Velar:** o articulador ativo é a parte posterior da língua e o articulador passivo é o véu palatino ou palato mole. **Dental:** o articulador ativo é o ápice ou lâmina da língua e como articuladores passivos apresentam-se os dentes superiores. **Uvular:** fones produzidos pela contração da úvula e parte posterior do corpo da língua. **Faringal** (Não há em português). A raiz da língua, parte posterior, é o articulador ativo que age contra a parede posterior da faringe, que vem a ser o articulador passivo: língua árabe. **Glotal:** os músculos ligamentais da glote comportam-se como articuladores (SILVA, 2012, p. 34-35; LADEFOGED; MADDIESON, 2013, p. 217-230).

Quadro 1 – Modo e lugar de articulação dos alofones do /r/

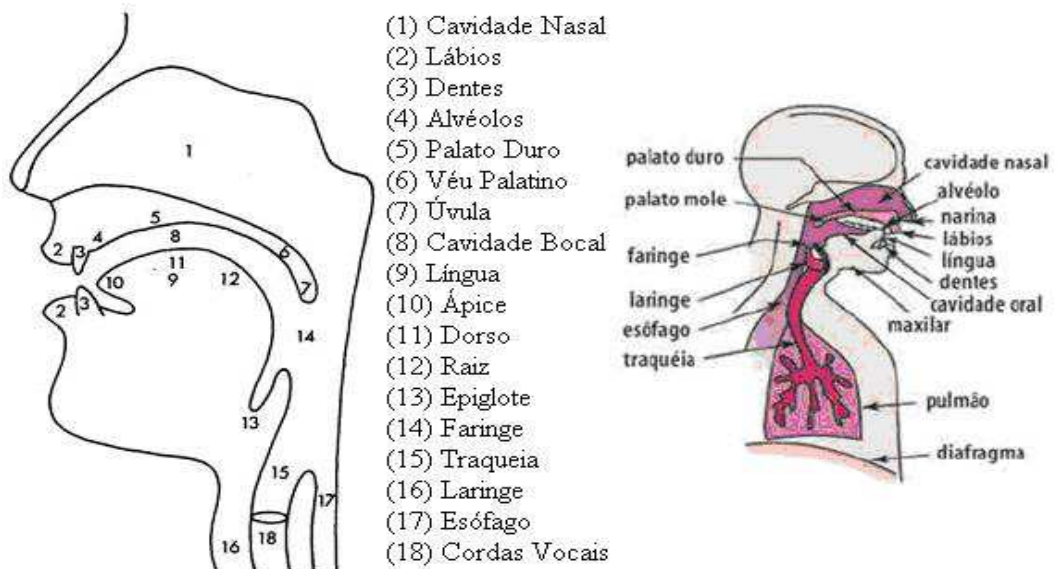
Modo de articulação	Lugar de articulação					
	Alveolar	Retroflexa	Velar	Uvular	Faringal	Glotal
Fricativa			xɣ	χʁ	ħʕ	h fi
Vibrante	r			R		
Tepe ou flap	ɾ	ɽ				
Aproximante	ɹ	ɻ				

Fonte: Adaptado do IPA (2005)

Não obstante, com base em Camargos (2012, p. 7), alguns fones do /r/ ocorrem através do contato entre os articuladores ativo e passivo¹⁵, outros simplesmente pela aproximação desses membros e há ainda aqueles que se aproximam e ocorre fricção. Como exemplo do primeiro caso, pode-se citar a vibrante, do segundo, a aproximante e do terceiro, a fricativa.

A figura a seguir, apresenta o aparelho fonador e os segmentos envolvidos na produção dos fones da fala:

Figura 1 – Aparelho fonador

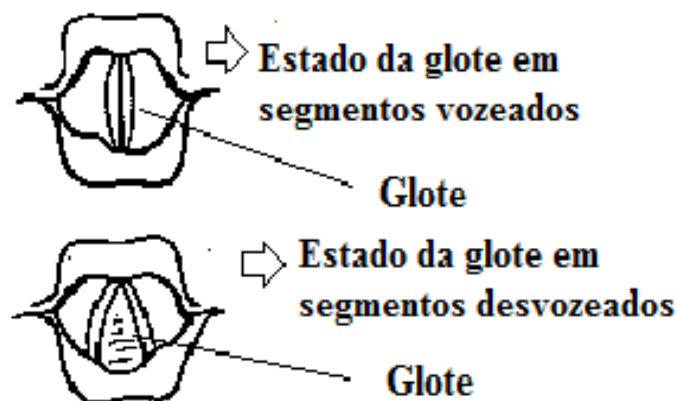


Fonte: Fonética Articulatória. Disponível em: <http://fonticaarticulatria.blogspot.com.br>.

¹⁵Os articuladores ativos têm a função de movimentar-se em direção ao articulador passivo, modificando a configuração do trato vocal. São eles: lábio inferior, a língua, véu palatino e cordas vocais. Os articuladores passivos são: lábio superior, dentes superiores e céu da boca (alvéolos, palato duro, véu palatino). O véu palatino pode ser ativo na produção de sons nasais e passivo na articulação de segmentos velares (SILVA, 2012, p.30-31).

Vale ainda afirmar, que os fones de /r/ podem ser vozeados e desvozeados; essas reações, no entanto, dependem do estado da glote¹⁶, que pode ser fechado ou aberto. Durante a produção de uma pronúncia vozeada os músculos (cordas vocais) que formam a glote aproximam-se e, devido à passagem de ar e ação dos músculos, ocorre vibração. Do contrário, quando os músculos encontram-se separados, o ar que vem dos pulmões passa livremente e não ocorre vozeamento (SILVA, 2012, p.27). Ainda em Silva (2012), destaca-se que os fones **vozeados** são: a vibrante múltipla alveolar [r̃], o tepe [r], flap alveolar vozeado [ɾ], vibrante uvular [R], fricativa velar [ɣ], fricativa glotal [ɦ], retroflexa alveolar [ɻ] aproximante retroflexa [ɻ̤] e **desvozeados**: a fricativa velar [x], fricativa glotal [h] e fricativa uvular [χ]. Confira o fenômeno de ação das cordas vocais, na figura 2.

Figura 2 – Estado da glote com segmentos vozeados e desvozeados



Fonte: <http://dc350.4shared.com/doc/OJ6KagTA/preview.html> (Adaptado).

Contudo, a vibrante múltipla alveolar [r̃], conhecida como *trill*, é a variante mais encontrada nas línguas do mundo. Ocorre em línguas como sueco, finlandês, espanhol, russo, italiano e em algumas variedades do PB e português europeu, sendo muito rara na LI (LADEFOGED; JOHNSON, 2010).

Esta pronúncia acontece, quando a ponta da língua – articulador ativo – toca a região alveolar ou dental – articulador passivo – causando vibração. Não há ação muscular que controle cada vibração simples, mas sim uma abertura suficientemente estreita precisa ser

¹⁶A glote é um espaço entre as cordas vocais que pode ou não obstruir a passagem de ar dos pulmões para a faringe (SILVA, 2012, p.26-27).

criada para a passagem de um fluxo de ar considerável. Contudo, o tamanho da abertura e o fluxo de ar podem falhar, e desvios bastante pequenos são suficientes para impedir a ocorrência da vibrante. Este processo é similar com as vibrações das cordas vocais durante o vozeamento (LADEFOGED; MADDIESON, 2013, p.218).

Frente ao exposto, afirma-se que os fones vibrantes são bem sensíveis a pequenas variações no modo e lugar de articulação, bem como condições aerodinâmicas obtidas durante sua produção. Ladefoged e Maddieson (2013, p.219), com base em Lindau (1985), apresentam um estudo sobre as vibrantes apicais¹⁷ no qual se constatou que o espanhol de Los Angeles apresenta a vibrante com picos de espectro mais baixo, se comparado ao espanhol da Argentina, Colômbia e México. Isso indica que o lugar de articulação da vibrante de Los Angeles, configura-se como dental e as demais alveolares. Estas constatações mostram que a realização da vibrante no espanhol de Los Angeles recebe influência da LI. Ladefoged (2001, p.152) corrobora que falantes da língua malaylam do sul da Índia, contrastam entre a vibrante dental e alveolar. Silva (2012, p.39) aponta que esse fenômeno também está presente em algumas variedades do PB.

Com relação ao contraste no modo de articulação do PB, vale destacar os estudos de Spessato (2003), com ítalo-brasileiros no oeste de Santa Catarina, mais especificamente na cidade de Chapecó. Estes falantes alternam entre o uso da vibrante múltipla [r̃] e o tepe [r], com destaque para os contextos de r-forte¹⁸, que são em início de sílaba e palavra (rato), contextos intervocálicos (carro), e ainda nos ambientes onde o /r/ é precedido por consoante como em (honra).

Nesse sentido, discorre-se que se a vibrante for simples, ocorre o tepe [r] ou flepe [ɾ]. Ambos são realizações apicais. Estas variantes são semelhantes e, por isso, Ladefoged (2001) arrola que Lindau (1985) não apresenta diferenciação entre ambas, mas torna-se relevante diferenciá-las (LADEFOGED, 2001, p.150). Assim, afirma-se que o tepe [r] é um fone que apresenta uma única batida da ponta da língua, na região dental ou alveolar, e depois retorna a sua posição original. Enquanto que o flepe [ɾ] é um fone produzido pelo movimento da ponta da língua para traze depois para frente, quando bate na arcada alveolar, como acontece com

¹⁷ As vibrantes apicais têm como articulador ativo a ponta ou lâmina da língua (podem ser representadas pelo tepe [r] ou flep [ɾ] e ainda pela vibrante múltipla [r̃]) (CARR, 2013; SILVA, 2012).

¹⁸ Termo utilizado por Silva (2012).

um fone retroflexo. A diferença entre esses alofones parece estar relacionada ao modo de articulação (LADEFOGED, 2001).

Desse modo, Carr (2013, p.10) ressalta que o flepe [ɾ] ou tepe [r] é encontrado no inglês americano no lugar de [t] ou [d] em vocábulos como: *Betty* (Bete), *witty* (espirituoso), *heady* (inebriante) e *rider* (cavaleiro). Além disso, acrescenta-se que variedades do inglês escocês produzem o [r] em contextos como *rat* (rato), *rope* (corda) e *creep* (fluência). No entanto, a ponta da língua não é o único articulador que pode desencadear vibração no modo vibrante, mas também a úvula. A contração da úvula e da parte posterior da língua dá origem à vibrante uvular [R]. Esta pronúncia se realiza em variedades mais conservadoras do francês e do alemão padrão, embora muitos falantes usem as fricativas uvulares ou aproximantes, podendo ser ambas representadas pelo símbolo [ʁ]. Vale ressaltar que a vibrante uvular [R] é realizada no sul da Suécia, nas variedades do italiano e russo, sendo que nessas últimas línguas ocorre também uma vibrante apical (múltipla [r̥] ou simples [r]) (LADEFOGED; MADDIESON, 2013, p.226).

Ainda em Ladefoged e Maddieson (2013, p.232), destaca-se que na família do /r/ incluem-se as fricativas. Estas ocorrem com a aproximação entre os articuladores, algumas vezes, a fricção acompanha essa realização outras vezes, não; se não ocorrer fricção é produzido uma aproximante. A fricativa uvular [ʁ] é o fone mais comum pronunciado no francês. Ex: *arrêt* (parar); a aproximante alveolar [ɹ] é encontrada no sul da Inglaterra e costuma aparecer em posições pré-vocálicas. Ex: *array* (ordem). A aproximante uvular [ʁ] é comum no alemão padrão. Assim, conforme Camargos (2013, p.07),

A fricativa é o modo de articulação que agrupa o maior número de variantes, podendo ser uvular, como em francês, alemão, norueguês; glotal, como em alemão, coreano, português, japonês, tailandês; faringal, como em árabe, galego; e velar, como em alemão, algumas variedades do português brasileiro, japonês, persa, turco.

Na família do /r/ inserem-se também a aproximante retroflexa [ɻ] e a aproximante alveolar [ɹ]. A primeira ocorre, por exemplo, na LI, no mandarim, malaiala, tâmil (ao sul da Índia), algumas variedades do PB; já a segunda realização acontece em certas variedades do carmênio, sueco, do PB e também da LI (CAMARGOS, 2013, p. 7). Erickson (2002, p.196) corrobora que a diferença entre essas variantes é sutil, já que ambas apresentam um efeito acústico muito semelhante.

O quadro número dois reúne os principais alofones, bem como sua classificação:

Quadro 2 – Classificação dos principais alofones do /r/

Símbolo do segmento	Voz/desv	Oral/nasal	Articulador ativo	Articulador passivo	Estrutura
[r̃]	Vozeado	Oral	Ápice ou lâmina da língua	Dentes superiores ou alvéolos	Vibrante
[r]	Vozeado	Oral	Ápice ou lâmina da língua	Dentes superiores ou alvéolos	Tepe
[ɾ]	Vozeado	Oral	Ápice ou lâmina da língua	Alvéolos	Flepe
[R]	Vozeado	Oral	Úvula	Parte posterior da língua	Vibrante
[x]	Desvozeado	Oral	Parte posterior da língua	Palato mole (véu palatino)	Fricativa
[χ]	Vozeado	Oral	Parte posterior da língua	Palato mole	Fricativa
[h]	Desvozeado	Oral	Músculos da glote	Músculos da glote	Fricativa
[ɦ]	Vozeada	Oral	Músculos da glote	Músculos da glote	Fricativa
[χ]	Desvozeada	Oral	Úvula	Parte posterior do corpo da língua	Fricativa
[ʁ]	Vozeada	Oral	Úvula	Parte posterior do corpo da língua	Fricativa
[ɹ]	Vozeada	Oral	Ápice ou lâmina da língua	Alvéolos	Aproximante
[ɻ]	Vozeada	Oral	Ápice ou lâmina da língua	Palato duro	Aproximante retroflexa

Fonte: Adaptado de Silva (2012, p.234-235)

Em suma, com base nos estudos destacados nesta seção, a realização do /r/ pode ter intervenção da língua, dentes ou alvéolos, úvula e faringe ou ocorrer somente no modo glotal com a atuação das cordas vocais entre si. A realização desse fonema apresenta alterações entre pontos e modos de articulação. Esse fato não permite classificar os fones do /r/ numa mesma classe, pois embora pareçam ocuparem os mesmos espaços fonológicos, cada alofone tende a se assemelhar com outro em alguma propriedade, que pode não ser a mesma com outros membros da classe.

2.1.1 Realização do /r/ no PB

Nesta seção discorre-se sobre as realizações do /r/ no PB. Assim, conforme Viola (2006) e Monaretto (2002), no PB a variante /r/ se realiza em início de palavra (roupa), em início de sílaba precedida por consoante (gen-ro), em coda silábica (a-ler-tar), em encontros consonantais tautossilábicos (bra-do) e contextos intervocálicos (car-ro) (ca-ro), sendo que suas realizações variam quanto ao ponto, modo de articulação e voz. Desse modo, segundo Silva (2012), na condição de fricativos obstruintes podem ser velar, uvular ou glotal, surdos ou sonoros, já como soantes líquidas - vibrante simples ou tepe [r] e vibrante múltipla [r̃]-variam de acordo com o ponto de articulação: alveolar ou uvular, sendo ambas, as vibrantes, sonoras. Nesse contexto, insere-se também a retroflexa alveolar vozeada [ɽ]. Monaretto, Quednau e Hora (2010 p. 208) ainda destacam que a variabilidade do fonema /r/ envolve fatores aquém daqueles linguísticos, destacando-se, portanto, os geográficos e/ ou sociais.

Assim, em Silva (2012), descrevem-se os seguintes segmentos consonantais correspondentes ao /r/ ortográfico do PB: fricativa velar desvozeada e vozeada [x, ɣ]; fricativa glotal desvozeada e fricativa glotal vozeada [h, h̃]; tepe alveolar vozeado e vibrante alveolar vozeada [r, r̃]; e por último: retroflexa alveolar vozeada [ɽ]. Os segmentos [x, ɣ] e [h, h̃] podem alternar se livremente na mesma palavra em posição intervocálica, início de palavra, final de palavra e início de sílaba, precedido de consoante. Já em limite de sílaba, a distribuição depende dos contextos, ou seja, da consoante seguinte.

Dessa forma, os alofones [x, ɣ] e [h, h̃] correspondem a um único fonema e são representados pelo símbolo /R/ em posição final de sílaba; em outros contextos, relacionam-se ao “R” forte, representado por \bar{R} . Todavia, vale destacar que, em posição intervocálica, há o contraste fonêmico entre o “R” forte e o “r” fraco: \bar{R} / e /r/. O segundo se manifesta em todos os dialetos do PB como tepe [r]. Exemplos: (prato, caro). Já o \bar{R} / tem as seguintes

manifestações fonéticas. [x, h, ʁ] e ocorre em posição intervocálica, em início de sílaba, começo de palavra e em início de sílaba precedido por consoante, como em (carro, rua, Israel). Assim, em final de sílaba, a realização do /r/ ortográfico é /R/ e, em início de sílaba, a representação fonêmica do /r/ é /R̄/ SILVA (2012, p.141-143) ¹⁹.

Nesse viés, ainda em Silva (2012, 38), aponta-se que a fricativa velar vozeada [x] é uma pronúncia típica da variedade carioca, ocorrendo em início de palavra (rata); início de sílaba que seja precedida por vogal (marra), e em início de sílaba que seja precedida por consoante (Israel). Porém, em alguns dialetos²⁰, realiza-se em final de sílaba, quando seguido por consoante desvozeada: (carta) e ainda em final de sílaba que coincide com final de palavra (mar).

Com relação ao tepe [r], afirmar-se que é uniforme em posição intervocálica e seguindo consoante em todas as variedades brasileiras. Exemplo: (caro e prato). Todavia, em algumas variedades é realizado em final de sílaba e meio de palavra (carta), ou em final de sílaba que coincide com final de palavra (mar) (SILVA, 2012, p.38).

Por outro lado, a vibrante alveolar vozeada [r̄] é uma pronúncia típica do português europeu e ocorre em certas variedades do PB, encontradas na área rural de São Paulo, em contextos de início de sílaba (rata), início de sílaba precedido por vogal (carro) e em início de sílaba que seja precedida por consoante (enrolado). Ainda discorre-se que o /r/ no PB, realiza-se também como retroflexa alveolar vozeada [ɽ], sendo esta uma pronúncia comum do dialeto caipira e ocorre no final de sílabas, como por exemplo: (carta e dar) (SILVA, 2012, p.39). Amaral (1920, p.21 apud HEAD, 1987, p.21) discorre que essa realização assemelha-se a realização retroflexa da LI.

Conforme os estudos de Spessato (2003, p.45), a fala dos ítalo-brasileiros²¹ é marcada por uma troca entre a vibrante múltipla alveolar [r̄] e o tepe alveolar [r] e pela presença de uma variante intermediária. Como exemplo dessa variação, Frosi e Raso (2011, p.333) citam: careta em vez de carreta, caro em vez de carro; já nas situações em que ocorre o envolvimento emotivo, esses indivíduos trocam o tepe alveolar [r] pela vibrante múltipla [r̄]: Ex: “*Que querridinha que ela é*”. Em outro viés, Monaretto, Quednau, Hora (2010) e

¹⁹ Para a transcrição fonética do PB, a presente pesquisa estará pautada na obra de Silva (2012) e para a LI, Erickson (2002); Ladefoged e Johnson (2010).

²⁰ Silva (2012) adota o termo dialeto como sinônimo de variedade.

²¹ Neste trabalho utiliza-se o termo ítalo-brasileiro(s), pois, diferente de Spessato (2003), subentende-se que descendentes de italianos referem-se, exclusivamente, a descendentes da primeira geração de italianos no Brasil.

Monaretto (2002) apontam que os falantes bilíngues de colonização europeia, com destaque para os ítalo e teuto-brasileiros, realizam o tepe [r] em todos os contextos das palavras. Frente ao exposto, pode-se concluir que o PB, apresenta uma gama de realizações para o fonema /r/ que tende a variar devido a fatores extralinguísticos, como ponto geográfico, contexto social, idade do falante, descendência étnica, dentre outros fatores (SILVA, 2012; TARALLO, 2007). Conforme, discorre-se a seguir, na seção 2.1.2, o /r/ do PB está passando por uma mudança no modo e lugar de articulação, de vibrante para fricativa e de alveolar/dental para velar (MONARETTO, QUEDNAU, HORA, 2010; CALLOU e LEITE, 2013, p.77).

2.1.2 Leitura histórica do /r/ e suas realizações de prestígio e desprestígio no PB

Na presente seção realiza-se uma leitura diacrônica sobre a realização do /r/ no PB. Dessa forma, apontam-se os alofones de prestígio e desprestígio no PB, assim como os fatores que contribuíram para que determinada(s) variante(s) do /r/ assumisse(m) uma aposição de maior importância que outra(s) no âmbito social. Desse modo, Fachin (2007) discorre que no latim a pronúncia era a vibrante alveolar, não havendo, portanto, distinção entre o tepe [r] e a vibrante múltipla alveolar [r̥]. Assim, França (2005) denota para o latim a hipótese da vibrante única. Fernández (2005) afirma que, no século XVII, passa a ganhar *status* a pronúncia francesa vibrante uvular [R] que se dissemina por toda a Romênia. O autor ainda ressalta que foi a corte portuguesa quem trouxe essa realização, no século XIX, para o Rio de Janeiro, e a partir daí, a variante passou a disseminar-se para outros locais brasileiros.

Conforme Mollica (2004), todo sistema linguístico está constantemente sujeito a pressão de duas forças que atuam no sentido da variedade e da unidade. Esse processo ocorre através da interação e impulsos contrários, que com o tempo adentra a mudança. Seguidamente ocorre o impulso à convergência, quando os falantes esforçam-se para ficarem mais semelhantes com aqueles que estão interagindo. No entanto, ressalta-se que a disputa entre as variantes, tende a privilegiar, sempre, as variantes de prestígio (TARALLO, 2007).

Diante dessa declaração, acredita-se que muitos brasileiros, vendo na elite muito luxo e poder, provavelmente, têm tentado imitar a vibrante uvular [R] em detrimento de outras variantes, fato que pode ter desencadeado o surgimento do fone fricativo para o fonema /r/. Dessa forma, Langaro (2005) afirma que essa pronúncia começa a ganhar espaço no Brasil a partir da década de 70, século XX, em detrimento da vibrante. Callou e Leite (2013)

corroboram com o exposto, afirmando que a pronúncia da fricativa alveolar desvozeada [x] hoje é a variante mais privilegiada.

De acordo com os autores, isso se deve principalmente a disseminação dos meios de comunicação, que passaram a atribuir *status* a esta realização. No entanto, conforme Silva (2012, p. 39), o tepe [r] em posição intervocálica e seguindo consoante na mesma sílaba é uniforme em todas as variedades do PB.

Monaretto, Quednau, Hora (2010, p.210) concluem que a realização do /r/ “segue um processo de posteriorização (anterior para posterior) com eventual mudança de vibrante para fricativa”. Viola (2006) arrola que o lugar de articulação, além da uvular, passa a realiza-se, também, como velar e glotal.

No Rio Grande do Sul, a vibrante múltipla [r̃] ainda está em uso, bem como o tepe [r] (LANGARO, 2005). E devido os ítalo-brasileiros terem migrado desse estado para o oeste de Santa Catarina, ainda nas primeiras décadas do século XX, pressupõe-se que a realização da vibrante, também, ocorra nessa última região (SPESSATO, 2003; MARGOTTI, 2004). Todavia, a pronúncia fricativa tende a estar presente nas cidades maiores do estado do Rio Grande do Sul, bem como de Santa Catarina, uma vez que, segundo Langaro (2005), esta realização já abrange grande parte do território brasileiro, disseminando-se, vagarosamente, do ambiente urbano para o rural.

Silva (2012) destaca que “falantes de qualquer língua prestigiam ou marginalizam certas variantes regionais (ou pelo menos não as discriminam), a partir da maneira pela qual as sequências sonoras são produzidas”. Assim, destaca-se que “não há variante melhor ou pior de uma língua, há variantes de prestígio, estigmatizadas ou neutras” (SILVA, 2012, p.12).

Frente ao exposto, Frosi e Raso (2011) ressaltam que a variedade italiana é, muitas vezes, julgada como “língua da roça”. Isso por que “as marcas próprias do dialeto italiano foram incorporadas às regras do português, levando a uma produção linguística que não condiz totalmente com as regras do dialeto padrão do português brasileiro” (SPESSATO, 2003, p.46).

No entanto, as características das variantes padrão e não padrão, existentes em qualquer língua, nem sempre relacionam-se ao que é previsto pela gramática tradicional como correto (SILVA, 2012). Trudgill (2000) corrobora que mesmo numa variedade padrão, pode haver variação formal e informal na pronúncia.

Para Spessato (2003), a vibrante múltipla alveolar [r̃] para os contextos do r-forte e o tepe [r] nos ambientes de r-fraco, fazem parte da variedade padrão do PB, que comumente

ganharia *status* social. Os ítalo-brasileiros apresentam dificuldade de empregar a vibrante, com destaque para os contextos do r-forte e, dessa forma, conforme a autora, estariam sofrendo preconceito linguístico social. Todavia, se levarmos em conta as pesquisas de Langaro (2005) e Leite (2012), mesmo que os ítalo-brasileiros pronunciassem a vibrante em conformidade com seus contextos, ainda assim poderiam sofrer estigma, já que a fricativa destaca-se como realização prestigiada.

Segundo Guy (2000) os membros de uma comunidade de fala compartilham de costumes e características linguísticas em comum. Assim, “[...] usar os termos específicos da comunidade mostra que você é um membro, e não os usar mostra que você é um intruso” (GUY, 2000, p.18). Então, acredita-se que os ítalo-brasileiros não devem sofrer preconceito linguístico, mesmo empregando o tepe [r] nos contextos de r-forte, quando estabelecerem comunicação restrita ao seu grupo de fala, fora desse ambiente tendem a sofrer estigma. O mesmo pode acontecer com os falantes da fricativa. Isto é, ao adentrar a comunidade de fala dos ítalo-brasileiros, esses falantes podem sofrer desprestígio por não pronunciarem a vibrante para o fonema /r/.

Em suma, constata-se que o PB está passando por uma mudança no ponto e modo de articulação (MONARETTO, QUEDNAU, HORA, 2010; CALLOU, LEITE, 2013; VIOLA, 2006). Assim, a realização fricativa torna-se prestigiada e aos poucos vem substituindo a vibrante, que se concentra mais no contexto rural (LANGARO, 2005; CALLOU, LEITE, 2013; CALLOU, 2009). Segundo Langaro (2005), os meios de comunicação vêm exercendo grande influência na disseminação dessa variante, fato que pode desmerecer outras realizações e, conseqüentemente, a heterogeneidade linguística presente no cenário brasileiro. Contudo, ao considerarmos os estudos de Weinreich, Labov e Herzog (2006), a homogeneização da pronúncia do fonema /r/, nos contextos do r-forte, é utópica, pois a variação linguística é inerente à língua.

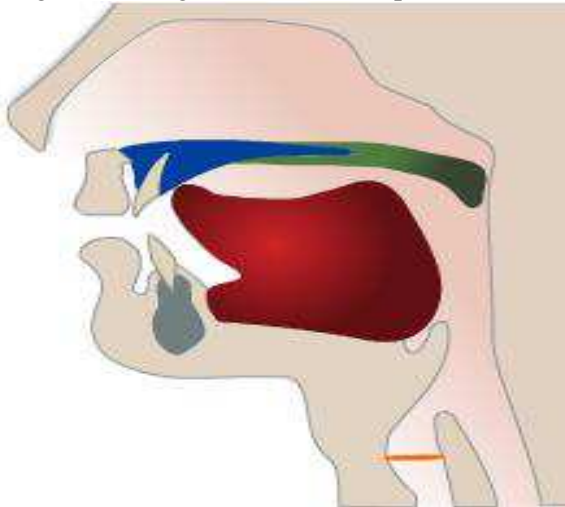
2.1.3 Realização do /r/ na LI

Nesta seção descreve-se sobre a realização do /r/ na LI. Assim, com base em Carr (2013), Ladefoged e Johnson (2013) e no sistema fonológico geral da LI, os fones de /r/ são divididos em dois grupos: róticos e não róticos. Nas variedades róticas, o /r/ é realizado como retroflexo em todos os ambientes que ocorre: final de sílaba e palavra, *car* (carro), final de sílaba seguida de consoante, *park* (parque), final de sílaba precedida por vogal, *berry* (baga),

em início de palavra, *red* (vermelho), e em encontro consonantal, *price* (preço). Em variedades não-róticas da LI, o fonema /r/ não é realizado no final de sílaba e palavra, como em *car* (carro), e final de sílaba seguida por consoante, *park* (parque), mas é realizado nos demais contextos: em final de sílaba seguida de vogal, *berry* (baga), em início de palavra, *red* (vermelho), e encontro consonantal, *price* (preço). A RP²² (Received Pronunciation) é uma variedade não rótica (CARR, 2013).

Dessa forma, conforme Erickson (2002, p.196) e Carr (2013) no inglês americano, bem como na maioria das variedades da LI, a aproximante retroflexa [ɹ] e a aproximante alveolar [ɹ̥] são alofones mais comuns encontrados para /r/. Para configurar a realização da aproximante retroflexa [ɹ], a ponta da língua faz o movimento curvada para cima e para trás e não toca a região alveolar. Já para ocorrer aproximante alveolar [ɹ̥], a língua faz o movimento com sua ponta curvada para baixo em direção ao centro da boca. Na figura três, a seguir, ilustra-se a pronúncia comum ao retroflexo:

Figura3 – Imagem ilustrativa da pronúncia retroflexa



Disponível em: Fonética e Fonologia. www.fonologia.org.

Há ainda o fenômeno de vocalização do /r/ que ocorre em muitas variedades da LI. O chamado *schwa*, que apresenta as seguintes realizações: [ɜ, ə, ɑ, ɔ]. O primeiro (*sulcal schwa*)-(schwa sulcado) ocorre com a língua enrolada. Ex: *bird* [bɜ:d]-(pássaro) e *turn* [t^h:n]-

²²É uma pronúncia que somente ocorre junto com a LI padrão. Dessa forma, faz parte do inglês britânico e tem alto prestígio, também conhecida como *English*, *English accent*, denominada pelos linguistas como RP (Received pronunciation). É uma realização padrão, portanto objetiva não carregar marcas regionais (TRUDGILL, 2000, p.07).

(virar). Já no segundo, compreende uma mudança de [+ *sulcal*] to [- *sulcal*] - (+ sulcal para - sulcal)- a língua se torna plana (*sulcality loss*) – (perda de sulcalidade). Ex: *duro* [doə]-(porta) e *nearby* [niəbɑi]-(perto).

Outra variação do *schwa* é quando ocorre a mudança de [- *low*] to [+ *low*] (*lowering*)= [ɑ]: (- baixo para + baixo= abaixamento).Ex: *far* [fɑ] - (longe), *more* [mo]-(mais).O *schwa* ainda se realiza como [ɔ], quando precede as vogais. Ex: *more* [mɔ]-(mais), *North* [nɔ:θ]-(Norte). Assim, o *schwa* afeta ambos os retroflexos já citados [ɹ] e [ɹ̄], bem como outras articulações variantes.

A realização retroflexa [ɹ] e [ɹ̄] pode afetar outros segmentos, bem como ser afetado por estes.O fenômeno *Anticipatory retroflexion* (doravante AR), é aplicado, obrigatoriamente, para [s] antes de /r/, o que leva esse [s] a ser realizado como [ʂ]. O [ʂ] é um alofone de /s/. Este processo tem o efeito da proibição de sequência de /sr/- em LI e, dessa forma, somente ocorre /ʂr/. Nesse sentido, o estrangeiro /sr/ é emprestado como /ʂr/. Ex: / *SriLanka* / /ʂrɪlɑŋkə/ [ʂɹɪlɑŋkə]-(Sri Lanka). Este processo pode também acontecer com falantes das realizações não retroflexas de /r/, quando ocorre retração da língua ao invés de retroflexão.

Em algumas variedades, não se aplica o fenômeno AR e, nesse viés, é permitido sequências /sr/, como por exemplo: *shrimp* [sɹɪmp]-(camarão), bem como a realização não retroflexa de /r/. Por sua vez, em outras variedades o processo AR não afeta somente o /S/, porém todas as consoantes coronais e as fricativas que precedem o /r/ .

Ex: *Andrew* [æŋdʒɹ̄u]~[æŋdʒɹ̄u]-(André)

His truck [hɪzɹ̄ɔk]-(o caminhão dele)

Street [stɹ̄ɪt]-(rua)

Nos dois primeiros exemplos, AR opera entre sílabas e fronteiras de palavras .Esse fenômeno ocorre no inglês crioulo do Hawai e em muitas outras variedades americanas. Por outro lado, em alguns dialetos AR está limitado com palavras que iniciam com /s/ e qualquer consoante coronal em início de sílaba com silábica /r/. Ex: *sure* [ʂɹ̄]-(com certeza); *azure* [æzɹ̄]-(azul); *turn* [tɹ̄n]-(virar).

Outro fator que afeta a retroflexão é o tepe [r]. Esta realização ocorre entre palavras e depois das fricativas interdentais [ð] [θ]. Ex: *bathe right now!* [beɪðɹ̄aɪt̪nəʊ]-(banhe-se agora!); *throb* [θɹ̄ɔb]-(vibrar); *through* [θɹ̄u]-(através) e ainda na substituição de “t” e

“d” como em *better* [bɛrɚ]- (melhor); *water* [wɔrɚ]- (água). Não obstante, Carr (2013) ressalta que muitos dialetos da LI utilizam o tepe [r] ao invés da vibrante múltipla alveolar [r̥], é o caso dos escoceses.

Em suma, percebeu-se que o /r/ apresenta variação significativa na oralidade em LI, sendo que em algumas variedades não - róticas, como a RP, em coda silábica e final de palavra, *farm* (fazenda) e *car* (carro) ocorre queda desse fonema. Assim, vale ressaltar que o retroflexo constitui a pronúncia mais comum na LI, tendo grande prestígio; todavia, em alguns contextos, dependendo da variedade, ele tende de ser afetado, por exemplo, pelo tepe [r], bem como pelo fenômeno de vocalização (ERICKSON, 2002; CARR, 2013). No entanto, pressupõe-se que, no inglês americano, a pronúncia retroflexa, atrelada a todos os contextos, não tende a ser comumente falada, a não ser quando restrita a situações mais cultas, podendo ainda ocorrer alterações, como tende a acontecer em qualquer língua.

2.1.4 Leitura histórica do /r/ e suas realizações de prestígio e desprestígio na LI

Nesta seção procede-se uma leitura diacrônica do /r/ apresentando as realizações de prestígio e desprestígio na LI, bem como os fatores que contribuíram para que determinada(s) variante(s) assumisse(m) um posto de maior ou menor importância frente à outra(s). Dessa forma, vale ressaltar que a LI pertence ao ramo germânico e, conforme Ladefoged e Johnson (2010), na maioria das variedades da LI, a variável /r/ realiza-se como aproximante alveolar [ɹ] e/ ou aproximante retroflexa [ɻ].

Na maioria das línguas germânicas, dentre estas o norueguês e o sueco, a realização do /r/ é uma vibrante múltipla [r̥], sendo que, em muitas outras, ocorre o tepe [r], em algumas destas há também a realização da aproximante alveolar [ɹ] em coda silábica. Já o dinamarquês e o alemão têm uma pronúncia uvular, que dependendo da variedade pode ser vibrante uvular [R] ou fricativa uvular [ʁ]. Algumas línguas, a exemplo do holandês, alemão, norueguês, sueco e ídiche, dependendo da variedade, apresentam ambas as realizações coronal²³ e uvular. Todavia, conclui-se que o /r/ original da LI nas línguas germânicas é a vibrante múltipla [r̥] (ERICKSON, 2002).

²³ Os linguistas concordam que coronais incluem fones produzidos com a ponta (tip) ou a lâmina (blade) da língua, há aqueles que atribuem coronal àqueles fones produzidos com a parte ântero-dorsal (antero-dorsum) da língua, isto é, a parte detrás da lâmina (HALL, 1997, p.05).

Quanto à uvular, Chambers e Trudgill (1998, p.70 *apud* ERICKSON, 2002) afirmam que esta foi uma inovação do francês parisiense e que entrou na língua alemã através do contato. Muitos germanistas, no entanto, recusam essa influência do francês, afirmando que a realização uvular já existia no alemão, antes que aparecesse no francês. Para tanto, consideram essa pronúncia como uma inovação e não a original realização do /r/ (ERICKSON, 2002, p.183).

Dessa forma, discorre-se que a vibrante múltipla [r̥] é a provável pronúncia inicial do /r/ na LI. Conforme Erickson (2002, 09), durante o desenvolvimento do inglês pré-moderno, 1500-1650, o lugar de articulação das consoantes coronais muda de dental para alveolar. Isso fez com que a língua assumisse uma dimensão de sulcalização e impulsionasse a mudança de vibrante para retroflexo. Num período anterior, o retroflexo [ɹ] ocorria geralmente em coda silábica, e a central aproximante [ɹ] ou aproximante alveolar aparecia com uma pronúncia alternativa para o /r/. Depois, a realização retroflexa se disseminou para outros contextos e então substituiu a vibrante. Vale ressaltar que, sendo as duas realizações [ɹ, ɹ̥] quase idênticas acusticamente, pode haver alterações entre uma e outra, dependendo da variedade (LADEFOGED; MADDIESON, 2013).

No entanto, dentre as variedades da LI padrão, Trudgill e Hannah (1994, p.02) arrolam que as duas principais são: a variedade do inglês norte-americano (NAMEng) e a RP (*received pronunciation*). A primeira é escrita e falada por estadunidenses e canadenses cultos, e naturalmente, ensinada para estudantes aprendizes de LI na América do Norte, em muitas partes da América Latina e outras áreas do mundo. Já a segunda tem sua origem no sudeste da Inglaterra, mas é atualmente uma pronúncia associada com a BBC²⁴, EPU's na Inglaterra, membros da classe média e classe alta. É considerada uma realização de prestígio em todas as Ilhas Britânicas e em toda a Comunidade Britânica.

No inglês americano, conforme Erickson (2002, p.183), a aproximante alveolar [ɹ] e a aproximante retroflexa [ɹ̥] são os alofones mais comuns encontrados para o /r/. Assim, de acordo com a fonte “Accents of English from Around the World”²⁵, encontramos para essa variedade as realizações da aproximante retroflexa [ɹ̥] e do tepe [ɹ]. A primeira ocorre em início de sílaba e palavra como em, *red*: [ɹɛd]-(vermelho); encontros consonantais, *drink*:

²⁴British Broadcasting Corporation (Corporação Britânica de Radiodifusão)

²⁵<http://www.lel.ed.ac.uk/research/gsound/Eng/Database/Phonetics/Englishes/Home/HomeMainFrameHolder.htm>.

[dʌɪŋk]- (beber); *brother*: [brʌðə]- (brother) e pós-vocálico, *corn*: [kɔ:ɪn]- (milho), e é também vocalizada: *hunger*: [hʌŋgə]- (fome). Já a segunda, na substituição de /t/ como em *better*: [betə]- (melhor) e *daughter*: [da:ɾə]- (filha).

Para a variedade padrão RP encontrou-se a realização da aproximante retroflexa [ɹ], em contextos de início de sílaba como em *red*: [ɹɛd]- (vermelho); encontros consonantais, *hundred*: [hʌndrɪəd]- (cem); a vocalização *better*: [betə]- (melhor); e a ausência de /r/ em ambientes pós-vocálicos: *earth*: [ɜ:θ]- (terra); *storm*: [stɔ:m]- (tempestade); *father*: [fa:ðə]- (pai).

Nesse viés, Trudgill (2000, p.09), discorre que muitas variedades da LI pronunciam o /r/ em palavras como *cart* (carrinho) e *car* (carro) e uma grande maioria também o realiza em *carry* (carregar) e *sorry* (sinto muito). Por outro lado, em algumas variedades o /r/ não é pronunciado, como por exemplo, em vocábulos como *cart* (carrinho) e *car* (carro); exceto quando este ocorre antes de vogais. Em outros contextos- final de palavra *car* (carro), ou antes, de uma consoante *cart* (carrinho), é denominado como ‘*non-prevocalic /r/*’. Assim, variedades com omissão do *non-prevocalic /r/*, estão presentes nos Estados Unidos, Índias Ocidentais, na Inglaterra, no País de Gales e Nova Zelândia, bem como em toda a Austrália e África do Sul. Então, palavras como *ma* e *mar* são pronunciadas de forma igual.

Na Inglaterra, realizações sem o *non-prevocalic /r/* têm mais status e são consideradas mais “corretas” daquelas que o pronunciam. Por outro lado, a RP, frequentemente, utiliza o *non-prevocalic /r/* no rádio, televisão e teatro para indicar que um personagem é do campo ou analfabeto. Dessa forma, desprestigia-se a língua desses falantes, através da comicidade. Nos Estados Unidos, no entanto, há partes do país em que essa situação se reverte, e usar o *non-prevocalic /r/* atribui prestígio ao falante (TRUDGILL, 2000, p.09-10). Por sua vez, vale ressaltar que os julgamentos que atribuem *status* ou estigma ao *non-prevocalic /r/* decorrem de conotações sociais que desprezam a heterogeneidade da LI, sem levar em conta que

There is no universally acknowledged standard accent for English, and it is, at least in theory, possible to speak Standard English with any regional or social accent. (In practice there are some accents, generally very localized accents associated with groups who have had relatively little education, which do not frequently occur together with Standard English, but there is no necessary connection between Standard English and any particular accent or accents) (TRUDGILL, 2000, p.07)²⁶.

²⁶ Não há uma pronúncia padrão universalmente reconhecida para a LI, e é, pelo menos em teoria, possível falar a LI padrão com qualquer sotaque regional ou social. (Na prática, existem algumas realizações, geralmente pronúncias bem localizadas associadas a grupos que tiveram relativamente pouca educação, que não ocorrem com frequência em conjunto com variedade padrão da LI, mas não há nenhuma conexão necessária entre a variedade padrão da LI e qualquer sotaque ou pronúncia particular) (Trudgill, 2000, p.07) (tradução minha).

Não obstante, outro estudo relativo à pronúncia do /r/, é apresentado em Labov (2008), desenvolvido em três lojas de departamentos de Nova Iorque. Saks (classe alta), Macy's (classe média) e S.Klein (classe baixa). Nessa investigação, Labov, com base na teoria da sociolinguística, diagnosticou a presença ou a ausência de /r/ como realização vibrante, em posição pós-vocálica. Os resultados dessa investigação mostram que o uso total ou parcial da vibrante é uma das características do novo padrão de prestígio que se sobrepôs àquele nativo de Nova Iorque. Portanto, a ausência do /r/ em posição pós-vocálica é alvo de estigma social, e a presença confere prestígio ao falante. Por sua vez, vale ressaltar que a frequência do /r/ fora introduzida em Nova Iorque na Segunda Guerra Mundial por influência londrina. Nessa época, a ausência de /r/ em contextos pós-vocálicos resultava numa pronúncia de prestígio; já nos estudos de Labov, esta situação se reverte.

Em suma, segundo Carr (2013, p.161), as variedades róticas são mais prestigiadas que as variedades não-róticas; frente a essa afirmação, usar o /r/ em todos os contextos torna-se mais prestigioso para o falante. Todavia, considera-se que muitos aspectos relativos à denominação de *status* ou estigma às variantes, são questões puramente sociais, não levando em conta que a língua está em constante processo de variação e com o tempo, pode sofrer mudança (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006). Por sua vez, na escrita padrão há uma tendência de manter a forma, já na oralidade, nessa mesma variedade podem ocorrer oscilações entre uma pronúncia formal e outra coloquial, uma vez que, segundo Trudgill (2000), as variantes padrão estão mais ligadas à escrita do que à fala.

2.1.5 PB e LI: relações de semelhança, diferença e influência na realização do /r/

Nesta seção arrola-se acerca das semelhanças e diferenças entre a realização do /r/ do PB com a realização do /r/ na LI. Ainda apresenta-se uma síntese sobre pesquisas que investigaram a influência do /r/ do PB na LI.

Ao realizar um estudo diacrônico sobre o PB e a LI, no que diz respeito aos fones do /r/, constatou-se que, embora a primeira língua seja de origem românica e a segunda germânica, ambas apresentam a realização original do /r/ como vibrante. Conforme Langaro (2005) e Leite (2012), mais precisamente a partir da década de 70, século XIX, vem ocorrendo uma mudança no modo de articulação do /r/ de vibrante para fricativa no PB. Na LI, por exemplo, durante o inglês pré-moderno, passa a ocorrer uma mudança do /r/ de vibrante para retroflexa (ERICKSON, 2002).

Não obstante, há variedades da LI e do PB, que ainda realizam a maneira de articulação vibrante. Assim, especificamente, no PB, dependendo dos contextos o /r/ ocorre como vibrante múltipla [r̃] e tepe [r], sendo que há ainda uma realização intermediária, entre essas duas variantes, que está presente na falados ítalo-brasileiros, conforme Spessato (2003) e Margotti (2004). Na LI, segundo Erickson, 2002, além da vibrante múltipla [r̃] e o tepe [r], há também a pronúncia da vibrante uvular [R]. Isso significa que, embora o PB e a LI seguíram rumos diferentes nos aspectos fonéticos e fonológicos, ainda apresentam semelhanças quanto à realização do /r/ em algumas variedades.

Todavia, enquanto alguns alofones do /r/ são prestigiados na LI, no PB são, em algumas situações, desprestigiados. Exemplos que ilustram variantes desprestigiadas no Brasil, com base em Silva (2012), é a pronúncia da retroflexa alveolar vozeada [ɹ] que ocorre no dialeto caipira, da área rural de São Paulo, ao final de sílaba como em (mar), bem como o apagamento do /r/, em palavras como (canta)ao invés de (cantar), de acordo com Dias (2004). Além disso, há a realização do tepe [r] em contextos de r-forte ou da vibrante múltipla [r̃] nos contextos r-fraco, pelos bilíngues PB/italiano, que também denota estigma para esses falantes. Assim, para *carro* (automóvel) pronuncia-se [caro], *caro* (preço) pronuncia-se [cãro] e para *rápido* [rápido] (SPESSATO, 2003; ROSSI, 2000; FROSI e RASO, 2011). Por outro lado, de acordo com Trudgill (2000), Erickson (2002) e Carr (2013), na LI, a realização retroflexa, o apagamento do /r/ na fala de Londres e o tepe [r], pronunciado pelos escoceses em início de sílaba e palavra como em *red* (vermelho), *creep* (mover-se) e *witty* (espirituoso), parecem estarem entre as variantes de prestígio na LI.

Vale ressaltar que no PB, há o contraste entre o r-forte e o r-fraco em contextos intervocálicos como em (caro/carro) (SILVA, 2012). Na LI, não ocorre esse contraste, e nas variedades róticas pronuncia-se o retroflexo, para tais contextos, como por exemplo: *carry* (carregar) e *cooperate* (cooperar) (LADEFOGED; MADDIESON, 2013). Carr (2013, p.11) afirma que muitas variedades da LI não pronunciam o tepe [r], nem o retroflexo [ɹ], mas sim a vibrante múltipla alveolar [r̃] em palavras como *rat* (rato), *rope* (corda), *prude* (pudico), *true* (verdadeiro) e *creep* (mover-se).

Assim, conforme Silva (2012), no PB encontra-se para o /r/ os seguintes segmentos [x, y, h, fi, r̃, r, ɹ]. Já no inglês americano, conforme Ladefoged e Maddieson (2013), os fones de /r/ são divididos em róticos e não róticos. Assim, no primeiro grupo realiza-se a pronúncia

retroflexa em todos os contextos de /r/: havendo uma alternância entre a aproximante retroflexa [ɻ] e a aproximante alveolar [r]. No segundo grupo acrescenta-se a realização retroflexa [ɻ] e [r] para alguns contextos, o tepe [r], bem como o *schwa*, representado por [ɜ, ə, ɔ, ɔ̃] (ERICKSON, 2002). Este último afeta os róticos, atribuindo um fone vocalizado. No PB, o /r/ é marcado por uma diversidade maior de alofones, e diferente da LI, não ocorre vocalização, mas pode ocorrer apagamento do /r/, em contextos de final de sílaba como em *perder*.

No Brasil, encontram-se poucos estudos sobre a possível influência do /r/ do PB na LI. Deus (2009) investigou estudantes universitários com diferentes níveis de proficiência em LI, oriundos de várias regiões do Brasil e, atualmente, moradores de Curitiba-PR. De modo geral, detectou que houve maior influência dos fones de /r/ do PB para a LI, em contextos de início e meio de palavra por indivíduos menos proficientes na língua alvo. Schadech (2013) pesquisou a realização do /r/ em início de palavra por brasileiros também universitários, que viveram maior parte de suas vidas em Santa Catarina, falantes da LI como LE. Para tanto, concluiu que houve pouca intervenção da pronúncia do /r/ do PB para a LI. Isso significa que a maioria realizou a aproximante alveolar [r], que faz parte da variedade padrão da LI, e, somente uma minoria, realizou a fricativa glotal desvozeada [h]. Camargos (2013) observou as cidades de Belo Horizonte e Lavras no estado de Minas Gerais, para saber como os falantes realizam o retroflexo na LI. Então, constatou uma maior ocorrência do retroflexo para todos os contextos, em segundo lugar apareceu a fricativa. Todavia, os indivíduos fluentes em LI como LE, apresentam maior realização do fone retroflexo.

Em suma, percebeu-se que o PB e a LI têm a realização original do /r/ como vibrante, sendo que, atualmente, muitas realizações do fone do /r/ do PB ocorrem também na LI, mas na primeira língua parece haver uma maior variedade de alofones para o /r/, quando comparado com a segunda. Além disso, algumas variantes desprestigiadas no PB parecem ganhar *status* na LI. Está constatação parece reafirmar que a variação linguística é inerente a toda a língua, conforme Tarallo (2007). É importante destacar ainda que em toda comunidade de fala há a existência de variantes prestigiadas e desprestigiadas, mas algumas pronúncias estigmatizadas pela sociedade, num aspecto geral, podem constituir-se como padrão, quando restritas a sua comunidade de fala (BORTONI-RICARDO, 2011; GUY, 2000).

Com relação às pesquisas sobre a influência do fonema /r/ do PB na LI como LE, percebeu-se que com o aperfeiçoamento dos estudos os indivíduos tendem a aproximar mais

sua fala da variedade culta e, dessa forma, distanciar-se da variedade não padrão. Então, os indivíduos menos fluentes demonstram ter maior influência do /r/ do PB na fala da LI como LE, e os mais fluentes tendem a aproximar mais sua pronúncia da variedade padrão.

2.2 BILINGUISTO

Nesta parte conceitua-se o bilinguismo através de teorias que posicionam-se acerca do fenômeno. Parte-se do pressuposto de que o bilinguismo é mensurável, já que não existe indivíduo bilíngue com igual domínio das habilidades linguísticas. Além disso, esse fenômeno não envolve somente o domínio das línguas majoritárias, mas também das variedades minoritárias (MACKEY, 1972; ROMAINE, 1995; BAKER, 2011; HEYE, 2003).

2.2.1 Descrição do bilinguismo

Ainda no século XX, aproximadamente há 30 anos, ser bilíngue era considerado prejudicial por muitos educadores, uma vez que impediria o aprendizado de uma das línguas, bem como, prejudicaria o desenvolvimento e reduziria o coeficiente intelectual da criança bilíngue. Em meados de 1960, século XX, felizmente, passou-se a comprovar que o bilinguismo traz benefícios para o indivíduo e o conceito antigo, em partes, foi se modificando, pelo menos no meio acadêmico. Entretanto, muitos pesquisadores e, principalmente pessoas leigas, ainda duvidavam acerca desses resultados, mas graças aos avanços tecnológicos dos últimos anos surgiram comprovações incontestáveis (MUJICA, 2013, p.15).

Assim, ainda em Mujica (2013, p. 15-16), ressalta-se que vem ocorrendo uma mudança de paradigma por parte de muitos estudiosos quanto ao conceito de bilinguismo, e estudos como o da norte-americana Laura Ann Petitto, da Gallaudet University, têm contribuído para uma nova concepção acerca do fenômeno. Essa pesquisadora constatou que bebês expostos ao bilinguismo desde cedo, já ao final do primeiro ano de vida, apresentavam um aumento de atividade neurológica ao ouvir línguas desconhecidas. Todavia, atualmente, pressupõe-se que o conceito de ser bilíngue muito pouco ultrapassou para o lado de fora da academia.

É estimado que, numericamente, o bilinguismo ocupe dois terços e meio da população mundial. Esse dado vem crescendo consideravelmente, pois o fenômeno está disseminando-se internacionalmente através do comércio e viagens internacionais, internet e meios de

comunicação de massa, imigração e na economia global interligada. Entretanto, a globalização e o interculturalismo são ambos as causas e efeitos do bilinguismo e multiculturalismo (BAKER, 2011, p.66).

Nesse cenário globalizado, ainda conforme Baker (2011), muitas línguas se fortalecem, como é o caso da LI, outras entram em declínio e podem desaparecer. Um exemplo desse último caso são as línguas de imigração, como o italiano e alemão, em comunidades gaúchas e catarinenses, pois as gerações mais jovens vêm deixando de falar devido a vários fatores. Dentre estes, pode-se citar o monolinguismo no PB, alimentado pela escola, as pressões sociais, que também privam pela língua majoritária, e o preconceito contra as variedades minoritárias (ALTENHOFEN, 2004; KRUG, 2004, 2011; MARGOTTI, 2004; CAMPOS, 1998).

O bilinguismo, em particular aquele societal, focaliza com maior precisão as mudanças que ocorrem na língua e em sua prática na sociedade (manutenção e substituição, desaparecimento das línguas de uma geração para a outra, as situações de diglossia, os domínios sociais, comunicação intercultural entre outros). Isso significa que as situações de bilinguismo são influenciadas por fatores linguísticos e extralinguísticos. Nesses últimos, estão presentes as atitudes e comportamento das pessoas em relação ao meio social, às línguas e seus usuários (MARGOTTI, 2004; HORST, 2009; HORST e KRUG, 2011).

Conforme Romaine (1995), muitas atribuições, acerca desse fenômeno, são contraditórias, como por exemplo, aquela que considera bilíngue somente o indivíduo que fala duas línguas orais de prestígio (nacionais ou internacionais). “Nessa perspectiva parece não se reconhecer as línguas ditas minoritárias – ou seja, contempla-se o chamado bilinguismo de elite e/ou ideal” (ROMAINE, 1995, p. 387).

Romaine (1995, p.11), a luz de Haugen (1953) e Bloomfield (1972), discorre que o bilinguismo tem sido definido em termos de categorias, escalas e dicotomias tais como: ideal *versus* parcial, coordenado *versus* composto, entre outras definições que estão relacionadas com fatores como proficiência, função, uso, grau entre outras.

No bilinguismo coordenado, o falante associa dois conceitos distintos a dois itens lexicais distintos (*book* e livro, por exemplo), sendo-lhe difícil traduzir de uma para outra língua, dado que estas duas são percebidas como realidades distintas na sua mente. Já no bilinguismo composto, um mesmo conceito encontra-se associado a cada uma das duas palavras: as duas línguas encontram-se assim ligadas, na mente do falante, através de um conceito comum. No bilinguismo subcoordenado, as palavras da língua dominada são interpretadas através de palavras da língua dominante. Então, essa última funciona como filtro

da primeira língua. Em síntese, no bilinguismo coordenado as línguas são independentes uma da outra; no composto e no subcoordenado, as línguas dependem uma da outra (WEINREICH, 1968 *apud* ROMAINE, 1995).

Haugen (1956) define bilinguismo como sendo a habilidade que um falante tem de produzir enunciados coerentes em outra língua, além da sua materna. Bloomfield (1933) define que o indivíduo bilíngue é aquele falante nativo que tem controle das duas línguas, sem interferências de uma enquanto fala a outra.

Cummins (1981 *apud* HAKUTA, 1986, p.99) argumenta que há três tipos de bilinguismo: limitado, parcial e proficiente. O primeiro é caracterizado pela baixa proficiência em ambas as línguas. No segundo, o falante apresenta proficiência de nativo em apenas uma das línguas, e no último apresenta a proficiência de um nativo em ambas as línguas.

No entanto, o conceito de Bloomfield parece ser um tanto equivocado, uma vez que um indivíduo é raramente fluente em todas as habilidades que circundam ambas as línguas. Isso significa que o bilíngue as usa de forma funcional, ou seja, dependendo do contexto pode conferir diferentes papéis a estas. Além disso, o conceito do bilíngue equilibrado é elusivo, sendo considerado um artefato que tem como referência o monolinguismo. Fishman (1972 *apud* ROMAINE, 1995).

O conceito de Hakuta (1986) parece esclarecedor quanto à estratificação dos diferentes tipos de bilinguismo; no entanto, demonstra ser um tanto precipitado quando caracteriza o terceiro tipo de indivíduo bilíngue. Isto é, assemelha-se a noção equivocada de Bloomfield (1933), pois é difícil, senão impossível, uma pessoa apresentar proficiência comparada a um nativo nas duas línguas. Outrossim, conforme Romaine (1995, p.19), tendo em vista os conceitos que defendem a não existência de bilíngue equilibrado, conceitos como “falante nativo”, “língua materna”, “língua nativa” se tornam problemáticas também. Significa dizer que uma LM pode ser aquela falada pelo indivíduo na primeira infância, mas não necessariamente é usada por este no presente (SKUTNABB-KANGAS, 1984 *apud* ROMAINE 1995, p.19).

Em outro viés, Baker (2011, p. 03) discorre que bilinguismo e multilinguismo devem ser analisados através de dimensões como: habilidade, uso, equilíbrio entre duas línguas e idade. Dessa forma, explica-se que um bilíngue pode ser capaz de falar duas línguas, alternando entre uma e outra, porém a competência numa delas pode ser limitada.

Mackey (1972), afirma que o uso de duas línguas por um indivíduo pressupõe a existência de duas comunidades linguísticas diferentes, com provável contato entre elas, que por sua vez, variam de acordo com as seguintes estratificações:

Grau: para mensurá-lo é necessário realizar testes de compreensão e expressão na forma oral e escrita de cada língua, uma vez que o bilíngue não necessariamente obtém controle igualitário das quatro habilidades.

Função: o grau de proficiência em cada língua depende de sua função; ou seja, dos usos e condições em que o indivíduo expõe a língua.

Alternância: a prontidão com que um bilíngue muda de uma língua para outra, depende de sua fluência em cada língua e suas funções internas e externas.

Interferência: podem variar de acordo com o meio, estilo, registro e o contexto em que o bilíngue está inserido.

Baker (2011) corrobora que um indivíduo é capaz de usar uma língua para conversação e outra para a escrita e leitura. Essa é uma diferença entre habilidade linguística e habilidade de uso. Ainda ressalta que alguns indivíduos bilíngues falam e escrevem em ambas as línguas, outros são mais passivos e, dessa forma, têm habilidade na leitura e na escrita. Para muitos, a competência em duas ou mais línguas é bem desenvolvida. Então, o bilinguismo funcional (de uso) se concentra em: quando, onde e com quem as pessoas usam suas duas línguas (BAKER, 2011, p.03).

Nesse íterim, Heye (2003, p.34) declara que as definições sobre bilinguismo, em síntese, partem de fatores como competência, domínio e função. Assim, mesmo que as propostas se difiram na descrição dos critérios, num aspecto geral são equivocadas, pois atribuem ao bilinguismo um conceito de fenômeno absoluto, quando na verdade ele é relativo. Para tanto, ainda conforme Heye (2003) arrola-se que a condição de bilíngue tende a se modificar durante sua vida e assumir diferentes papéis. Esta afirmação leva em conta os diferentes contextos – casa, escola, ambiente profissional e funções de uso das línguas, bem como questões particulares como contexto e idade de aquisição, desvio de uma língua devido às pressões sociais ou exigências profissionais, dentre outros fatores.

Em suma, a concepção de bilinguismo por Baker (2011) difere-se, em partes, mas se aproxima em muitos pontos, daquela de Mackey (1972). Assim, ambos parecem culminar no mesmo denominador comum defendido por Heye (2003). Isto é; não existe bilíngue perfeito, sendo que este pode conferir diferentes funções à língua, dependendo do contexto onde estiver inserido. Segundo Heye (2003), faz-se necessário ainda levar em conta a condição particular dos indivíduos que se tornam bilíngues. Esta flexibilidade permite valorizar as diferentes faces do indivíduo bilíngue e destituir possíveis conceitos que partem de uma definição monolíngue e, dessa forma, rotulam um bilinguismo estático.

Torna-se relevante abordar o tema bilinguismo, pois a etnia de base dos informantes é italiana. Assim, embora os informantes não falem a variedade, convivem com a cultura um dia trazida da Itália, que se une a outras culturas e costumes, entendem muitos vocábulos dessa língua, e convivem e/ ou conhecem pessoas mais velhas que falam a variedade italiana. Além disso, esse fenômeno ocorreu de forma intensa na fala dos antepassados e precisa ser resgatado como marca da identidade ítalo-brasileira.

2.2.2 Trajetória da LI no currículo escolar brasileiro e legislação

Nesta seção é realizado um estudo histórico da LI no currículo escolar brasileiro, bem como sobre a legislação que delineou sua trajetória. Desse modo, a necessidade de se aprender falar LI no Brasil inicia com a vinda da família real em 1808, quando se oportunizou a instalação de companhias inglesas para estabelecer comércio nesse país. Estas empresas abriram ofertas de empregos para os brasileiros como engenheiros, funcionários e técnicos. Assim, ocorre a necessidade de falar a LI para constituir comunicação entre patrões e empregados (CHAVES, 2004, p.5).²⁷

Dessa forma, Naves e Del Vegna (2008 p. 34 *apud* SANTOS, 2011) destacam que o ensino dessa LE, como disciplina curricular obrigatória no Brasil, inicia em 22 de junho de 1809 ao lado do francês, através de um decreto assinado pelo Príncipe Regente. Esta decisão visava às relações comerciais que Portugal mantinha com a Inglaterra e a França. Schutz (2010) ainda destaca que o padre irlandês Jean Joyce foi nomeado oficialmente como professor de LI por D. João VI, devido a LI ser necessária para a prosperidade da nação pública.

Diante do exposto, Leffa (1999) corrobora que a implantação de línguas no currículo escolar brasileiro, tem sempre sido atrelada a interesses econômicos. Então, após a Proclamação da República em 1889, o ministro Benjamin Constant, no intuito de transformar o ensino em formador de alunos para os cursos superiores e adotar um método científico em detrimento do literário, exclui o ensino de LE do currículo. Em 1892, com o afastamento do então ministro, a LI volta a ser obrigatória. Já no ano de 1898, a LI, o francês e o alemão, passam a ser facultativos e apresentam uma abordagem literária.

²⁷A imigração inglesa pode ter trazido, para o Brasil, a realização do fone retroflexo [ɽ] que, ainda hoje, se faz presente em muitas regiões, como é o caso da área rural de São Paulo, Minas Gerais, bem como Chapecó (SC).

Segundo Schutz (2010), na década de 30 do século XIX, no mandato de Getúlio Vargas, com as tensões da 2ª Guerra Mundial, a LI passa a ser difundida como estratégia de desfazer o prestígio que tinha a Alemanha. Isso significa que o governo brasileiro temia o domínio desse território pelos alemães, levando em conta a grande imigração destes no século anterior. Dessa forma, incentivou-se o ensino da LI. Porém, essa língua chegara a ser excluída da grade curricular obrigatória pelas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (doravante LDB) promulgadas em 1961 e 1971 (SANTOS, 2011, p.01).

Conforme Leffa (1999), a trajetória no ensino de línguas compreende alterações da carga horária ministrada, bem como de metodologias de ensino desde o Período Imperial. Nesse caminho, a LI ora fora negligenciada, ora tratada indevidamente (SANTOS, 2011, p.01). Ainda em Leffa (1999), afirma-se que, no início desse período, estudava-se até seis LEs num total de 76 horas/aula. Atualmente, na grande parte das EPU's brasileiras, são ministradas duas aulas semanais de 45 minutos para o EM e três, para o EF. A LI na maioria das escolas é tida como única LE ensinada. Vale ressaltar que, em 05 de agosto de 2005, foi sancionada a Lei n. 11.161 que torna obrigatória a oferta do espanhol em todos os estabelecimentos de EM do país e faculta essa oferta ao EF de 6º a 9º ano a partir de 2010.²⁸

No que se refere à metodologia do ensino de LEs, com base em Santos (2011), primeiramente atribui-se importância à tradução para a língua alvo e ao estudo da gramática. Já os Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante PCNs) afirmam que no EF deve-se enfatizar a leitura e no EM, a competência integral das habilidades comunicativas (BRASIL, 1998, p. 18). Ainda, fica evidente nessa legislação a preocupação de preparar o educando para o mercado de trabalho.

Santos (2011, p.02), critica essa abordagem do ensino de línguas, pois não há uma concatenação entre EF e EM. Isto é, no primeiro privilegia-se a escrita e a leitura, e no segundo, dá-se preferência a abordagem comunicativa, sendo que ambos os níveis deveriam contemplar as quatro habilidades. No EM, há grande enfoque em cursos preparatórios para entrar na universidade e enfoque para o mercado de trabalho. Todavia, nem todos os alunos adentram o ensino superior e além do mais, estudar não visa somente à preparação para o trabalho, mas também para o exercício da cidadania.

Bagno (2007) discorre sobre a necessidade de existir uma língua comum para estabelecer comunicação com o mundo globalizado, no qual vivemos, e, dessa forma,

²⁸ MARINS COSTA, E. G de; RODRIGUES, F. C; FREITAS, L. M. A de. **Implantação do espanhol na escola brasileira: Polêmica e desafios.** Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao10/espanholnaescbr.php>. Acesso em: 12 out. 2014.

ressalta-se a importância do domínio da LI. Essa língua, no entanto, não deve ser a única a ser ofertada no currículo escolar brasileiro, uma vez que se posta em prática a legislação vigente (2000, p.28), os alunos do EM têm direito ao estudo de mais de uma LE, inclusive com direito de participação na escolha desta.

Dessa forma, se os educandos são pertencentes a comunidades de imigrantes, como italianos, alemães, poloneses, etc, poderiam optar também, por uma língua do país de sua origem étnica; se a comunidade local é indígena deve haver a possibilidade de se optar por uma língua condizente a essa população, como já acontece em muitas aldeias indígenas. Conforme (BRASIL, 1998, p.23-28), tanto no EF, quanto no EM, os alunos têm a opção de decidir qual LE estudar. No entanto, pressupõe-se que, infelizmente, a legislação que rege a educação, muitas vezes, não faz parte do conhecimento de grande parte da comunidade escolar.

Frente a essa situação, os alunos perdem o direito de ampliar seus conhecimentos. Embora a LI seja imprescindível num mundo globalizado, não deveria ser a única LE a ser ensinada. Esta constatação leva em conta que o contato com outras LEs, possibilita enriquecer o processo ensino aprendizagem através do entrelaçamento entre as diferentes culturas, línguas e costumes. Dessa forma, a escola valorizaria a pluralidade linguística presente no cenário social, e deixaria de ser singular.

2.2.3 O ensino da LI como LE nas EPU's e EPA's do Brasil

Nesta seção descreve-se sobre a situação da LI como LE, nas EPU's e EPA's do Brasil. Então, destaca-se que atualmente, o ensino da LI no Brasil tem alcançado as universidades, faculdades, EPU's e EPA's de EF e EM, escolas de idiomas e internet (SANTOS, 2011, p.01). Todavia, no cenário escolar brasileiro, conforme Bollela (2002), os alunos se queixam da qualidade de sua pronúncia e compreensão oral ao aprender a língua alvo, sendo que muitos professores mostram-se inseguros em falar em LI. Esse fato leva a crer na precariedade da formação docente por parte das universidades.

É importante assinalar que há uma tendência de o estudante transferir características de sua(s) LM(s) para uma LE (ELLIS, 1994; MOTTER, 2001; ZIMMER e ALVES, 2006). O educador, por sua vez, deve considerar esse processo como um aspecto positivo para o processo ensino-aprendizagem de línguas (BORTONI-RICARDO, 2011). Significa dizer, que deve aproveitar essa influência para contemplar a heterogeneidade linguística, presente no

âmbito social, ocasionada por fatores linguísticos e, principalmente, extralinguísticos (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006; TARALLO, 2007).

No entanto, conforme Assis- Peterson (2008), muitos educadores não estão preparados para conduzir esse processo, já que passam a frequentar um curso de Letras, sem ter conhecimento da LE a ser estudada. Dessa forma, ao final da graduação, grande parte dos professores, não possui uma boa preparação para atuar no processo ensino-aprendizagem de LE(s). Cavalcanti (1999) destaca que as universidades proporcionam um ensino que não atende às necessidades da escola, uma vez que há maior preocupação com o cumprimento da carga horária do que com os conteúdos a serem ministrados.

Por outro lado, ainda em Assis- Peterson (2008) discorre-se que a situação da LI na EPU é reflexo, primeiramente, do baixo salário pago ao professor, que precisa trabalhar além do esperado para obter um salário satisfatório. Então, para dar-se o direito ao lazer, muitos educadores deixam de atualizar-se em sua área de especialidade e optam por um ensino baseado no livro didático. Este material faz rotatividade entre as salas de aula e, desse modo, limita o processo ensino-aprendizagem, tendo em vista que as classes são heterogêneas e requerem atividades que se adaptem a cada realidade. Além disso, a carga horária destinada ao ensino de LE, também é limitada (ASSIS-PETERSON, 2008).

De acordo com Santos (2011), o descaso com o ensino da LI no Brasil, no EF e EM, não é somente oriundo das EPU's, mas também de grande parte das EPAs. Significa dizer, que as aulas estão atentas à apresentação das regras gramaticais básicas, inseridas em frases curtas e descontextualizadas, com exercícios de repetição e de substituição, bem como as questões de múltipla escolha que, no máximo, visam notas medianas em processos seletivos para acesso aos cursos superiores²⁹.

Em 2002, no II Encontro Nacional sobre Políticas de LEs, no Rio Grande do Sul, arrola-se que as escolas brasileiras não têm garantido a aprendizagem de LEs aos alunos. Assim, só tem desfrutado desse saber aqueles que apresentam condições financeiras para pagar um curso particular de idioma (SANTOS, 2011). Porém, vale ressaltar que as escolas de idiomas também têm sido alvo de críticas, pois muitas delas não aproveitam o contato entre línguas para contrastar e apreciar as diferenças e/ ou semelhanças entre ambas, bem como sobre os diferentes povos e culturas. Nesse sentido, através de livros didáticos de interesse

²⁹ Os resultados podem ser vivenciados com a reprovação e o retorno dos bolsistas do Ciências Sem Fronteiras para o Brasil, por falta de conhecimentos sólidos em LI. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/capes-manda-110-bolsistas-do-ciencia-sem-fronteiras-voltarem-ao-brasil-por-nivel-baixo-em-ingles-12138918>.

exclusivamente econômico, reforçam-se estereótipos e preconceitos (SANTOS, 2011, p.03-04).

Acredita-se que ao propiciar o desprestígio de umas e outras línguas e o engrandecimento social de outras, vai-se ao desencontro da LDB (1996), dos PCNs (1998, 2000) e leis complementares que garantem um ensino de qualidade, com respeito às diferenças étnicas e culturais, bem como a diversidade linguística. Entretanto,

ou a disciplina é incorporada de fato ao currículo, com carga horária suficiente para superar a lição do verbo *To be*, ou é melhora coragem e a decência de não incluí-la, pois desfazer o estigma do fracasso é bem mais custoso do que começar do zero (ASSIS- PETERSON, 2008, p.47).

Diante do exposto, Daher (2006) discorre que devido à fragilidade no ensino de LEs, cresce o comércio das escolas de idiomas. Estas, embora possam garantir um melhor aprendizado das quatro habilidades: ler, escrever, falar e ouvir, não são do alcance de todos e demonstram reforçar um ensino ainda mais direcionado para uma suposta homogeneidade linguística, através da ideologia do “certo” e do “errado” (SANTOS, 2011). Assim, parece se fortalecer a visão do senso comum que algumas línguas são mais importantes do que outras e ainda de que não se aprende LI nas escolas de ensino regular. Então, sente-se a necessidade de um investimento maior na formação dos professores, bem como adaptar uma metodologia que atenda aos interesses do aluno, para um ensino que vai além das quatro paredes da sala de aula.

2.2.4 O contato PB/ italiano no Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Nesta seção objetiva-se descrever como ocorreu o contato PB/italiano no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, ainda no século XIX, e sua influência no PB até os dias de hoje. Assim, conforme Altenhofen (2004) e Margotti (2004), as línguas de imigração apresentam atualmente falantes de quinta ou sexta geração. Frosi e Raso (2011), discorrem que a presença italiana no Brasil, mesmo antiga, apresenta-se inserida em todas as fases da história que, vai tanto antes, quanto depois do final do século XIX, até a Primeira Guerra Mundial. Frente ao exposto, encontra-se no Brasil nada mais do que 30 milhões ítalo-brasileiros. Segundo Spessatto (2003), os imigrantes italianos chegaram ao Brasil dirigindo-se, principalmente, às regiões sul e sudeste. A ocupação do oeste e do meio oeste catarinense ocorreu no início do século XX, com a expansão da atividade agrícola do Rio Grande do Sul para Santa Catarina, assentando inúmeras povoações próximas ao Rio Uruguai.

De acordo com Margotti (2004), passados mais 180 anos da chegada dos alemães e cerca de 130 anos que os italianos vieram para o Brasil, a questão linguística de colonização europeia, na região Sul, costuma ser dividida em três fases: a fase monolíngue, quando os imigrantes falavam a língua de origem e, vagarosamente, começaram a aprender o PB; a fase bilíngue, quando usava-se a variedade italiana nas comunicações familiares e comunitárias, e o PB no contato externo a esses ambientes; e a terceira fase que corresponde a terceira e quarta geração dos descendentes, quando se inicia, lentamente, a diminuição da fala na variedade italiana (MARGOTTI, 2004, p. 37).

Vale ressaltar, ainda conforme Margotti (2004, p.39), que a leva de imigrantes italianos eram, no geral, provenientes de diferentes províncias e, portanto, falantes de variedades diferentes. O contato com essas diferentes variedades originou um modo de falar bastante característico e peculiar conhecido como *talian* ou *coiné veneta* (italiano brasileiro). Foi essa *coiné* que se defrontou, na escola e na vida sócio-política econômica, com o PB falado diversamente nas diversas regiões.

Não obstante, alguns estudos tentam traçar um panorama do contato das línguas de colonização europeia, com o PB, na região sul. Quanto ao nível fonético-fonológico, no contato PB/italiano/alemão no PB acrescentam-se: a monotongação do ditongo nasal tônico final [ãw̃] por [õ] ou [õw̃] e vice-versa: Ex: [kora'sõ] (coração), [fo'gõw̃] (fogão) e ['sãw] (procissão); ausência da palatização das consoantes dentais /t/ e /d/ diante de /i/: ['tiw] (tio), ['diɐ] (dia) e [va'diɐ] (vadia).

Como pronúncias específicas dos ítalo-brasileiros, ressaltam-se as fricativas alveolares /s/ e /z/ ou fricativas pré-palatais /ʃ/ e /ʒ/ em lugar das fricativas alveolares /f/ e /z/ do PB: [ka'syas] ou [ka'ʃyas] (Caxias), ['zogo] ou ['ʒogo] (jogo). Esta realização acontece, mais precisamente, na fala dos falantes mais velhos. Há ainda a ausência do alçamento das vogais átonas /e/ e /o/: ['dẽⁿte] (dente), ['leyte] (leite) e ['sɛrto] (certo). Outra característica comum é a ocorrência da vogal nasal /ã/ com traço [+aberto] ao invés de traço [-aberto]: [ba'rãko] (barranco) e [tamãŋko] (tamanco). Ressalta-se que esse fenômeno, também, sucede-se com as vogais átonas finais (ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011, p.300).

Spessato (2003) e Margotti (2004) constataram que em grande parte de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, os ítalo-brasileiros realizam uma troca entre o tepe [ɾ] e vibrante múltipla alveolar [r̃], por sua vez explicam que esse fenômeno é sua característica mais marcante. Assim, atribui-se à dificuldade dos falantes ítalo-brasileiros ao fato do sistema

fonológico dos dialetos vênets³⁰, do Norte da Itália, de onde veio a maioria dos imigrantes italianos para o Brasil, no século XIX, não apresentar essa diferenciação, pois desconhecem o r-forte (SPESSATO, 2003, p.78). Altenhofen e Margotti (2011, p.229) e Krug (2004), acrescentam que a dificuldade quanto à realização do /r/ por ítalo-brasileiros repete-se, também, na fala dos teuto-brasileiros.

Em Chapecó- SC se constatou que os ítalo-brasileiros empregam mais o tepe [r] em contextos da vibrante múltipla [r̃], do que a vibrante múltipla [r̃] em contextos do tepe [r]. Ainda se encontrou o surgimento de uma realização fonética intermediária entre o tepe [r] e a vibrante múltipla [r̃] (SPESSATO, 2003). Spessato (2003) ressalta que os contextos de início de palavra como em (rato) e posição intervocálica como em (carro), facilitam a troca para esses falantes bilíngues. Esse fato, conforme a pesquisadora evidencia uma maior dificuldade dos falantes no emprego do fonema vibrante de acordo com o dialeto padrão do PB. Já nos contextos de encontro consonantal, como em (prata), não se observou variação linguística. Assim, essa conclusão se justifica, ao levarem-se em conta os estudos de Silva (2012) quando afirma-se que o tepe [r] em posição intervocálica como em (cara) e seguindo consoante, aparece como uniforme em todas as variedades.

Com relação à realização intermediária da variante /r/, Spessato (2003, p.79) explica que é assim denominada porque “a vibração não se realiza no ápice da língua nos alvéolos, como na vibrante, mas sim com a lâmina da língua, em uma situação que não ocorre com a vibrante no sistema fonológico do português brasileiro”. Essa produção intermediária se configurou na fala de parte dos informantes do banco de dados do VARSUL³¹/Chapecó-SC.

Rossi (2000), em pesquisa realizada em Chapecó e Flores da Cunha- SC, no contexto do r-forte, destacou um equilíbrio entre a realização do tepe [r] e a realização da vibrante múltipla [r̃], e um número relativamente baixo de ocorrências da fricativa velar desvozeada [x]. Assim, constatou-se que as mulheres apresentaram uma maior realização da vibrante múltipla [r̃], bem como da fricativa velar desvozeada [x] para os contextos investigados. Mas, para a análise geral dos dados, desconsiderou-se esta última variante devido ao baixo número

³⁰ Os dialetos vênets pertencem ao Norte da Itália, de onde veio a maioria dos imigrantes italianos que se destinou ao Rio Grande do Sul, e posteriormente a Santa Catarina (SPESSATO, 2003, p.78).

³¹ O projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil tem como meta armazenar e colocar à disposição dos pesquisadores amostras de realizações da fala, de habitantes enraizados em áreas urbanas socioculturalmente representativas, de cada um dos estados da região Sul (SPESSATO, 2003, p.113).

de realizações. Então, ao final da pesquisa concluiu-se que os falantes, das cidades pesquisadas, estão tentando adequar o uso da vibrante de acordo com o PB padrão (ROSSI, 2000).

No ALERS (2002), apontam-se dados sobre a realização do /r/ em Chapecó e Concórdia. Em Chapecó, aponta-se a realização da fricativa velar desvozeada [x] em início de sílaba e palavra, como também em início de sílaba precedida por consoante (Israel e genro). Nos contextos intervocálicos (carro), ocorre a vibrante múltipla [ř], sendo que em ambientes intervocálicos (caro), aparece o tepe [r]. Vale ressaltar que nos demais contextos, a citar: final de sílaba e palavra ou somente final de sílaba (entender e porto), ocorre a flap retroflexa sonora [ɾ].

Ainda com base no ALERS (2002), em Concórdia apresenta-se a realização da vibrante múltipla [ř] em início de sílaba, como também em início de sílaba precedida por consoante (Israel e genro). Já em contextos intervocálicos (carro), realiza-se o tepe [r]. Por outro lado, em ambientes intervocálicos em que deveria aparecer uma pronúncia simples [r] (caro), houve uma realização da vibrante múltipla [ř]. Vale ressaltar que seguindo consoante na mesma sílaba (prata/Brasil), tanto em Concórdia como Chapecó, realizou-se o tepe [r].

Em suma, diferente de Spessato (2003) e Rossi (2000), com base no ALERS (2002), em Langaro (2005) e Callou e Leite (2013), pressupõe-se que os ítalo-brasileiros de Chapecó, não estão adequando sua pronúncia ao padrão da vibrante, ou seja, vibrante múltipla alveolar [ř] para os contextos de r-forte e tepe alveolar [r] para os contextos de r-fraco, mas sim à realização da fricativa velar desvozeada [x]. Concórdia demonstra ser mais conservadora que Chapecó, talvez pelo fato de ser uma cidade menor e menos urbanizada que a segunda. Portanto, na variedade do PB falada pelos concordienses, ainda conserva-se a realização da vibrante para todos os contextos do /r/ (ALERS, 2002).

Diante do exposto, Spessato (2003) e Margotti (2004) arrolam que a difusão do PB nas comunidades ítalo-brasileiras está deixando de ser de contato, permanecendo apenas como substrato, pois restam apenas marcas da variedade italiana. Os teuto-brasileiros, conforme aponta Krug (2004), embora vivenciem uma situação parecida com os ítalo-brasileiros, parecem preservar um pouco mais a fala dos seus antepassados.

Nesse sentido, Krug (2004, 2011), Altenhofen (2004) e Margotti (2004) discorrem que a fala das línguas minoritárias segue uma linha decrescente, uma vez que somente a geração

mais velha ainda fala a língua minoritária, as demais faixas etárias tendem a falar de modo infrequente com a família, outros só entendem, mas não falam na variedade.

Esse processo de genocídio, conforme Cavalcanti (1999) pode ter sido desencadeado pelas pressões sociais advindas ainda da década de 30, século XIX, no Governo de Getúlio Vargas, quando passa a se proibir o uso das variedades minoritárias no intuito de nacionalizar o país. Por outro lado, cabe mencionar outras situações como o desprestígio com relação às línguas minoritárias em favor das majoritárias, impulsionado, principalmente, pela escola e pelos meios de comunicação de massa que priorizam o PB padrão, em detrimento das variedades minoritárias.

Com base em Horst (2009, 2012), o enfraquecimento da variedade italiana pode ter sido causado também pelo contato linguístico dos descendentes de italianos com famílias de origens diversas como, por exemplo, os casamentos desses com alemães, poloneses, lusos entre outros. Outrossim, o fato do italiano e do PB serem oriundas do mesmo ramo linguístico, o românico, pode ser um fator que facilitou a difusão da variedade italiana para o PB nas comunidades estudadas (MARGOTTI, 2004). Para tanto, segundo Spessato (2003), atualmente, os ítalo-brasileiros mais jovens, em sua maioria, sentem vergonha de falar na língua minoritária e, dessa forma, optam pelo PB.

Entretanto, mesmo que a fala na variedade minoritária vem esmorecendo nas comunidades de colonização italiana, os estudos realizados por Margotti (2004), Spessato (2003) e Rossi (2000) comprovam que, muito da cultura, costumes, etnia e marcas linguísticas ainda estão presentes no dia a dia desses indivíduos, fato que lhes confere uma identidade ítalo-brasileira. Assim, essa população contribui para o enriquecimento da heterogeneidade linguística presente no mosaico brasileiro.

2.3 SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA: ASPECTOS HISTÓRICOS

Nesta seção aborda-se um estudo diacrônico acerca da sociolinguística e da dialetologia tradicional, no intuito de apresentar a perspectiva teórico-metodológica atual da dialetologia pluridimensional e relacional.

2.3.1 A Sociolinguística

Esta vertente remonta a década de 60, século XX, e teve como precursor William Labov (CHAGAS, 2011). Para compreendermos a importância de Labov para a

sociolinguística, conforme Chagas (2011, p.145), torna-se fundamental realizar uma retrospectiva da abordagem estruturalista saussuriana e gerativista de Chomsky, que permeou a linguística do século XX.

No curso de linguística geral, do século XX, Saussure adota a língua como organismo homogêneo e ressalta a necessidade de se distinguir o aspecto sincrônico daquele diacrônico. O primeiro estaria relacionado ao que é momentâneo e estático e, o segundo, ao que tem duração no tempo e é dinâmico. Assim, numa tentativa de romper com o método histórico-comparativo, que constituía a linguística anterior a ele, defendeu a necessidade de estudar os fatos linguísticos sem qualquer relação com a história, para tanto atribui pouca importância aos estudos diacrônicos, privilegiando os sincrônicos. Isto é, sua intenção foi a de isolar da língua tudo o que é exterior a ela. Então, relegou para segundo plano os fatos extralinguísticos que se ocupam da relação existente entre língua e a história, as instituições e a estrutura da sociedade (WEIREINCH; LABOV; HERZOG, 2006).

Ainda segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006), outra corrente teórica da linguística, que permeou o século XX, foi o Gerativismo, iniciado por Chomsky (1957). Esta concepção surgiu contra aquela mecanicista praticada pelos estruturalistas americanos, quando defendiam uma aprendizagem de língua através da imitação, a maneira do behaviorismo e comportamentalismo de Skinner. Este fato mostra que, ainda, antes do século XIX, havia se notado que as línguas mudam, e o primórdio dessa investigação foi o neogramático Hermann Paul (1880). Então, para Paul a mudança seria um fato inconsciente e tal como Bloomfield, o fenômeno ocorreria por mecanismo de imitação de outros falantes. Nessa perspectiva não havia preocupação com o que se passava na mente das pessoas.

Em 1959, Chomsky escreve uma resenha do livro *Verbal Behavior*, de Skinner e dessa forma defende que os falantes de uma língua são criativos no uso que fazem dela, não podendo se restringir a uma simples imitação. A partir dessa nova concepção, Chomsky propõe a existência de um falante ideal numa comunidade ideal. Nessa visão, a língua é propriedade inata ao homem e, desse modo, todas as línguas têm pontos em comum, tendo em vista a existência de uma gramática universal (GU) (SILVA, 2011).

Entretanto, Chagas (2011) ressalta que tanto a visão estruturalista de Saussure, a gerativista de Chomsky, bem como a estruturalista americana não pretendem relacionar a língua, suas variações e alterações com a heterogeneidade presente no âmbito social. Assim, Willian Labov se difere dessas concepções, pois considera que não podemos nos deter somente aos aspectos linguísticos, mas incluir no estudo de língua, também, aqueles extralinguísticos.

Para tanto, oriunda dessa visão laboviana, a sociolinguística concebe a língua como um organismo heterogêneo, em constante variação e que com o tempo pode adentrar a mudança. Dessa forma, atribui ao fenômeno de transformação da língua algo inerente ao sistema linguístico que está totalmente vinculado às mudanças sociais. “As society is reflected in language in this way, social change can produce a corresponding linguistic change” (TRUDGILL, 2000, p.17).³²

Segundo Tarallo (2007), a variação é um fenômeno existente não só numa comunidade, mas na fala de um mesmo indivíduo que, por sua vez, é influenciada por fatores linguísticos e extralinguísticos. Assim, os primeiros se referem à estrutura gramatical da língua e os segundos, a fatores como faixa etária, posição geográfica, sexo, etnia, redes sociais, classe social, profissão do falante e estilo.

Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 16) fornecem um esboço dos problemas, dos quais uma teoria de mudança deve atribuir respostas: dentre estes, a questão dos fatores condicionantes (mudanças e condicionantes possíveis), a transição (os estados intervenientes entre dois estados da língua), o encaixamento (entrelaçamento das mudanças com outras que ocorrem na estrutura linguística e na estrutura social), a avaliação (os efeitos da mudança sobre a estrutura e uso da língua) e, ainda, a questão da implementação (razões para mudanças ocorrerem em certa língua numa determinada época).

Conforme Mollica (2004), Chagas (2011) e Tarallo (2011), todo sistema linguístico está constantemente sujeito a pressão de duas forças que atuam no sentido da variedade e da unidade. A disputa entre as variantes, conforme os autores tende a privilegiar, sempre, as variedades de prestígio. Entretanto, percebeu-se que algumas variantes desprestigiadas em determinada época podem vir a ganhar prestígio com o passar dos anos, que é o caso da ausência do /r/ como em *fourth e floor*, que de acordo com Labov (2008) constitui-se, atualmente, como uma variante desprestigiada e, no século XIX, por influência da fala de Londres, era modelo de prestígio.

Em disputa nas comunidades de colonização italiana do oeste catarinense, observaram-se as seguintes variantes: fricativa velar vozeada [x], a vibrante múltipla alveolar [r̃] e a vibrante simples ou tepe [r] nos contextos de r-forte (ALERS, 2002; SPESSATO, 2003; ROSSI, 2000). A pronúncia do tepe [r], conforme Monaretto (2002) ocorre em todos os contextos de /r/ na região citada, e por ser uma pronúncia que não se adéqua aos padrões do

³² A sociedade se reflete na língua e desse modo a mudança social, pode corresponder uma mudança linguística (tradução minha).

PB padrão, é julgada como incorreta. Além disso, é motivo de comentários pejorativos que desmerecem a língua desses falantes. Esta situação foi, também, diagnosticada na pesquisa de Spessato (2003), com informantes de Chapecó-SC.

Bortoni-Ricardo (2011) corrobora que há, no geral, uma tendência em tratar a variação linguística como sinônimo de variedades regionais, rurais ou de pessoas não escolarizadas. Essa suposição, conforme a autora é falsa, pois há também as variedades na língua culta.

Em meio a esse dilema linguístico, de acordo com Bortoni-Ricardo (2004), encontra-se a escola pautada numa abordagem metodológica que, por imposições políticas, sociais e econômicas, privilegia o ensino da norma padrão, desviando, certamente, um ensino democrático que leva o aluno ao conhecimento da variação linguística. Dessa forma, quando o aluno chega à escola fala uma língua, com características que, possivelmente, se aproximam mais das variantes estigmatizadas do que das variantes de prestígio. Isso tende a se intensificar, dependendo da classe social do educando e das redes sociais com quem estabelece contato.

Vale ressaltar que a norma padrão corresponde a regras impostas pelas gramáticas prescritivas e tem um papel unificador que neutraliza as variações. De acordo com Bagno (2007), ninguém fala essa língua, uma vez que até as classes de prestígio, ou pessoas com um maior letramento, mesmo monitorando-se constantemente, também podem adentrar a informalidade. O autor também reafirma a importância da existência de uma língua padrão, para que haja um meio de expressão comum no país. Dessa forma, mesmo que ninguém fale essa língua, é importante saber que contextos e situações formais exigem o uso de variantes cultas que tendem a se aproximar da norma padrão.

No entanto, Peter (2011) ressalta que a escola insiste num estudo tradicional, tentando impor as regras da gramática prescritiva em detrimento de um conhecimento mais amplo da diversidade e variedade dos usos linguísticos. Esse comportamento pode fortalecer o preconceito linguístico. Para reafirmar a distância que existe entre variantes estigmatizadas e variantes de prestígio, a mídia também reforça a ideologia do certo e do errado na língua portuguesa, diariamente, nos jornais, nas revistas e nos programas de televisão. Isso porque, segundo Bagno (2007), quando alguns linguistas são convidados para dar seu parecer sobre a língua portuguesa em algum meio de comunicação, a entrevista é sempre distorcida pelo entrevistador para que se evidencie o predomínio e o prestígio da norma padrão pela sociedade.

É importante ressaltar que a crença social que parece compreender a língua como um organismo unificado, denominado norma padrão, desmerece as variedades minoritárias. Esse

fato tem se consolidado num conflito para a escola, que, como detentora do conhecimento, precisa reverter esse entendimento e mostrar que uma língua apresenta múltiplas faces que podem ser adequadas aos diferentes contextos.

Nesse sentido, através de uma parceria entre os estudos da sociolinguística e da dialetologia tradicional, acredita-se ser possível relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social, numa tentativa de resolver o “caos linguístico”³³ que adentra a sociedade.

2.3.2 A Dialetologia Tradicional e a Dialetologia Pluridimensional e Relacional

Este texto compreende um estudo histórico, no intuito de registrar o surgimento e avanços da dialetologia, bem como sua nova perspectiva assumida para o estudo da língua.

A dialetologia tradicional surge na segunda metade do século XIX, em oposição aos movimentos dos neogramáticos. Isto é, ao partir de uma postura linguisticamente heterogênea, é contra a teoria sobre a regularidade e à uniformidade das mudanças fonéticas ocorridas na língua, defendida pelos gramáticos (ISQUERDO; ROMANO, 2012, p.891).

No ano de 1870, pesquisas envolvendo a fala começam a despertar um maior interesse e, a partir de 1876, através do trabalho inicial de Georg Wenker, na Alemanha, a dialetologia passa a ter grande avanço (ALENCAR, 2011, p.28). De 1902 a 1910, Julis Gilliéron publicou o Atlas³⁴ linguístico da França (ALF) e tornou a Europa pioneira na elaboração da primeira carta linguística. Assim, o ALF serviu de modelo para a criação de outros trabalhos no domínio linguístico românico. Com a expansão cartográfica, a Europa torna-se também o primeiro espaço a ter um atlas continental (CARDOSO; MOTA, 2013, p.85; ALENCAR, 2011, p.28).

Essa orientação monodimensional, abordada por Gilliéron, na criação do atlas francês, expandiu-se também para a América e tem caracterizado a grande maioria dos atlas linguísticos, produzidos em território europeu e americano (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p.41).

³³ Bagno (2007) costuma usar essa expressão para referir-se ao descaso com a heterogeneidade linguística, presente num país multiétnico e cultural como o Brasil, em favor da homogeneidade da língua.

³⁴ A produção de atlas pertence à geolinguística estilística, e tem como tarefa a disposição dos dados das pesquisas em mapas, que constituem os atlas linguísticos (ALENCAR, 2011, p.27).

No Brasil, o surgimento da dialetologia também remonta ao século XIX, quando a situação política brasileira e o Romantismo estimulavam o sentimento de nacionalismo e, dessa forma, passou-se a contrastar as diferentes formas de falar entre Brasil e Portugal (CARDOSO, 2010). Este fato ocasionou o surgimento das primeiras variantes lexicais. Assim, segundo Ferreira e Cardoso (1994, p. 37-51) o desenvolvimento dessa corrente linguística passou por três fases:

- A primeira fase (1826 – 1920) em que Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca, realizou um estudo comparativo entre o PB e o português de Portugal focalizando o léxico. Este período é caracterizado pela criação de diversos dicionários e/ou glossários.
- A segunda fase (1920 – 1952) é definida pelos estudos regionais e pelo interesse na criação de atlas linguísticos, mas que se concretizará somente na terceira fase. Alguns trabalhos importantes realizados nesse período: O dialeto caipira de Amadeu Amaral; O linguajar carioca em 1922 de Antenor Nascentes; A língua do Nordeste de Mario Marroquim; Diferenciação e unificação do português do Brasil e Capítulos da história da língua portuguesa falada no Brasil de Serafim da Silva Neto.
- A terceira fase (a partir de 1952), com a implementação do atlas linguístico do Brasil – ALiB pelo Decreto 30.643, de 20 de março de 1952 e a criação da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa. Os Atlas importantes nesse período foram: Atlas prévio dos falares bahianos e Atlas de Sergipe.
- A quarta fase para os estudos dialetológicos no Brasil inicia, em 1996, com a retomada do projeto de um Atlas Linguístico brasileiro (MOTA; CARDOSO, 2006, p.20-21). Assim, ocorre o crescimento de pesquisas nessa área, em sua maioria, direta ou indiretamente, relacionadas ao projeto ALiB, ocasionando o aumento do número de atlas regionais e início de outros projetos de atlas regionais.

A dialetologia tradicional que perdurou, com mais intensidade, até 1960, preocupava-se em desenvolver pesquisas restritas ao espaço geográfico. Então, trabalhava-se com um único tipo de informante, de preferência homem adulto, idoso, com baixa escolaridade, residente na área rural, nascido e criado no lugar, dispensando o estudo das estratificações sociais (THUN, 2005, p.702).

Nesta teoria reconhecia-se que um único tipo de informante conheceria melhor a comunidade investigada e poderia ser o legítimo representante da variação linguística local. A baixa escolaridade tinha o intuito de evitar o monitoramento da fala, e, dessa forma, aproximá-la mais do vernáculo. Além disso, partia-se do princípio de que os espaços geográficos tornar-se-iam verdadeiros documentos de registros à medida que se uniam à

história, à cultura, aos percursos, à trajetória no espaço, bem como aos contatos entre as diferentes culturas (CORRÊA, 2012, p.03). Significa dizer que

o estudo da variação espacial se fez inicialmente de um modo assistemático: o pesquisador recolhia os elementos que fosse reconhecendo ocasionalmente, depois tecia alguns comentários sobre o material levantado - em via de regra, muito desigual - e isso era tudo (ATALIBA, 1972-1973, p.121).

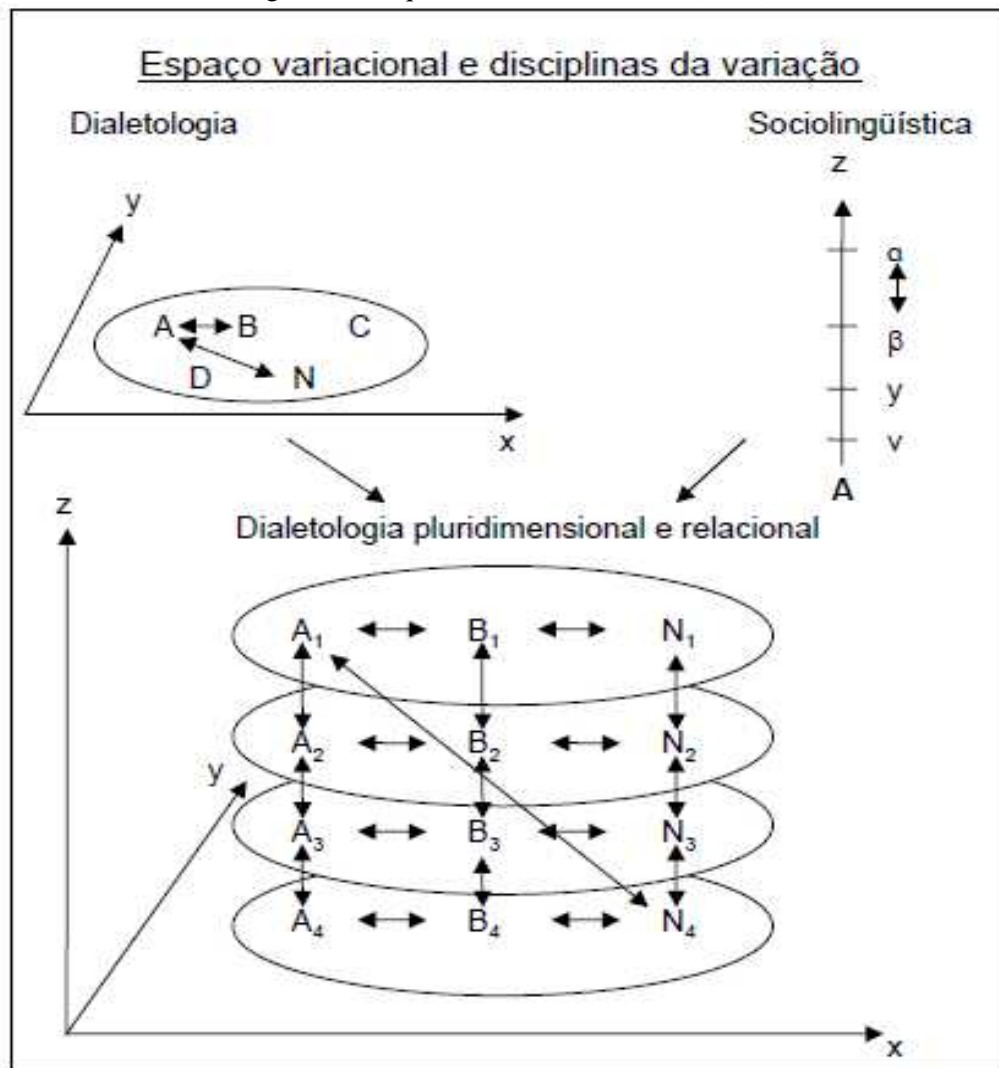
Com base em Figueiredo (2013), essa vertente teórica não propõe, necessariamente, um contraste dos dados coletados entre áreas distintas como o centro e os bairros periféricos de uma cidade, ou ainda, em contextos rurais e urbanos. Isto é, a variação social dentro de cada ponto é ignorada e dessa forma, os dados repassam a impressão de que todos os membros da comunidade falam de forma homogênea (KRUG, 2011, p. 77).

A partir da década de 60, século XX, com a influência de Willian Labov, a dialetologia torna-se pluridimensional e, então, amplia seu leque de estudos. Assim, passa a contemplar um rol de outras informações, além da diatópica que, conforme Thun (2010), assim se apresentam: (dimensão diatópica) procura analisar e comparar adicionalmente, entre um ponto e outro a fala de homens e mulheres (dimensão diassexual), de diferentes faixas etárias, (dimensão diageracional), pertencentes a estratos sociais distintos (dimensão diastrática), e falantes de uma ou mais línguas (dimensão dialingual), com competência metalinguística para perceber e “julgar” variantes distintas da língua (dimensão diarreferencial), segundo a sua posição social, e com competência para empregar mais de um estilo de fala, conforme a situação (dimensão diafásica), com o qual se obtenha um poder explanatório e garantia de resultados mais sólidos para o estudo do contato.

“Não basta saber onde se fala, é preciso ir mais adiante, traçando o perfil de quem fala o que poderá vir a permitir responderem-se as indagações do tipo por que se fala” (CARDOSO; MOTA, 2013, p.86).

A figura quatro, a seguir, ilustra o eixo tridimensional e relacional da nova dialetologia, partindo do seguinte princípio: dialetologia tradicional = eixo bidimensional horizontal (x – variável e suas variantes) e (y – pontos geográficos). Dialetologia pluridimensional e Relacional= geolinguística monodimensional + sociolinguística = variação dos traços de uma língua no espaço geográfico, no plano horizontal (arealidade ou diatopia) e a variação desses mesmos segmentos numa rede de pontos, projetados no plano vertical (socialidade ou diastrasia) em direção a variedade padrão suprajacente (THUN, 1996, p.48).

Figura 4 – Esquema extraído de Thun (2005)

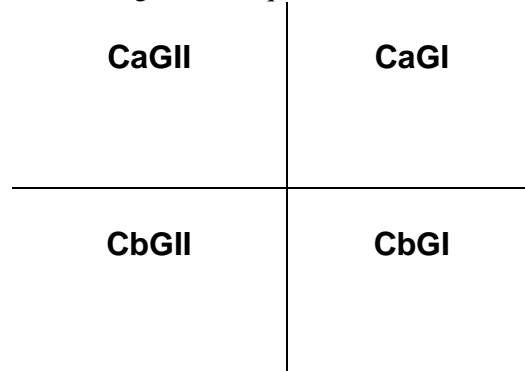


Fonte: Esquema extraído de Thun (2005, p.67)

A apresentação dos dados no modelo em cruz, também aplicado nos atlas linguísticos ADDU, ALGR, ALIB e no ALMA - H³⁵, contempla homens e mulheres (masculino ou feminino), sendo, na parte superior da cruz a classe alta (Ca- Ensino Superior) e, na inferior, a classe baixa (Cb- menos escolaridade possível, podendo chegar, no máximo, ao curso técnico (no nível de EM)); à esquerda temos a geração mais velha (GII- 55 anos ou mais) e, na direita, os mais jovens (GI -18 a 36 anos), como apresentado a seguir:

³⁵Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático do Uruguai, (ADDU) Atlas Linguístico Guarani Românico (ALGR), Atlas Linguístico do Brasil (ALIB), Atlas Linguístico Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Rio da Prata (ALMA).

Figura 5– Esquema em cruz



Fonte: Esquema da cruz extraído de Thun (2005, p.67)

Segundo Thun (1996), essa nova perspectiva, além de envolver a “fusão entre a dialetologia tradicional e os princípios da sociolinguística, abarca aspectos e técnicas de análise do contato de língua”, considerando, também, variáveis sociais como religião ou mobilidade, técnicas mais precisas para a coleta de dados e comparando/relacionando geograficamente as ocorrências de fenômenos linguísticos lexicais e/ou morfológicos e/ou sintáticos e/ou fonológicos. Dessa forma, à cartografia moderna, além da tarefa de apresentar os dados coletados, cabe ainda interpretá-los, no intuito de proporcionar um panorama completo do fenômeno investigado.

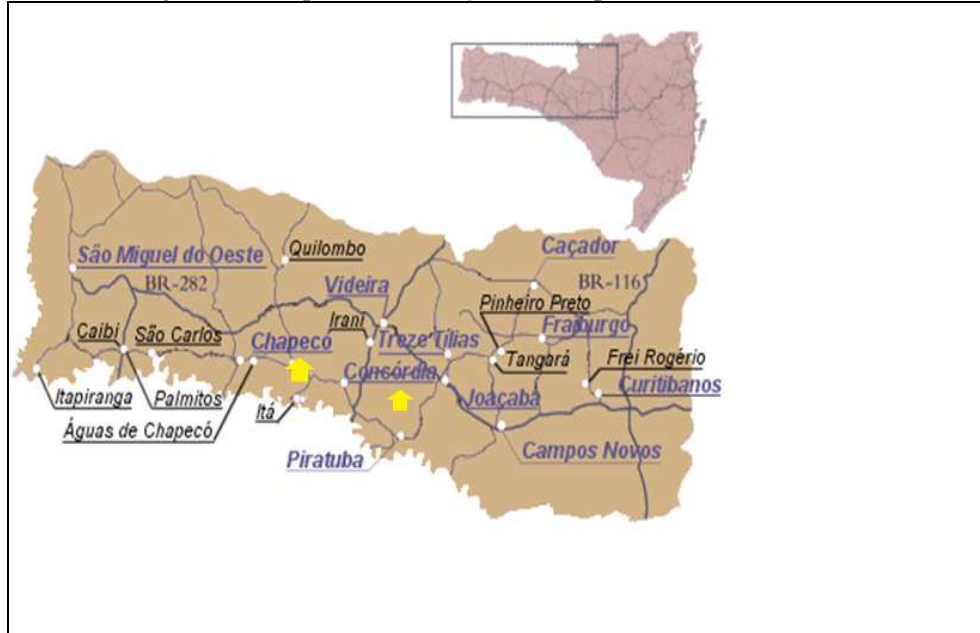
3 METODOLOGIA

Neste capítulo, serão apresentados os pontos de pesquisa, os informantes, os procedimentos de análise e coleta de dados, atrelados às dimensões de análise: **diatópica** (espaços geográficos em estudos), **diageracional** (diferentes faixas etárias), **diassexual** (sexo masculino e feminino) e **diafásica** (variação de estilo da entrevista), conforme (THUN, 2005)³⁶. Para tanto, o capítulo está dividido em cinco seções.

3.1 OS PONTOS DE PESQUISA

Para a presente pesquisa foram selecionados os municípios de Chapecó e Concórdia, localizados no oeste de Santa Catarina. A escolha dos locais se justifica, pois ambas foram colonizadas, principalmente, por ítalo e teuto-brasileiros nas primeiras décadas do século XX. Além disso, muito da cultura europeia está presente nesses locais, ilustrada nos festejos, monumentos e outros elementos culturais (PEREIRA; FREDDO, 2007).

Figura 6 – Mapa da localização de Chapecó e Concórdia - SC



Fonte: <http://www.belasantacatarina.com.br/regiaoeste/>

³⁶ Devido essa pesquisa abranger um trabalho com estudantes, houve algumas alterações na metodologia, quando se adaptou a idade dos informantes de acordo com os níveis de ensino - EF e EM (dimensão diageracional) e suprimiu-se a classe social (dimensão diastrática).

Segundo Amador (2006) e Radin (2001), a ocupação/exploração do Planalto oeste catarinense foi iniciada pelo bandeirante paulista, ainda no século XVII, quando este vinha em busca de mulas para transporte, gado e índios para serem escravizados na época do tropeirismo. Conforme esses autores, antigamente, essa região era habitada apenas por índios e, com a migração, promoveu-se a miscigenação do português paulista com o índio e os escravos, dando origem ao caboclo que apresentou forte presença na região.

A partir do início do século XX, os caboclos passam a ser expulsos dessa terra, uma vez que o governo objetivava a imigração europeia. Dessa forma, os imigrantes italianos adentraram, em grande leva, o território gaúcho a partir de 1882 (AMADOR, 2006, p. 176). Nesta época, as melhores terras do Rio Grande do Sul já eram ocupadas por alemães e por brasileiros há aproximadamente 50 anos, restando para os italianos uma região montanhosa e isolada (GREGORY, 2002, p.32).

Amador (2006, p.182) afirma que na segunda metade do século XX, deu-se a migração dos ítalo-brasileiros do Rio Grande do Sul para Santa Catarina, devido ao fato das famílias serem numerosas e, dessa forma, esgotarem-se as possibilidades de avançarem na agricultura. Quando esses migrantes adentraram o território catarinense, povoavam ali índios, caboclos e luso-brasileiros. Estes povos estavam em conflito com as companhias colonizadoras, pois o objetivo das mesmas era assentar os europeus, tidos como trabalhadores e progressistas, sem contar que havia também o intuito de branquear a nação, por questões ideologicamente culturais (ALTENHOFEN, 2004; MARGOTTI, 2004). A partir de 1912, a briga entre caboclos, governantes, coronéis e o dono da companhia da estrada de ferro, que recentemente havia sido construída, acentuou a desterritorialização dos povos primitivos (AMADOR, 2006).

Após a Guerra do Contestado³⁷, em 1916, iniciou-se a constituição de vilarejos e, posteriormente, a fundação de mais cidades no oeste catarinense. No entanto, o lugar era ainda tido como despovoado, porque os índios – com destaque para os Kaingang – e caboclos levavam uma vida de subsistência e não apelavam para o progresso almejado pelo governo (PAIM, 2006).

Conforme o IBGE (2014), Chapecó foi um dos primeiros municípios a se emanciparem, nessa região, no ano de 1917 e, atualmente, concentra uma população aproximada de 200 mil

³⁷A Guerra do Contestado foi um conflito armado que ocorreu na região Sul do Brasil, entre outubro de 1912 e agosto de 1916. Envolveu cerca de 20 mil camponeses que enfrentaram forças militares dos poderes federal e estadual. Ganhou o nome de Guerra do Contestado, pois os conflitos ocorrem numa área de disputa territorial entre os estados do Paraná e Santa Catarina.

Disponível em: http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/guerra_contestado.htm.

habitantes. Localiza-se a 630 quilômetros de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, em meio a um entroncamento de rodovias federais e estaduais, com acesso fácil aos países do Mercado Comum do Sul (Mercosul) - a Argentina está a 160km. Constitui-se, então, um ponto estratégico para negócios transfronteiras no sul do Brasil. Contempla empresas processadoras e exportadoras de carnes, bem como fábricas de máquinas e equipamentos para a agroindústria. Assim, a cidade vem diversificando a economia com destaque em diversos segmentos, como prestação de serviços, transportes, softwares, biotecnologia, entre outros.³⁸

Dentre as festividades anuais desse município, vale destacar a Romaria de Frei Bruno, Feira do Gado em Geral, o Campeonato Catarinense de Automobilismo, promoção do Automóvel Clube de Chapecó, Festa do Frango e do Peru, promoção do Lions Club de Chapecó e da Sadia S/A, a Oktober Compras e a Exposição-Feira Agropecuária, Comercial e Industrial (EFAPI), a Festa da Linguíça (Wurstfest) e o Rodeio Crioulo Interestadual.³⁹

No que diz respeito à educação, além da educação básica no ensino público e particular, os dados do Ministério da Educação (MEC) apontam a existência de 22 instituições de ensino superior nesse município. Dentre estas, contemplam-se faculdades à distância, cursos técnicos profissionalizantes, um *campus* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) e, a partir de 2009, a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Esta é a primeira universidade federal do oeste de Santa Catarina, sendo que antes contava-se somente com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (GRETZLER, 2011, p.149-153).

O nome dessa cidade é originário dos indígenas Kaingang, que significa “de onde se avista o caminho da roça.” A colonização iniciou-se com os tropeiros que utilizavam a região como trajeto para o transporte de gado, rumo a São Paulo. O processo de migração de outros estados, principalmente do Rio Grande do Sul, começou com a chegada das companhias colonizadoras em 1920, contratadas pelo governo catarinense, quando se destacou a atuação da Companhia Colonizadora Bertaso, Maia e Cia (PAIM, 2006).

Conforme Paim (2006), a atual cidade possuía uma imensa floresta e ricas terras, além de outros recursos naturais pouco explorados até o fim do século XIX, o que atraía agricultores para comprar lotes de terra. Também, aponta-se que a exploração de recursos naturais foi a principal atividade econômica até a década de 40, século XX, com destaque para

³⁸Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=42&dados=29>.

³⁹Disponível em: <http://www.portalchapeco.com.br/municipio.htm>.

a erva-mate e a madeira, sendo que a estrada de ferro Rio Grande do Sul – São Paulo possibilitou a comercialização desses produtos. A origem animal também teve destaque nessa década, com a produção de banha suína.

No que se refere à educação chapecoense, afirma-se que era bem carente, pois se oferecia somente o ensino primário e existia apenas o colégio Bom Pastor, administrado por religiosas. Esta instituição recebia alunos de toda a região de Chapecó. Ressalta-se que até 1950, essa cidade era apenas um vilarejo, vivendo basicamente da exploração e da comercialização de madeira (araucária), da agricultura e de um pequeno comércio, ressaltando que as atividades industriais eram praticamente inexistentes (ALBA, 2002).

Conforme Alba (2002), aos poucos, instalou-se frigoríficos e juntamente com a agricultura transformaram-se na base econômica da cidade chapecoense. Mais tarde, o setor metal-mecânico surgiu como alternativa de desenvolvimento e vem se especializando na produção de equipamentos para frigoríficos. As décadas de 60, 70 e 80 também foram marcadas pelas grandes migrações de trabalhadores rurais atraídos pela indústria. Atualmente, Chapecó se constitui uma cidade pólo e dessa forma, serve como sede para abastecimento de muitos setores pertencentes às cidades vizinhas.

Segundo o IBGE (2014), o município de Concórdia emancipou-se em 1934 – 17 anos depois de Chapecó – e, localiza-se na Microrregião do Alto Uruguai, na divisa entre os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Mantém uma distância de 550 km da capital Florianópolis e conta com, aproximadamente, 71.499 mil habitantes. Com tradição na agricultura e pecuária, esse município tem no Agronegócio sua grande força. É referência regional, sediando entidades tecnológicas e empresariais, de expressão estadual e nacional. Dentre as festividades anuais presentes nesta cidade, destacam-se a Festa Nacional do Leitão Assado (FENAL) e Expo Concórdia, Kerbfest, Festália, bem como a procissão de Nossa Senhora de Salette.⁴⁰

No que diz respeito à educação concordiense, contempla-se além da educação básica no ensino público e particular, pólos universitários, faculdade à distância, cursos técnicos, um instituto federal- IFC Concórdia- e, atualmente, oficializou-se o projeto para a instalação do *campus* da UFFS ⁴¹.

⁴⁰Disponível em: <http://www.concordia.sc.gov.br/#!/tipo/pagina/valor/6>.

⁴¹Disponível em: http://www.radorural.com.br/arquivos_internos/?abrir=noticias&acao=conteudo&cat=6&id=12653.

Ferreira (1992, p.82) assinala que embora a colonização dessa cidade, de forma desorganizada, tenha iniciado em anos anteriores em regiões periféricas, a sede do município passou a ser colonizada entre 1922 e 1925, através da *Brazil Development and Colonization Company*, acelerando a partir deste último ano, quando as terras foram negociadas com a Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ahrons e Companhia.

Dessa forma, relata-se que “entre 1920 e 1925, o atual município era sertão, com residências distantes uma das outras, a maioria de caboclos refugiados após a batalha de Irani-SC que se agruparam em torno do caudilho José Fabrício das Neves que ali fixou residência em 1917” (FERREIRA, 1992, p.52).

Concórdia obteve, primeiramente, o nome de Queimados. Há lendas que esse nome foi devido à queimada de alguns corpos, que ficaram ali abandonados, após uma luta entre os fanáticos do Contestado. Tempos depois, passou-se a chamar distrito de Concórdia – pertencente à cidade de Cruzeiro – atual Joaçaba, por motivos de acordo entre caboclos e imigrantes (DAZZI; OLIVEIRA, 2011, p.195).

Ferreira (1992) ressalta que o distrito se tornou município em 1934, com população constituída principalmente por ítalo e teuto-brasileiros oriundos do Rio Grande do Sul. De acordo com Amador (2006, p.184), além da atividade agrícola, a madeira também foi importante para o desenvolvimento da região até o ano de 1950, e no caso oeste era exportada para o Uruguai e a Argentina através de balsas pelo Rio Uruguai, no período das cheias. Comasseto *et al* (2006) afirmam que os migrantes também apostaram na agricultura familiar policultura com cultivo de milho, feijão, arroz e outros cereais, bem como na criação de suínos e aves. Contudo, vale destacar que o trabalho primitivo na pequena propriedade, aliado a empresa Sadia, atual BRF, fundada em 1944, foi mola propulsora para o desenvolvimento agroindustrial de Concórdia.

Com relação à educação, aponta-se que, antigamente, dava-se pouca importância para a escola. Os filhos iam à escola em dias alternados, para não prejudicar o trabalho na propriedade rural. É dessa geração o ditado: “Estudo ou escola não enche a barriga”. Isso significa que os descendentes europeus, com destaque para os italianos, tinham grande preocupação com o capital material (AMADOR, 2006, p.184). A pouca importância, em relação à educação, pode ser verificada quando da criação do município de Concórdia, em 1934. Este possuía apenas uma escola, subvencionada pelo Governo do estado. Então,

na região de Fragosos, os alunos eram atendidos por Maria Gunther, contratada pelo município de Cruzeiro, em uma pequena sala de aula. Nova Germânia possuía uma escola municipal com 33 alunos e uma escola particular, mantida pela Igreja

Evangélica do Sínodo Riograndense, atual Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, que atendia 20 alunos. Além dessas, existiam, no Distrito, mais três escolas improvisadas e atendidas por professores leigos voluntários que colaboravam com as comunidades sem assistência educacional por parte do poder público, atendendo 120 alunos matriculados (FERREIRA, 1992, p. 148).

Ferreira (1992) ainda ressalta que o poder público não se preocupava com a educação, e não havia por parte da comunidade movimentos de pressão para que o governo se fizesse presente com investimentos nessa área. Entretanto, escolas de caráter religioso passam a se inserir nessa cidade e,

a educação em Concórdia recebe grande impulso e vislumbra novos horizontes quando, em 12 de março de 1939, uma comissão de concordienses, lotando dois ônibus, recepcionaram em Marcelino Ramos, religiosas da Congregação de São José que, juntando-se as outras que ali estavam cuidando do hospital, vinham a convite de Frei Mainolfo, dedicar-se à educação (FERREIRA, 1992, p. 148).

A partir do ano de 1930, percebe-se uma atuação mais efetiva do governo do Estado na área educacional. Em Santa Catarina, passa a existir uma forte fiscalização nas áreas de colonização estrangeira, principalmente após 1938 com a elaboração das leis de nacionalização. No entanto, infelizmente, a pequena estrutura criada pelos imigrantes estava totalmente desarticulada, pois as aulas em LE foram totalmente proibidas. Marca-se o fim das escolas organizadas e dirigidas pelos imigrantes (AMADOR; ZOTTI, 2006, p.09). Significa dizer que o governo passou a investir na educação, o que é positivo em partes; mas não se deve esquecer que o ensino foi manipulado pelo Estado, o que foi muito difícil para os imigrantes. Assim, ainda hoje, encontram-se resquícios desse período, principalmente, na população dos ítalo e teuto-brasileiros (ALTENHOFEN, 2004; MARGOTTI, 2004).

Em suma, a história de Concórdia e de Chapecó inicia-se com o trabalho na pequena propriedade comandada, em grande parte, por ítalo-brasileiros, que ainda hoje são a maioria nessa cidade. Além disso, houve grande empenho na venda de madeiras e erva-mate. Com o tempo, os municípios passaram a adentrar outros setores e ramos da indústria, fato que atraiu muitos trabalhadores rurais para a cidade (ALBA, 2002; AMADOR, 2006; GRETZLER, 2011). Atualmente, uma minoria da população, de ambos os municípios, encontra-se no meio rural (IBGE, 2014).

3.2 A ESCOLHA DAS ESCOLAS

Nas escolas pesquisadas a LI ensinada é a variedade americana. De acordo com o relato dos professores, os livros didáticos de LI utilizados em sala de aula, em sua maioria,

são acompanhados de cd-rom e tendem a contemplar as quatro habilidades: ler, escrever, falar e ouvir. No entanto, tanto os professores das EPUs quanto das EPAs afirmam que nem sempre é possível abordar o ensino das quatro habilidades nas aulas de LI. Esta situação leva em conta, principalmente, o número reduzido de aulas semanais e as turmas numerosas.

Foram escolhidas duas escolas de Concórdia e duas escolas de Chapecó, sendo uma EPU e uma EPA em cada cidade, que abrangem EF e EM. Este critério de seleção considera, sobretudo, que as EPUs, em sua maioria, são vítimas do descaso governamental: estão com infraestrutura física comprometida, carência de materiais didático-pedagógicos e laboratórios de pesquisa, já as EPAs, tendem a estar mais bem equipadas (CAGLIARI, 2010, p.09). Diante dessa situação, pretende-se averiguar se a pronúncia do /r/ em LI difere-se entre EPU e EPAs.

3.3 A ESCOLHA DOS INFORMANTES

Os informantes desta pesquisa foram estudantes e integrantes das comunidades escolares, ítalo-brasileiros, selecionados a partir do sobrenome com descendência italiana. Participaram quatro alunos de EPU e quatro de EPA do município de Concórdia, bem como quatro alunos de EPU e quatro de EPA do município de Chapecó – o que equivale a 16 informantes⁴². Também participaram quatro integrantes das comunidades escolares de Concórdia e Chapecó, sendo dois de cada cidade, que fizeram parte do grupo de controle. Totalizaram-se, então, 20 informantes.

Os dados, acerca da descendência étnica dos estudantes, foram levantados com a secretaria de cada instituição escolar, já o nível e ano de ensino, idade, sexo feminino e masculino foram coletados com auxílio dos professores de LI das turmas. Os informantes do grupo de controle deviam ser fluentes em LI. Para a seleção, contou-se com o auxílio da direção da escola, bem como de dirigentes comunitários, através de indicações.

⁴² Em razão da seleção dos alunos participantes ter sido realizada pelos professores das turmas, acredita-se que estes, em sua maioria, podem ter optado pelos alunos com mais proficiência em LI. Esta escolha pode ter contribuído para um menor número de transferências do /r/, do PB para a LI, conforme destacado, a seguir, nos capítulos 4 e 5.

Esse número significativo de informantes tem como base o esquema em cruz, abordado no capítulo 3, que está presente nos mapas pluridimensionais⁴³, abarcando as dimensões diatópica, diasssexual, diageracional e diastrática. Vale destacar que, devido esta pesquisa abranger um trabalho com alunos do EF e EM, o esquema de Thun (2005) foi adaptado. Assim, a dimensão diageracional foi dividida em geração I = EF: 12 a 14 anos, correspondendo ao 7º, 8º ou 9º anos e geração II = EM: 15 a 18 anos, correspondendo ao 1º, 2º e 3º anos. A amostra, também, foi dividida em gênero masculino (m) e feminino (f). Desse modo, na parte superior esquerda consta o EMm e do lado direito, o EMf; na parte inferior esquerda, o EFm e na direita o EF. A dimensão diastrática foi suprimida. Para uma melhor compreensão, veja o esquema a seguir:

Figura 7 – Esquema em cruz

EMm	EMf
EFm	EFf

Fonte: Adaptado de Thun (2005, p.76)

3.4 GRUPO CENTRAL E GRUPO DE CONTROLE

Para o presente estudo, foram analisados dados coletados a partir de informantes, provenientes, de um grupo central e um grupo de controle. O grupo central detém o maior número de informantes, sendo dividido em dois subgrupos: o primeiro é formado por alunos do EF e o segundo, por estudantes do EM, pertencentes a duas EPUs duas EPAs, dos municípios de Chapecó e Concórdia. O grupo de controle é formado por integrantes das comunidades escolares (pais, avós, professores), fluentes em LI.

⁴³A moderna cartografia permite a apresentação e interpretação, dos dados de pesquisa, de uma forma inteligente e racional. Foi elaborada, para melhor representar o volume significativo de informações extralinguísticas exigidas pelos pressupostos teóricos da dialetologia pluridimensional e relacional, conforme (THUN, 2005; CARDOSO, 2006).

Confira, a seguir, a caracterização dos grupos:

- **Grupo central** – 1) Estudantes do Ensino Fundamental (anos finais) de 12 a 14 anos.
2) Estudantes do Ensino Médio de 15 a 18 anos.
- **Grupo de controle** – Integrantes das comunidades escolares acima de 19 anos (pais, avós, professores).

Os grupos selecionados preencheram os seguintes critérios:

- Os informantes, de ambos os grupos, deveriam ser nascidos ou terem vivido a maior parte de suas vidas (dois terços) em um dos pontos de pesquisa;
- Ser filhos de ítalo-brasileiros;
- O grupo central 1 é formado por alunos do EF, aprendizes de LI como LE;
- O grupo central 2 é formado por alunos do EM, aprendizes de LI como LE;
- Os informantes do grupo de controle são fluentes em LI;

A composição do grupo central, formado por estudantes, considera, principalmente, a dificuldade dos ítalo-brasileiros em empregar o fonema /r/ de acordo com a variedade padrão do PB, em início e meio de palavra como em (rápido) e (carro), conforme descrito na seção 2.1.1. E, frente à grande abrangência da LI como LE nas escolas das cidades investigadas, acredita-se que o contato PB/italiano possa influenciar também na pronúncia do /r/ em LI, nos mesmos contextos em que ocorre maior dificuldade no PB, como por exemplo: *restaurant* (restaurante) e *sorry* (sinto muito).

Para esse estudo, também, leva-se em conta as pesquisas de Assis-Peterson (2008), que afirma não haver professores suficientemente preparados para atuar numa perspectiva que valorize a heterogeneidade linguística, sendo que a maioria não é fluente na língua alvo. Estas constatações tornam-se preocupantes e necessitam de respaldo, porque muitos educadores podem não estar atuando num aspecto que valorize a(s) LM(s)⁴⁴ do aluno, tornando-o uma possível vítima do preconceito linguístico e suscetível a abandonar o estudo da LI.

A divisão do grupo principal em dois subgrupos – alunos do EF e EM – considera, primeiramente, o tempo de aprendizado da LI como LE, que tende a se diferir entre os níveis de ensino. Isto é, pressupõe-se que os estudantes do EF tendem ter um conhecimento menos

⁴⁴ Como se tratam de alunos ítalo-brasileiros pressupõe-se que alguns indivíduos podem ter duas LM(s).

acurado que os estudantes do EM, pois tiveram um menor tempo de aprendizado da LI. Dessa forma, com base em Rabello (2012, p.82), os alunos do primeiro nível tendem a ser suscetíveis a uma maior influência da(s) LM(s) na aprendizagem da LE e, dessa forma, podem vir a sofrer estigma por parte dos segundos (BORTONI-RICARDO, 2011; BAGNO, 2007). E, no intuito de valorizar também as variantes não padrão da língua, pretende-se mostrar que muitas realizações desprestigiadas no PB, podem constituir pronúncias de prestígio na LI⁴⁵.

Veja a distribuição do grupo central de informantes nos dois quadros, a seguir:

⁴⁵ Mais detalhes na seção 2.1.5.

Quadro 3 – Informantes de Chapecó-SC

CHAPECÓ – SC								
Nível de ensino e escola	Ensino Fundamental/Escola Pública (12 a 14 anos)		Ensino Médio/ Escola Pública (15 a 18 anos)		Ensino Fundamental/ Escola Particular (12 a 14 anos)		Ensino Médio/ Escola Particular (15 a 18 anos)	
	M	F	M	F	M	F	M	F
CHAPECÓ	1	1	1	1	1	1	1	1
Total parcial por nível de ensino	2 informantes		2 informantes		2 informantes		2 informantes	
Total de informantes por instituição	Instituição pública 4				Instituição particular 4			
Total por nível de ensino	Ensino Fundamental 4				Ensino Médio 4			
Total de informantes em Chapecó- SC	8							

Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Quadro 4 – Informantes de Concórdia - SC

CONCÓRDIA – SC								
Nível de Ensino e classificação da escola	Ensino Fundamental/Escola Pública (12 a 14 anos)		Ensino Médio/ Escola Pública (15 a 18 anos)		Ensino Fundamental/ Escola Particular (12 a 14 anos)		Ensino Médio/ Escola Particular (15 a 18 anos)	
	M	F	M	F	M	F	M	F
CONCÓRDIA	1	1	1	1	1	1	1	1
Total parcial por nível de ensino	2 informantes		2 informantes		2 informantes		2 informantes	
Total de informantes por instituição	Instituição pública 4				Instituição particular 4			
Total por nível de ensino	Ensino Fundamental 4				Ensino Médio 4			
Total de informantes em Concórdia – SC	8							

Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

TOTAL DE INFORMANTES DO GRUPO CENTRAL= 16

O grupo de controle foi formado por um homem e uma mulher em cada município com idade de 19 anos ou mais, pertencentes às duas comunidades de pesquisa e fluentes na

língua alvo. A seleção desse grupo, fluente em LI, teve o intuito de coletar dados, para posteriormente contrastar e comparar com os dados do grupo principal. Buscou-se averiguar se com o passar dos anos, a realização do /r/ ainda aproxima-se da variedade padrão da LI, provavelmente, proporcionada ou incentivada pela escola, se apresenta traços fonético-fonológicos do PB falado nas comunidades bilíngues PB/ italiano ou ainda da variedade padrão do PB.

Veja essa disposição no quadro cinco, a seguir:

Quadro 5 – Grupo de controle

Grupo de controle				
Sexo/idade	F	M	Total parcial	Total:
Concórdia	1	1	2 informantes	4 informantes
Chapecó	1	1	2 informantes	

Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Dessa forma, para este trabalho, consideram-se os estudos de Weinreich, Labov, Herzog (2006), pois ao analisar o axioma da heterogeneidade linguística torna-se necessário combinar os pontos sincrônicos e diacrônicos. Os primeiros referem-se à mudança linguística num determinado momento, e o segundo aos processos de mudança que estão acontecendo na estrutura da língua ao longo do tempo. Em Labov (2008), ainda ressalta-se a importância de estudar o fenômeno da variação e mudança linguística, sob a perspectiva do tempo real e do tempo aparente. No primeiro, ocorre o desenvolvimento diacrônico da língua, que é refletido no segundo. O tempo aparente constitui, assim, uma espécie de projeção do passado.

Para tanto, nesta pesquisa, visa-se contrastar os dados entre três grupos de pesquisa, bem como, entre dados do próprio grupo, levando em conta as dimensões de análise, conforme Thun (2005). O fato de trabalhar com sexo feminino e masculino remonta-se a Labov (2003), que apresenta a mulher como informante mais suscetível à variação e à mudança da língua do que o homem. Dessa forma, conforme o autor, a mulher tende a aproximar mais sua fala da variedade culta, fato que pode ser significativo para análise e contrastação dos dados coletados. Trudgill (2000, p. 70) corrobora com o exposto, ao afirmar que pesquisas desenvolvidas na Inglaterra, América, Austrália, África do Sul e Nova Zelândia confirmam que, seguido por outros fatores como classe, grupo étnico e idade, as mulheres, em

média, aproximam mais sua fala da variedade padrão, todavia não é possível prever que forma o homem ou a mulher vai usar em determinada ocasião.

3.5 A COLETA DOS DADOS EMPÍRICOS

A dimensão diafásica compreende a coleta sistemática dos dados empíricos, através de três instrumentos distintos: a aplicação de um questionário, a leitura de um texto e a terceira, a realização de mais um questionário que visa o encaminhamento do informante para uma conversa livre (THUN, 2005). Esse critério metodológico diversificado parte do pressuposto que o indivíduo pode alterar sua fala, dependendo dos contextos em que estiver inserido e do interlocutor que estabelecer contato, conforme aponta Labov (2008).

Os instrumentos de coleta foram elaborados pela pesquisadora, de forma criteriosa, pois os três estilos de coleta deveriam ter um mesmo número, senão aproximado, de possibilidades de realização do fonema /r/, em LI, em início e meio de palavra. Previu-se um tempo máximo de 20 minutos de entrevista, no intuito de não tornar a atividade cansativa para o informante.

As entrevistas foram realizadas individualmente, tanto com os informantes do grupo principal quanto com os informantes do grupo de controle. Este critério considerou que devido tratar-se de uma pesquisa de pronúncia em LI, se a entrevista fosse realizada em duplas ou grupos, os informantes poderiam estar, em algum momento, comparando sua fala com a do colega e, desse modo, comprometer-se-ia o resultado da pesquisa.

A coleta de dados com os informantes do grupo principal foi realizada na escola, em horário que não coincidissem com o período de aula. Com o grupo de controle, também, combinou-se o lugar e horário de acordo com a preferência e disponibilidade de tempo do informante. Os informantes, por sua vez, não sabiam que se tratava de uma pesquisa sobre o /r/, pois visou-se evitar um possível monitoramento da fala. Dessa forma, a pesquisadora explicou-lhes que se tratava de uma entrevista para analisar como os ítalo-brasileiros, de Concórdia e Chapecó, falam em LI; ou seja, se haveria alguma marca do contato PB/italiano na LI falada por esses informantes. No momento prévio à entrevista, a pesquisadora aproveitou para explicar aos informantes que a língua está em constante variação (LABOV, 2008) e, no caso de uma LE, eventualmente, pode(m) ocorrer influência(s) da(s) LM(s) (ELLIS, 1994).

Quanto aos estilos de coleta, no estilo questionário há 20 perguntas no PB que direcionam o informante a uma provável resposta, em LI, com uma e no máximo duas

palavras. Para tanto, essas questões envolvem, por exemplo, nome de coisas, lugares, bem como situações do dia a dia (Anexo A). No estilo leitura há um texto em LI, com 12 palavras iniciadas por /r/ e 12 com /rr/ no meio de palavra. Esse texto narra uma história fictícia envolvendo um casamento (Anexo B). No estilo conversa livre, há uma lista com diferentes temas de abordagem, em LI, que envolve questões pessoais, bem como situações e problemas sociais. Com este método houve a possibilidade de adaptar respostas fechadas para indivíduos não fluentes, com maior abertura à conversa espontânea, para informantes fluentes (Anexo C).

No caso do informante ter um conhecimento mais acurado em LI, bem como se a pesquisadora atingisse o objetivo da entrevista, os temas poderiam ser reduzidos, ou, por outros motivos, alternados. O número significativo de temas a discutir, garante possíveis imprevistos durante a realização da atividade. Além disso, a seleção de assuntos diversificados, para a coleta de dados, tem o intuito de descontrair o informante para que este não monitore a sua fala.

Essa metodologia diferenciada e dividida em partes tem o objetivo de abranger desde a fala mais controlada até a menos controlada. Assim, o estilo questionário envolve uma fala pouco controlada em forma de pergunta e resposta; já o estilo leitura direciona o informante para uma fala mais controlada, pois remete ao ambiente de sala de aula, mundo letrado. Por último, temos o estilo conversa livre, que assim como a primeira atividade, tende a desencadear uma fala menos controlada (KRUG, 2011, p.85).

Cardoso (2010, p.63) explica que os instrumentos de coleta de dados da dialetologia atingem alto grau de especificidade, pois objetivam captar não apenas a emissão, mas as condições que revestem o ato da fala naquele momento, o que permite considerações de ordem pragmática. Labov (2003) corrobora que não há falante de estilo único, isto é, o estilo pode variar de acordo com as relações do falante, receptor e audiência, e particularmente, as relações de poder ou solidariedade com o contexto ou “domínio” mais amplo: escola, trabalho, casa, vizinhança, igreja; e de acordo com o tópico.

No entanto, alguns instrumentos metodológicos tendem a direcionar o leitor a uma fala mais monitorada, mas mesmo assim, pressupõe-se que algumas pronúncias próprias do vernáculo ainda podem aparecer. Este fato leva em conta que durante a fala do indivíduo, podem operar dois níveis: o inconsciente e o consciente. No nível inconsciente, abaixo do nível de consciência dos falantes, o indivíduo não percebe que está produzindo um estigma linguístico socialmente estabelecido. Por outro lado, também ocorrem os estereótipos. Estes são formas socialmente marcadas e reconhecidas pelos falantes, ao nível do consciente.

Alguns estereótipos podem ser estigmatizados socialmente, o que pode levar à mudança linguística ou extinção da forma estigmatizada (LABOV, 2008, p.210).

Neste trabalho, partiu-se do princípio de que alguns informantes pudessem vir a monitorar-se na realização do /r/ na LI, no intuito de pronunciá-lo de acordo com a variedade padrão. Todavia, pressupunha-se que em alguns momentos a pronúncia desse fonema pudesse acontecer abaixo do nível da consciência, conforme Labov (2008), e seria realizado como tepe [r], vibrante múltipla [r̃] ou fricativa velar vozeada [x]. Esta hipótese levou em conta que os ítalo-brasileiros realizam uma troca entre tepe [r] e a vibrante múltipla [r̃] no PB; e com relação à fricativa, consideraram-se, principalmente, os estudos de Callou e Leite (2013) e Monaretto (2002), abordados na seção 2.1.1, quando afirmam que o PB vem passando por uma mudança de ponto e modo de articulação, de vibrante para fricativa e de alveolar para velar. Contudo, implicou-se que a influência do contato PB/ italiano, teria maior probabilidade de acontecer na fala dos informantes concordienses (hipótese b, capítulo I).

3.6 A TRANSCRIÇÃO E O PROCESSAMENTO DOS DADOS

Os dados obtidos pelas entrevistas foram gravados por um gravador portátil para posteriormente serem registrados. Esse procedimento compreendeu duas etapas. Na primeira fase, as informações foram ouvidas e anotadas em três tabelas quadriculadas, sendo uma tabela para o registro das respostas do questionário, outra para os dados da leitura e uma terceira para o registro da conversa livre.

Nas tabelas do grupo principal, no cabeçalho, há os títulos de apresentação. Na linha subsequente, à esquerda, o pesquisador deve registrar o ponto de pesquisa; à direita, ainda na horizontal, há a divisão entre EFEP, EFEPA, EMEP e EMEPA. Na linha abaixo, à esquerda, apresenta-se as possíveis realizações do /r/ pelos informantes, e a direita, há a distribuição por gênero feminino e masculino. Logo abaixo, nas tabelas do questionário (Anexo D) e da leitura (Anexo E), na margem esquerda, dispostas verticalmente, há as sugestões, sendo que a realização do /r/ pelos informantes deve ser registrada à direita de cada palavra ou expressão. Na tabela para registro dos dados da conversa livre não constam as sugestões e, dessa forma, neste espaço serão anotadas as palavras proferidas pelo informante (Anexo F), ou seja, aqueles vocábulos em que aparece o fenômeno estudado.

As tabelas de dados do grupo de controle foram organizadas da seguinte forma: cabeçalho com apresentação, na linha abaixo, à esquerda, aparecem as possíveis realizações

para o /r/, à direita, ainda na horizontal, constam as duas cidades investigadas, e na linha abaixo, alinhado com os pontos de pesquisa, há a subdivisão por gênero feminino e masculino. As tabelas desse grupo, com exceção do cabeçalho e da subdivisão, adotam os mesmos dados e procedimentos de coleta do grupo principal (Anexo G).

Na segunda etapa, após a transcrição dos dados nas tabelas, iniciou-se a computação dos dados. Tais dados foram passados para uma tabela no Sistema Operacional Excel, em seguida analisados e contrastados seguindo do menos formal para o mais formal, que são: conversa livre, questionário e leitura. A análise foi qualitativa e os dados foram analisados individualmente, através das comparações com aqueles obtidos dentro da pluralidade de informações e informantes. Foram considerados os fatores extralinguísticos como: nível de ensino, idade, sexo, EPU ou EPA, bem como ponto geográfico. Após a análise intragrupal os resultados, parciais e gerais, foram contrastados com os dados do grupo de controle e, com o auxílio dos gráficos, obtiveram-se as proporções (percentuais) de realização de diferentes alternantes por indivíduo e comunidade considerada.

4 ANÁLISE DOS DADOS

No presente capítulo, apresenta-se a análise dos dados coletados nos municípios de Chapecó e Concórdia, no oeste catarinense. Conforme descrito nas seções 2.1.1 e 2.1.3, o fonema /r/ apresenta uma variedade de alofones no PB, bem como na LI, sendo que algumas realizações que são desprestigiadas no PB, ganham prestígio na LI. Tendo em vista a possível influência da(s) LM(s) na aprendizagem de uma LE (ELLIS, 1994; ZIMMER, ALVES, 2006; RABELLO, 2012), pressupunha-se que pudesse haver marcas do contato PB/italiano na pronúncia do /r/ da LI, na fala dos informantes ítalo-brasileiros das cidades pesquisadas.

Com o objetivo de proporcionar uma análise clara do fenômeno investigado, apresentar-se-á um apanhado geral da apreciação dos dados, nos dois pontos de pesquisa e após, dar-se-á início a análise das informações coletadas, por cidade, seguindo a ordem estilo menos formal para o mais formal: conversa livre, questionário e leitura. Em cada método serão contempladas e relacionadas as informações relativas às EPU's e EPA's, que se subdividem em: E_{ff}, E_{Fm}, E_{Mf}, E_{Mm}. Em seguida, os dados do grupo principal serão relacionados e contrastados com os dados do grupo de controle e, na sequência serão tecidas as conclusões acerca dos dados coletados nas cidades de Chapecó e Concórdia.

4.1 MACROANÁLISE DOS DADOS: VISÃO GERAL

Para a análise dos dados, consideraram-se, além do nível de ensino EF e EM, a frequência, por parte dos informantes, em cursos de idiomas e, por fim, se demonstraram ser fluentes ou não fluentes⁴⁶ em LI. Quanto à variante pesquisada nas duas cidades, vale ressaltar que alguns informantes oscilaram entre a pronúncia da aproximante retroflexa [ɾ] e da aproximante alveolar [r], na realização da variante /r/ padrão da LI. Conforme os estudos de Carr (2013) e Ladefoged e Maddieson (2013), na fala em LI é comum ocorrer esta oscilação de pronúncia, devido esses fones serem muito semelhantes. Dessa forma, tendo em vista que não foi previsto utilizar recursos de medida acústica, para a análise dos dados, e devido constatar-se que a sutil diferença, entre a pronúncia dos fones do /r/ da LI, não comprometeria

⁴⁶ O conhecimento dos alunos em LI, que fazem parte do grupo principal, com base no teste de classificação Common European Framework, corresponde ao nível B1 intermediário. O conhecimento dos informantes do grupo de controle enquadra-se nos níveis C1 e C2 (nível avançado). Disponível em: http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/source/framework_en.pdf. Dessa forma, neste trabalho são considerados como alunos fluentes aqueles com quem foi possível estabelecer a conversa em LI, e não fluentes os informantes com quem não foi possível conversar de forma espontânea.

o resultado dessa pesquisa, optou-se por representar a pronúncia da aproximante retroflexa [ɻ] e da aproximante alveolar [ɺ] como fone retroflexo [ɻ].

Na EPU de Chapecó os informantes do EF não são fluentes, mas os informantes do EM apresentaram bom conhecimento em LI. Na EPA ambos são fluentes em LI, e assim como os informantes do EM da EPU, também estudam em escolas de idiomas. Na EPU de Concórdia o informante EMm não é fluente e estuda LI somente na escola regular, já os informantes EFf, EFm e EMf são fluentes na língua alvo e afirmaram que estudam LI em escolas de idiomas. Os informantes concordienses da EPU demonstraram ter bom domínio da LI e frequentam cursos de LI. Em síntese, 13 estudantes dessa pesquisa pareceram ser fluentes e somente três demonstraram que não são fluentes em LI. Dos três informantes não fluentes, dois pertencem a Chapecó e um reside em Concórdia.

Constatou-se que os informantes não fluentes das EPUs não frequentam escolas de idiomas, o que pode ser um indício de que o ensino de LI exclusivo à EPU, pode não ser o bastante para o bom desenvolvimento da habilidade oral dos alunos. Quanto ao ensino de LI na EPA, como todos os informantes frequentam cursos de LI, não foi possível averiguar se, sem o respaldo das escolas de idiomas, haveria possibilidades dos alunos das EPAs desenvolverem a fluência oral na língua alvo.

No entanto, ao levarem-se em conta os estudos de Assis-Peterson (2008), Paraquett (2008) e Santos (2011), tanto nas EPUs, quanto na EPAs, as turmas são numerosas e o enfoque, principalmente para o EM, tem sido a preparação para concursos de acesso ao ensino superior, que oferecem prioridade às habilidades escritas e aspectos gramaticais, envolvendo questões de múltipla escolha, por exemplo. Essa situação pode significar que o ensino regular, possivelmente, não proporciona um bom conhecimento da oralidade em LI, para os alunos e, devido a este fato, muitos estudantes tendem a procurar o respaldo das escolas de idiomas (ASSIS-PETERSON, 2008; PARAQUETT, 2008; SANTOS, 2011).

4.1.1 Análise Geral dos Dados

Nos dados coletados com o grupo principal, através do estilo conversa livre, computaram-se 300 realizações para o fonema /r/, sendo 187 em início e 113 no meio de palavra. Houve somente seis transferências do /r/ do PB para a LI, nas cidades investigadas, sendo três no início ([x]estaurant, [x]escued e [x]ob) e três no meio de vocábulo, duas para (e[x]ors) e uma para (e[x]or), quando se fez uso da fricativa velar desvozeada [x]. Cinco

informantes realizaram transferência(s); destes, três são fluentes e três não são fluentes em LI. Os informantes e palavras pronunciadas com transferência(s) foram: Chapecó: EFm da EPU (*restaurant, error*) e EMm da EPU (*rescued*). Concórdia: EFf da EPA (*error*), EFm da EPU (*rob*) e EM da EPA (*errors*). O total de informantes que realizaram transferência(s), na conversa livre, equivale a 31,2% dos informantes do grupo principal, mas ao levarem-se em conta as possibilidades de realizações para o fonema /r/ nesta atividade, pode-se concluir que o número de transferências foi relativamente baixo; somente 2%⁴⁷.

Os informantes chapecoenses tiveram maior número de transferências em início de palavra e os concordienses no meio de vocábulo, mas a diferença entre as cidades deu-se unicamente por uma realização a mais no meio de vocábulo pelos chapecoenses, e uma realização a mais no início de palavra, pelos concordienses. Nas EPUs ocorreram quatro transferências e nas EPAs ocorreram duas. Tanto no EF quanto no EM, realizaram-se seis transferências. Houve cinco transferências na fala dos meninos e uma na fala das meninas.

As hipóteses (b, d, f, g, h) são desconsideradas, pois tanto na fala dos chapecoenses, quanto na fala dos concordienses, não ocorreram realizações do tepe [r] tampouco da vibrante múltipla [r̃], mas sim da fricativa velar desvozeada [x]. Constatou-se um empate no número de transferências entre o EF e EM. Houve maior número de transferências na LI falada em Chapecó, do que na LI falada em Concórdia. Neste estilo verificaram-se mais transferências do que nos estilos questionário e leitura e, somando-se os dados das duas cidades, constatou-se um empate de transferências entre os contextos de início e meio de vocábulo.

Ao se constatar que Chapecó é uma cidade pólo da região oeste catarinense (IBGE, 2014), foi previsto que na LI falada pelos chapecoenses ocorreria um maior número de transferências da fricativa velar desvozeada [x], mas não se anulava o aparecimento das vibrantes. Já em Concórdia, devido caracterizar-se como uma cidade pequena e circundada por municípios mais rurais (IBGE, 2014), se acreditava encontrar predomínio da transferência do tepe [r] em detrimento da fricativa velar desvozeada [x]. Os dados apontam para um silenciamento das marcas do contato PB/italiano, nas duas cidades, em detrimento da fricativa velar desvozeada [x] que é, tipicamente, mais urbana e mais prestigiada no PB (CALLOU; LEITE, 2013). As informações parecem dar conta que Concórdia tornou-se mais urbanizada,

⁴⁷ Pressupõe-se que o fato de terem ocorrido poucas transferências no estilo conversa livre, seja devido a maioria dos alunos da pesquisa frequentarem cursos de LI e por essas instituições atribuírem grande importância à oralidade na língua alvo (ASSIS-PETERSON, 2008)

e que em Chapecó o modo fricativo pode ter alcançado o contexto de meio de palavra, em que se realiza a vibrante múltipla [r̃], na variedade padrão do PB (ALERS, 2002).

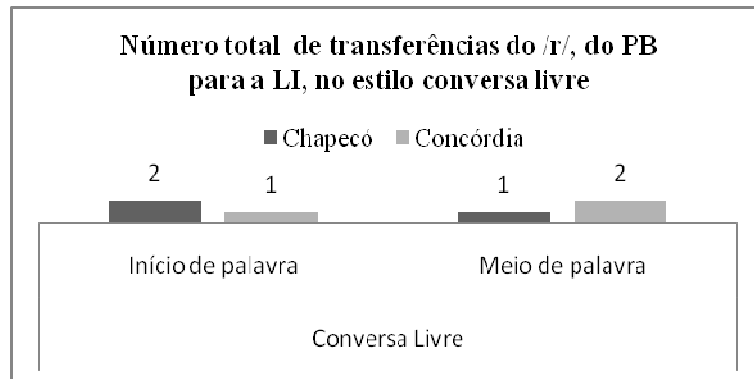
Houve um empate entre o EF e EM quanto ao número de transferências. O fato dos informantes do EF frequentarem as séries finais, e devido à grande parte dos informantes complementarem seus conhecimentos nas escolas de idiomas, são fatores que podem ter contribuído para a semelhança dos dados entre os dois níveis de ensino. Nas escolas de idiomas, embora, em sua maioria, também não se contempla a heterogeneidade linguística, é dado enfoque para as quatro habilidades (ler, falar, ouvir e escrever) da LI (SANTOS, 2011).

Nos dois pontos de pesquisa, na conversa livre, constatou-se o mesmo número de transferências e foi o estilo em que ocorreram menos pronúncias com transferência(s). Assim, pressupõe-se que a realização da aproximante retroflexa [ɻ], presente na variedade do PB falada pelos chapecoenses (MARGOTTI, 2004; ALERS, 2002) e também na LI (CARR, 2013), pode não influenciá-los, o bastante, para que falem a LI com mais facilidade do que os concordienses.

Devido o grupo principal ser composto por informantes fluentes e não fluentes, o estilo conversa livre foi conduzido através de uma lista com diferentes temas de abordagem. Com este método havia a possibilidade de adaptar respostas fechadas para indivíduos não fluentes, com maior abertura à conversa espontânea, para informantes fluentes. Esta metodologia, possivelmente, contribuiu para a ocorrência de menos transferências no estilo conversa livre, quando comparado aos estilos questionário e leitura.

As hipóteses (c, e) estão em conformidade com as expectativas, pois nas EPUs houve maior número de transferências do que na EPAs, o que confirma que o ensino particular parece ganhar maior respaldo teórico-metodológico do que o ensino público (SAMPAIO; GUIMARÃES, 2002). Confirmou-se que os meninos realizaram maior número de transferências do que as meninas. Isso pode significar que as mulheres são mais sensíveis, do que os homens, à variedade padrão da língua (FERNANDES, 1996; TRUDGILL, 2000; LABOV, 2008). Abaixo, no gráfico 1, o número total de transferências no estilo conversa livre:

Gráfico 1 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, no estilo conversa livre.



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

No questionário havia 320 possibilidades de realização para o fonema /r/ em LI, sendo 176 em início e 144 no meio de vocábulo. Foram realizadas 11 transferências, destas três em início ([x]ock, duas vezes, e in [x]isk, uma vez) e oito no meio de palavra (e[x]ors, duas vezes, e hu[x]rah, seis vezes). A variante não padrão pronunciada foi a fricativa velar vozeada [x]. Seis informantes realizaram transferência(s), sendo quatro fluentes e três não fluentes em LI. Os informantes e palavras pronunciadas com transferência(s) foram: Chapecó: E_{Ff} da EPU (*hurrah*), E_{Fm} da EPU (*errors e hurrah*), E_{Mm} da EPU (*hurrah*) e E_{Mf} da EPA (*hurrah*). Concórdia: E_{Fm} da EPU (*rock e hurrah*), E_{Mm} da EPU (*rock e hurrah*) e E_{Mm} da EPA (*errors*). O número total de informantes que realizaram transferência(s) equivale a 37,5 % dos informantes do grupo principal. Ao considerarem-se as possibilidades de realizações para o fonema /r/ nesta atividade, pode se concluir que o número de transferências foi, relativamente, baixo; apenas 3,43%. Neste estilo havia duas possibilidades a mais do informante pronunciar o /r/ em início, do que no meio de palavra e, assim, não se descarta uma leve influência dessa situação no resultado dos dados.

Das 11 transferências, cinco foram realizadas em Chapecó, no contexto de meio de palavra e seis ocorreram em Concórdia, sendo três em início e três no meio de vocábulo. Os informantes chapecoenses tiveram maior número de transferências no meio de palavra e na fala dos concordienses houve um empate, sendo três em cada contexto.

Nas EPUs somaram-se nove transferências, sendo três no início e seis no meio de palavra, e nas EPAs totalizaram-se duas, ambas no meio de vocábulo. No EF houve cinco transferências, uma no início e quatro no meio de vocábulo. No EM ocorreram seis transferências, destas duas no início e quatro no meio de palavra. Os informantes do sexo masculino realizaram nove e os informantes do sexo feminino duas transferências.

As hipóteses (b, d, g) são desconsideradas, pois no estilo questionário não se encontraram marcas do contato PB/italiano em Chapecó tampouco em Concórdia. Ocorreram mais transferências na fala dos informantes do EM do que do EF, e houve maior número de transferências neste estilo do que na conversa livre.

Os dados apontam para um desaparecimento das marcas da variedade italiana no PB (FROSI; RASO, 2011), pois houve somente a transferência da fricativa velar desvozeada [x]. Essa hipótese leva em conta a constante variação da língua (WEINREINCH; LABOV; HERZOG, 2006) e a possível influência da(s) LM(s) na LE (RABELLO, 2012; ELLIS, 1994). O número maior de transferências no EM pode demonstrar que o processo ensino-aprendizagem da LI, no ensino regular, deve ser revisto pela EPU e EPA, pois se subentende que no EM os conhecimentos devem estar mais refinados do que no EF. Por outro lado, ao levar-se em conta que a maioria dos informantes do EF frequentam cursos de idiomas, e que um ou outro informante do EM é somente estudante do ensino regular, ou estudante de escola de idioma há pouco tempo, esse resultado torna-se possível.

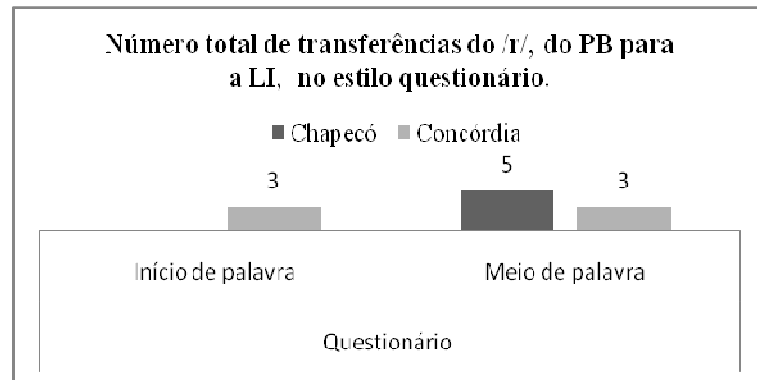
O estilo questionário foi conduzido no PB e exigia respostas na LI. Assim, acredita-se que a ação de intercalar entre a(s) LM(s) e a LE, pode ter favorecido alguma dificuldade para o falante em discernir entre os fones do PB e os fones da LE. O fato de nenhum dos falantes conhecerem a palavra (*hurrah*) e realizarem, pelo menos, seis transferências envolvendo esse vocábulo, pode significar que nem mesmo os falantes fluentes internalizaram, de forma mais refinada, os conhecimentos da LI.

As hipóteses (b, d, e, g) são confirmadas, pois houve mais transferências na fala dos concordienses do que na fala dos chapecoenses, ocorreu maior número de transferências nas EPAs do que nas EPUs, os meninos realizaram mais transferências do que as meninas, e constatou-se maior número de transferências no contexto de meio, do que no início de palavra.

A aproximante alveolar [ɹ] falada na variedade do PB de Chapecó (ALERS, 2002), pode ser um fator que tornou a LI mais fácil de ser falada para os chapecoenses, no estilo questionário. Ocorreram mais transferências nas EPUs do que nas EPAs, o que se evidencia que no ensino particular há maior disponibilidade de recursos para investimentos constantes no processo ensino-aprendizagem, do que no ensino público estadual e municipal (CAGLIARI, 2010). Os meninos realizaram maior número de transferências do que as meninas, o que se leva a constatar que as mulheres são mais sensíveis aos padrões de prestígio (LABOV, 2008; TRUDGILL, 2002). No geral, houve maior número de transferências no

contexto de meio de vocábulo; desse modo, acredita-se que os dois “erres ortográficos” podem dificultar a realização do /r/ na LI para os informantes. No gráfico 2, apresenta-se o número total de transferências para o fonema /r/ no estilo questionário.

Gráfico 2 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, no estilo questionário.



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Na leitura do texto havia 384 possibilidades de realização para o fonema /r/, em LI, sendo 192 em início e 192 no meio de vocábulo. Foram realizadas 32 pronúncias com transferência(s), sendo 21 em início e 11 no meio de palavra: Início: ([x]eresearched, três vezes; [x]erestaurants, quatro vezes; [x]io de Janeiro, sete vezes; [x]ice, uma vez; [x]erestaurant, uma vez; [x]aining, uma vez; [x]ainbow, uma vez e [x]erepair, três vezes). Meio de palavra: (e[x]ore, seis vezes e e[x]ores, cinco vezes) quando se fez uso da fricativa velar desvozeada [x].

Das 32 transferências 17 foram realizadas em Chapecó, sendo dez em início e sete no meio de vocábulo, e 15 ocorreram em Concórdia, destas, 11 em início e quatro no meio de palavra. A porcentagem de transferências para a leitura foi de 8% e, ao considerarem-se as possibilidades de realizações, tende a ser considerado um resultado relativamente baixo. Contudo, o número de transferências neste estilo supera os resultados da conversa livre e do questionário.

Houve 10 informantes que pronunciaram com transferência(s), sete são fluentes e três não são fluentes. O número total de falantes que realizaram transferências equivale a 62,5% dos informantes do grupo principal. Os informantes e as palavras pronunciadas com transferência(s) foram: Chapecó: Eff da EPU (*Rio de Janeiro* e *error*), EFm da EPU (*restaurants*, *Rio de Janeiro*, *error* e *repair*), Eff da EPA (*researched*, *Rio de Janeiro*, *repair* e *errors*), EFm da EPA (*error* e *errors*) e EMm da EPU (*researched*, *restaurants*, *Rio de Janeiro*, *error* e *erros*). Concórdia: EFm da EPU (*researched*, *restaurants*, *raining* e *repair*),

EFf da EPA (*error e errors*), EMM da EPU (*restaurants, rice, restaurant e rainbow*), EMf da EPA (*Rio de Janeiro*) e EMM da EPA (*Rio de Janeiro, error e errors*).

No estilo leitura percebeu-se que tanto os chapecoenses quanto os concordienses, têm mais dificuldade de pronunciar o /r/ no início do que no meio de palavra. Houve maior número de transferências em Chapecó do que em Concórdia. Nas EPU's coletou-se 19 realizações com transferência(s); 15 em início e quatro no meio de palavra, nas EPA's ocorreram 13; cinco em início e oito no meio de vocábulo. No EF houve 18 transferências, 11 em início e sete no meio de palavra, e no EM ocorreram 14, sendo 10 no início e quatro no meio de vocábulo. Na fala dos informantes do sexo masculino ocorreram 23 pronúncias com transferência(s), destas 16 em início e sete no meio de vocábulo. Na fala dos informantes do sexo feminino realizaram-se nove transferências, sendo cinco em início e quatro no meio de palavra.

São contestadas as hipóteses (b, f, g, h), uma vez que não se encontrou a realização do tepe [r] tampouco da vibrante múltipla [r̃], mas somente da fricativa velar desvozeada [x], coletou-se maior número de transferências em Chapecó do que em Concórdia, houve maior número de pronúncias com transferência(s) no início do que no meio de vocábulo. O fato de não terem ocorrido as vibrantes pode ser um sinal de que o modo fricativo tem avançado, significativamente, na variedade do PB falado nas duas cidades.

O maior número de transferências na fala dos chapecoenses, do que na fala dos concordienses, pressupõe que a realização da aproximante alveolar [ɹ], também presente na variedade do PB falada em Chapecó, pode não ter facilitado a realização da variante padrão da LI, para os chapecoenses.

Devido o número de transferências ser mais notável no início do que no meio de vocábulo, pressupõe que o /r/ em posição inicial de palavra pode favorecer o empréstimo dos fones, do PB para a LI, com mais intensidade do que nos contextos de meio de palavra.

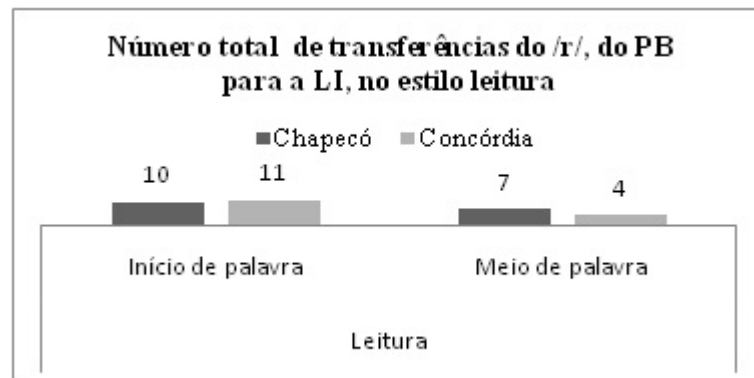
No estilo leitura ocorreu maior número de transferências do que no questionário e na conversa livre. Este dado tende a significar que os informantes não estão acostumados a ler em voz alta e, dessa forma, por não praticarem essa habilidade frequentemente, podem ter realizado mais pronúncias com transferência(s) neste estilo, do que nos outros estilos de coleta.

As hipóteses (c, d, e) são confirmadas, uma vez que houve menos transferências na fala dos informantes das EPA's do que das EPU's, fato que corresponde aos dados do INEP (2002), em que se observam melhores índices para os estudantes das EPA's, do que para as

EPUS (SAMPAIO; GUIMARÃES, 2009). No EF realizou-se maior número de transferências do que no EM, possivelmente, devido o primeiro grupo encontrar-se em um nível de ensino inferior ao EM (RABELLO, 2012). Os meninos, novamente, realizaram maior número de pronúncias com transferência(s) do que as meninas. Isso se deve, dentre outros fatores, por atitudes escolares que levam as meninas a administrarem os estudos com mais seriedade do que os meninos (FERNANDES, 1996).

As informações mostram que houve um maior número de transferências com palavras cognatas e com o estrangeirismo (*Rio de Janeiro*), o que pressupõe que a semelhança das palavras pode intensificar o empréstimo do(s) fone(s) do PB para a LI. O gráfico 3 apresenta o número total transferências no estilo leitura:

Gráfico 3 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, no estilo leitura



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

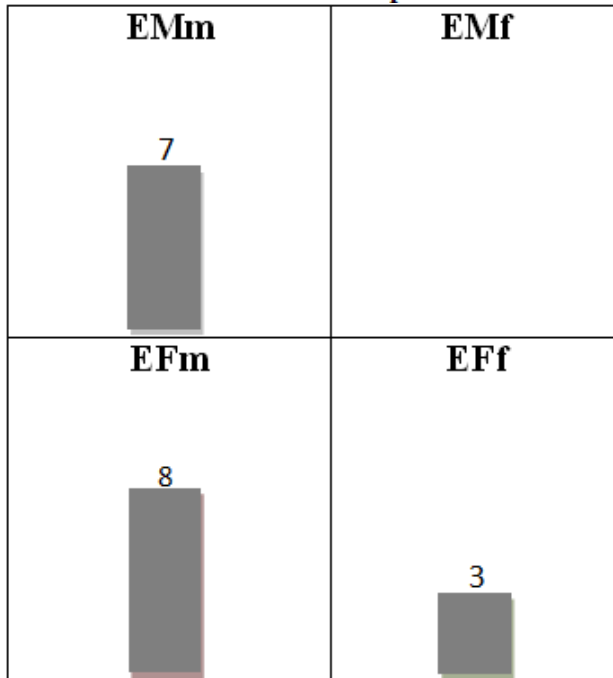
Em síntese, os dados indicam que a variedade padrão da LI vem liderando nos três estilos de entrevista, provavelmente, devido à escola privilegiar essa língua em detrimento da variação linguística (BORTONI-RICARDO, 2004; 2011). Há predomínio da pronúncia do fone retroflexo [ɻ], como variante padrão, e a presença marcante da fricativa velar desvozeada [x], como variante não padrão da LI. Dessa forma, não se constatou a presença do tepe [r], marca do contato PB/italiano, tampouco da vibrante múltipla [r̃], como variantes não padrão da língua alvo. Esse dado responde a pergunta norteadora dessa pesquisa.

A conversa livre foi o estilo de entrevista em que se obteve menor número de transferências para o /r/, seguido do questionário e da leitura. Assim, incluindo-se as três atividades, totalizaram-se 49 realizações com transferência(s), sendo 27 em início e 22 no meio de vocábulo. Os dados apontam um número próximo de pronúncias com transferência(s) entre Chapecó e Concórdia na fala em LI; sendo 25 na fala dos informantes chapecoenses, 12

em início e 13 no meio de vocábulo, e 24 pelos concordienses, sendo 15 em início e nove no meio de palavra. Considerando o exposto, a realização do tepe [r], marca do contato PB/italiano, não apareceu na fala dos informantes em nenhum dos estilos analisados. Pode se pressupor que isso ocorreu devido ao desprestígio atribuído ao tepe [r], nos contextos do r-forte, na variedade do PB falada pelos ítalo-brasileiros (SPESSATO, 2003). No entanto, o que se encontrou foi a realização da fricativa velar desvozeada [x], porém esta demonstra estar próxima de ser substituída pelo fone retroflexo [ɣ], que é a variante padrão da LI.

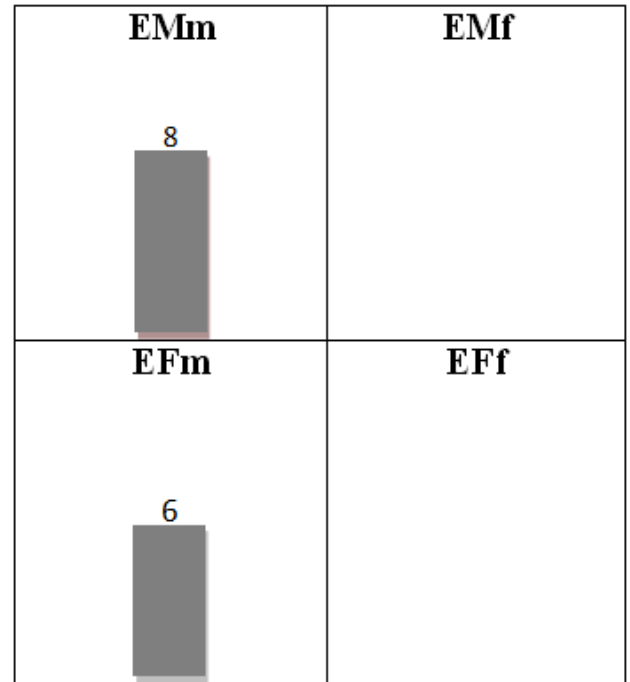
Os gráficos 4, 5, 6 e 7, a seguir, estão separados por municípios e entre EPU e EPA. As variáveis EMm, EMf, EFm e EFf estão dispostas em cruz. Assim, com base em Thun (2005), apresenta-se o número total de transferências nessa pesquisa, bem como a comparação e contraste entre as dimensões diatópica, diassexual, diageracional e diafásica.

Gráfico 4 – Número total de transferências na EPU de Chapecó



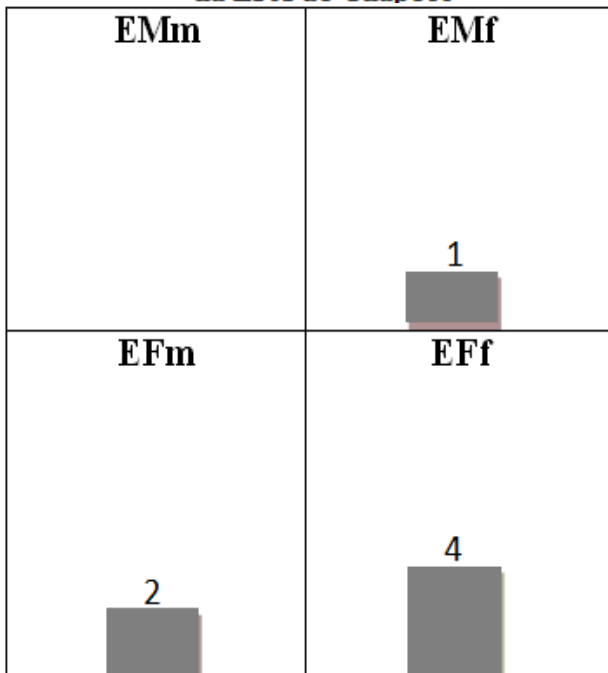
Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Gráfico 5 – Número total de transferências na EPU de Concórdia



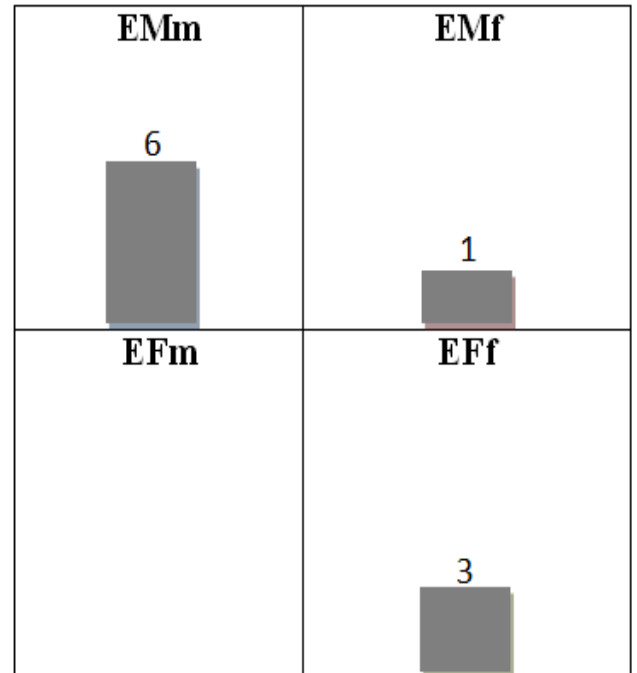
Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Gráfico 6 – Número total de transferências na EPA de Chapecó



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Gráfico 7 – Número total de transferências na EPA de Concórdia



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Conforme se observa, nos gráficos 4, 5, 6 e 7, no geral, houve maior número de transferências na fala dos informantes das EPU's do que das EPA's, no EF as marcas vernaculares parecem minorizarem-se e as meninas demonstraram aproximar-se mais da variedade padrão da LI do que os meninos. Esse resultado foi previsto nas hipóteses (c, d, e). Quanto à dimensão diatópica, os dados parecem se contrastar na fala dos informantes do sexo masculino do EM das EPA's, conforme gráficos 6 e 7. Na fala do informante EMm de Chapecó não houve transferência(s), já o informante EMm da EPA de Concórdia realizou seis transferências.

Embora o número de transferências entre Chapecó e Concórdia, parece se assemelhar, pois houve 25 ocorrências na fala dos chapecoenses e 24 na fala dos concordienses, os dados parecem indicar que na fala do informante chapecoense do EM da EPA, se concretiza a mudança da variedade não padrão para a variedade padrão da LI. Situação que vai ao encontro da hipótese (f), pois se pressupunha que em Chapecó os informantes se aproximassem mais da variedade padrão da LI, do que os informantes de Concórdia, devido realizar-se a aproximante alveolar [ɹ] na PB falado pelos chapecoenses. Esse resultado pode, também, ser devido Chapecó ser a maior do oeste catarinense e exercer função de cidade pólo para os municípios vizinhos (IBGE, 2014). Já Concórdia, por ser considerada uma cidade menor, poderia manter mais saliente as marcas vernaculares na LI.

Na seção seguinte, inicia-se a apresentação e análise dos dados separados por ponto de pesquisa, estilo de coleta, bem como entre EPU's e EPA's. Em cada instituição são, também, contempladas as informações acerca dos informantes: EFm, EFf, EMm e EMf.

4.2 CHAPECÓ

As escolas chapecoenses, que fazem parte dessa pesquisa, localizam-se no centro de Chapecó e atendem alunos, em sua maioria, provenientes do centro e dos bairros. De acordo com o relato da direção administrativa das instituições escolares, existe uma minoria de estudantes oriundos do meio rural. Estes frequentam, na grande maioria, a EPU.

4.2.1 Conversa Livre

Na conversa livre totalizaram-se 149 realizações para o fonema /r/, deste montante 92 correspondem ao /r/ em início de sílaba e 57 em meio de palavra. Ao todo, obtiveram-se 146

pronúncias do fone retroflexo [ɻ] e somente três pronúncias com transferência(s), realizadas como fricativa velar desvozeada /x/ por dois informantes. Duas transferências ocorreram em início ([x]estaurant e [x]escued) e uma em meio de palavra (e[x]or). Os informantes e vocábulos pronunciados com transferência(s) foram: EFm da EPU (*restaurant* e *error*) e EMm da EPU (*rescued*). Ocorreram transferências somente na fala dos meninos do EF e do EM da EPU, pois as meninas do EF e EM da EPU, bem como todos os informantes da EPA, pronunciaram o fonema /r/ de acordo com a variedade padrão da LI. As hipóteses (b, g, h) são desconsideradas, pois não se realizou o tepe [ɾ] tampouco a vibrante múltipla [r̃], conforme apontado no ALERS (2002), e ocorreu um número maior de pronúncias com transferência(s) no início do que no meio de vocábulo. Neste estilo ocorreram menos transferências do que havia sido previsto. As vibrantes não se realizaram como variantes não padrão da LI, possivelmente, por não serem prestigiadas no contexto do r-forte do PB (CALLOU; LEITE, 2013).

Ocorreu um número maior de pronúncias com transferência(s) no início do que no meio de vocábulo, o que pressupõe que o fonema /r/, no contexto inicial, pode desviar com mais facilidade a atenção do falante e levá-lo a transferir os fones do PB para a LI. Neste estilo menos formal houve poucas transferências; este dado pode ser devido à maior parte dos alunos frequentarem cursos de idiomas e, dessa forma, ser comum a prática da fala na língua alvo (ASSIS-PETERSON, 2008; SANTOS, 2011).

São confirmadas as hipóteses (c, d, e), pois na EPU houve maior número de transferências do que na EPA. No EM houve menor número de transferências do que no EF, e as meninas realizaram menos transferências do que os meninos. Assim, acredita-se que a influência das LM(s) na LE, parece atenuar-se com o avançar dos estudos (RABELLO, 2012; ASSIS-PETERSON, 2008).

Devido o informante EMm da EPU realizar somente uma pronúncia com transferência na conversa livre, poderia se pensar que houve um deslize na fala, mas como este falante também realizou transferências na leitura e no questionário, pode significar que o seu conhecimento fonético da LI, não está completamente internalizado. O número baixo de transferências, possivelmente, indica que há maior predomínio da variedade padrão da LI, em detrimento da variedade não padrão, no estilo conversa livre.

4.2.1.1 Escola Pública

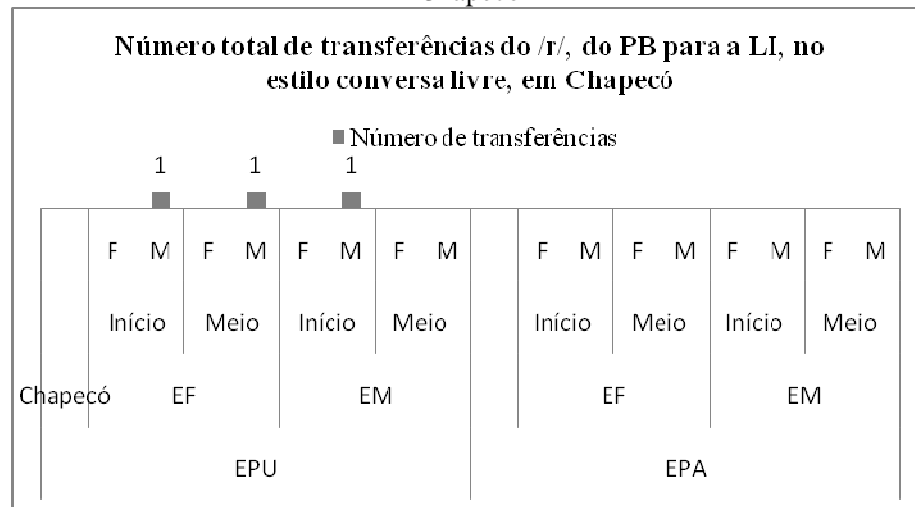
Na EPU, na conversa livre, houve três realizações da fricativa velar desvozeada [x], sendo duas em início ([x]estaurant, [x]escued) e uma no meio de palavra (e[x]or), que foram realizadas por dois informantes. Os informantes e as palavras pronunciadas com transferência(s) foram: EFm da EPU (*restaurant, error*) e EMm da EPU (*rescued*). Os informantes EFf e EMf realizaram o /r/ de acordo com a variedade padrão da LI.

As hipóteses (b, g, h) são contestadas, pois não se realizaram as vibrantes, mas somente a fricativa velar desvozeada [x], ocorreu maior número de transferências no início do que no meio de vocábulo, neste estilo constatou-se um baixo número de pronúncias com transferência(s). As hipóteses (d, e) se confirmam, pois houve maior número de transferências no EF do que no EM, e somente na fala dos meninos.

4.2.1.2 Escola Particular

Na EPA, neste estilo de entrevista, não houve transferência(s). Dessa forma, refutam-se as hipóteses (b, d, e, g), pois não se encontraram as marcas do contato PB/italiano e houve linearidade na fala dos meninos e meninas do EF e EM. Esta situação pode se justificar pelo fato de todos os informantes frequentarem curso de idiomas e devido, possivelmente, a maioria das EPAs contarem com bom suplemento teórico-metodológico, laboratórios de pesquisa e acervos bibliográficos (CAGLIARI, 2010). Os dados remetem para uma mudança concluída a favor do uso da variedade padrão da LI, na fala dos informantes da EPA de Chapecó. O gráfico 8 apresenta o número total de transferências, na EPU e EPA de Chapecó, no estilo conversa livre.

Gráfico 8 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, no estilo conversa livre, em Chapecó



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

4.2.2 Questionário

Neste estilo de coleta de dados, houve um total de 160 possibilidades de realizações para o fonema /r/, sendo 88 em início e 72 no meio de vocábulo. Deste valor, obtiveram-se cinco transferências da fricativa velar desvozeada [x], sendo ambas em meio de palavra, (e[x]ors, uma vez; hu[x]ah, quatro vezes) que ocorreram na fala de cinco informantes. Os informantes e as palavras pronunciadas com transferência(s) foram: EFf da EPU (*hurrah*), EFm da EPU (*errors, hurrah*), EMm da EPU (*hurrah*) e EMF da EPA (*hurrah*).

São contrariadas as hipóteses (b, g), pois não houve transferência(s) do tepe [r] tampouco da vibrante múltipla [r̃], mas somente da fricativa velar desvozeada [x]. No estilo questionário, constatou-se maior número de transferências do que na conversa livre e menos do que na leitura. São ratificadas as hipóteses (c, d, e, h), uma vez que houve maior número de transferências na EPU do que na EPA. Os informantes do EF realizaram mais transferências do que os informantes do EM. Os meninos realizaram mais pronúncias com transferência(s) do que as meninas, e as transferências ocorreram todas no meio de vocábulo.

Os dados indicam que os dois “erres”, no contexto de meio de palavra, podem provocar um possível embaraçamento de pronúncia, que se tornou mais intenso na fala dos meninos. No estilo questionário os informantes chapecoenses realizaram maior número de transferências do que na conversa livre. Esse dado é um indício de que a metodologia aplicada no questionário, possivelmente, provocou algum desconforto para o falante e, dessa forma, pode ter facilitado o empréstimo do(s) fone(s) do PB para a LI.

4.2.2.1 Escola Pública

Neste estilo de coleta, na EPU, ocorreram quatro transferências em meio de palavra (e[x]ors, uma vez) e (hu[x]ah, três vezes). Os três informantes e as palavras pronunciadas com transferência(s) foram: EFf (*hurrah*), EMm (*errors, hurrah*) e EMm (*hurrah*). Vale ressaltar que o informante EMm pronunciou o vocábulo (*hurrah*) com transferência, por duas vezes e depois, realizou-o de acordo com a variedade padrão da LI.

Refutam-se as hipóteses (b, g), porque não se encontrou a realização das vibrantes, na LI falada pelos informantes, e o número de transferências neste estilo foi menor do que no estilo leitura e maior do que no estilo conversa livre. Consideram-se as hipóteses (d, e, h), pois houve maior número de transferências pelos informantes do EF do que pelos informantes do EM. Os meninos realizaram mais transferências do que as meninas e coletaram-se somente realizações com transferência(s) no contexto de meio de palavra (veja gráfico 9).

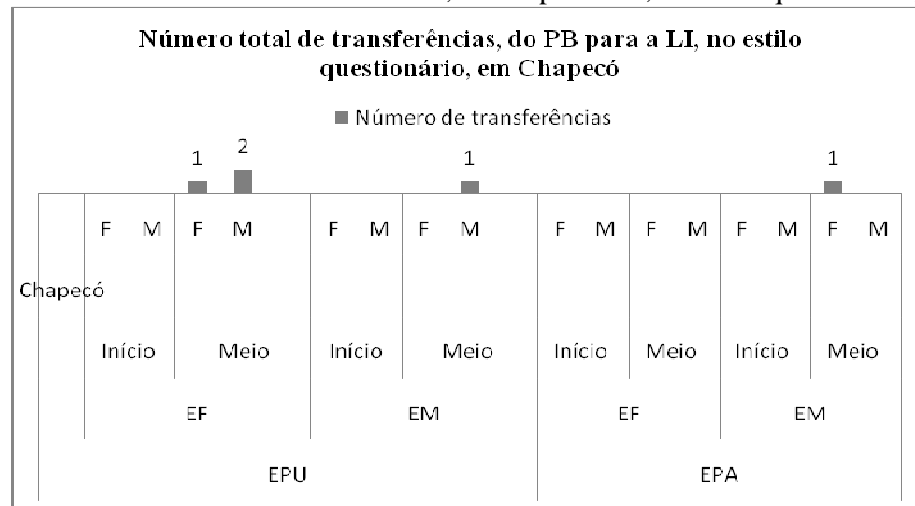
O fato de o informante EMm ter dificuldade em discernir entre a pronúncia da fricativa velar desvozeada [x] e o fone retroflexo[ɣ], na pronúncia da palavra (*hurrah*), além de ser um indício de que o conhecimento em LI não está internalizado, pode representar uma tênue influência da dificuldade que o ítalo-brasileiro tem em discernir entre o tepe [r] e a vibrante múltipla [r̃], no PB (FROSI; RASO, 2011).

4.2.2.2 Escola Particular

Na EPA obteve-se somente uma pronúncia com transferência pela informante do sexo feminino EMf na palavra (*hurrah*) / (hu[x]ah) quando, mais uma vez, se fez uso da fricativa velar desvozeada [x]. Refutam-se as hipóteses (b, d, e, g), pois não se realizaram as vibrantes, na LI falada pelos informantes, e houve somente uma transferência na fala de um informante do sexo feminino do EM. Diferente do que na maioria das vezes, no estilo questionário na EPA, foi um menino quem pronunciou com transferência. Não houve nenhuma transferência na fala dos informantes do EF, o que revida a hipótese de que os informantes do EF realizariam mais transferências, do que os informantes do EM, tendo em vista o menor tempo de estudo em LI. Confirma-se a hipótese (h), pois devido a pronúncia com transferência ocorrer em meio de vocábulo, presume-se que este contexto seja mais difícil de pronunciar a variante /r/, de acordo com a variedade padrão da LI, do que no início de palavra.

Devido à informante ter cometido somente uma transferência no questionário, e não ter realizado nenhuma pronúncia com transferência nos estilos leitura e conversa livre, presume-se que esta ocorrência sucedeu-se por uma gafe da fala, ou pelo fato da informante não conhecer o vocábulo. Ao levar-se em conta esse fato, pressupõe-se que até mesmo os falantes mais fluentes podem, eventualmente, transferirem pronúncias da(s) LM(s) para a LE (ELLIS, 1994). Como houve poucas transferências, os dados indicam que a variante padrão da LI, esta predominando na fala dos informantes da EPA no estilo questionário. Isso se deve, provavelmente, pela prioridade atribuída à variedade padrão da língua, nas instituições de ensino (BORTONI-RICARDO, 2004, 2011). O gráfico 9 apresenta o número total de transferências, no estilo questionário, na cidade de Chapecó.

Gráfico 9 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, no estilo questionário, em Chapecó



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

4.2.3 Leitura

Nesta atividade, houve a possibilidade de 192 realizações para o fonema /r/, sendo 96 no início e 96 no meio de vocábulo. Ocorreram 17 pronúncias com transferência(s), 10 em início ([x]esearched (duas vezes), [x]estaurants (duas vezes), [x]io de Janeiro (quatro vezes), [x]epair (duas vezes)) e sete no meio de vocábulo (e[x]or (quatro vezes), (e[x]ors (três vezes)), quando se fez uso da fricativa velar vozeada [x], e envolveram-se cinco informantes. Os informantes e palavras realizadas com transferência(s) foram: EFl da EPU (*Rio de Janeiro e error*), EFm da EPU (*restaurants, Rio de Janeiro, error e repair*), EFl da EPA (*researched, Rio de Janeiro, repair e errors*), EFm da EPA (*error e errors*) e EMm da EPU (*researched, restaurants, Rio de Janeiro, error e errors*).

Refutam-se as hipóteses (b, g, h), pois não se evidenciou a pronúncia do tepe [r], tampouco da vibrante múltipla [r̃]. Houve maior número de transferências no início do que no meio de palavra, sendo a leitura o estilo em que ocorreu maior número de pronúncias com transferência(s). Ratificam-se as hipóteses (c, d, e), uma vez que se coletou maior número de transferências na fala dos informantes das EPU do que das EPAs, no EF ocorreram mais realizações com transferência(s) do que no EM e constataram-se mais transferências na fala dos meninos do que das meninas.

Pressupõe-se que o prestígio dado ao modo fricativo, a partir da década de 70, século XIX (LANGARO, 2005), pode ter contribuído para que os ítalo-brasileiros fossem deixando de falar as vibrantes, no PB, nos contextos do r-forte. O resultado desse fenômeno parece se refletir na LI. Por ocorrerem mais pronúncias com transferência(s) no início do que no meio de vocábulo, acredita-se que os dois “erres” ortográficos podem não causar intensa dificuldade de pronúncia para o falante, mas o fato do /r/ ser a primeira consoante a ser pronunciada numa palavra, pode facilitar o empréstimo dos fones da(s) LM(s) para a LI.

No estilo leitura ocorreu maior número de transferências, provavelmente, devido essa atividade não ser realizada comumente pelo falante. Os informantes da EPA demonstraram maior rendimento no processo ensino-aprendizagem do que os informantes da EPU (CAGLIARI, 2010). No EM os informantes demonstraram ter um conhecimento mais refinado do que os informantes da EF (RABELLO, 2012) e mais uma vez, constata-se que as meninas realizaram menor número de pronúncias com transferência(s) do que os meninos (TRUDGILL, 2000).

Os dados evidenciam que as palavras pronunciadas com transferência(s) são, em sua maioria, palavras cognatas na LI e no PB, sendo que *Rio de Janeiro* torna-se um estrangeirismo, na LI. Esses fatores podem ter favorecido a realização de pronúncias com transferência(s), por alguns informantes, possivelmente, devido eles fazerem analogia com o PB e, então, transferirem a pronúncia da(s) LM(s) para a LI (ELLIS, 1994).

4.2.3.1 Escola Pública

Na EPU de Chapecó houve 11 transferências, sete realizaram-se no início ([r]esearched (uma vez), [r]estaurants (duas vezes), [x]io de Janeiro (três vezes), [x]epair (uma vez), e quatro no meio de vocábulo (e[x]or (três vezes), e[x]ors (uma vez), e envolveram-se três informantes. Os informantes e as palavras pronunciadas com

transferência(s) foram: E_{Ff} (*Rio de Janeiro* e *error*), E_{Fm} (*restaurants*, *Rio de Janeiro*, *error* e *repair*) e E_{Mm} (*researched*, *restaurants*, *Rio de Janeiro*, *error* e *errors*).

As hipóteses (b, g, h) são recusadas, pois não se constatou influência do contato PB/italiano na realização do /r/ na LI. O contexto em que houve maior número de transferências foi em início de palavra e no estilo leitura constatou-se maior número de pronúncias com transferência(s), quando comparado ao questionário e a conversa livre. São consideradas as hipóteses (d, e), uma vez que houve maior número de transferências no EF do que no EM, e os meninos realizaram maior número de pronúncias com transferência(s) do que as meninas.

Neste estilo, a grande maioria das palavras que foram pronunciadas com transferência(s) são cognatas no PB e na LI, havendo também um estrangeirismo, o que pressupõe que estes vocábulos dificultaram a pronúncia, da variante /r/ padrão da LI, para alguns falantes (DEUS, 2009).

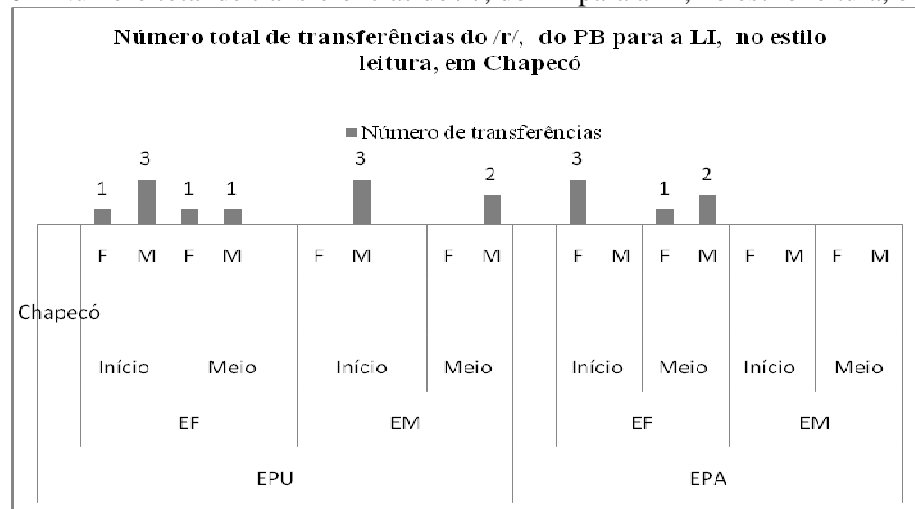
4.2.3.2 Escola Particular

Na EPA, no estilo leitura, ocorreram seis transferências, quando se fez uso da fricativa velar desvozeada [x], três em início ([x]e_sresearched, [x]i_o de Janeiro e [x]e_pair) e três no meio de vocábulo (e[x]or e e[x]ors), e envolveram-se dois informantes. Os informantes e palavras pronunciadas com transferência(s) foram: E_{Ff} (*researched*, *Rio de Janeiro*, *repair* e *errors*) e E_{Fm} (*error* e *errors*). Não houve transferência(s) na fala dos informantes do EM.

A hipótese (b) não se confirmou, pois não se realizaram as vibrantes, na LI falada pelos chapecoenses, e houve maior número de transferências no estilo leitura, do que nos estilos questionário e conversa livre. As hipóteses confirmadas são (d, e, g, h), porque houve somente pronúncias com transferência(s) na fala dos informantes do EF, não havendo transferências na fala dos informantes do EM. As meninas novamente alcançaram um maior número de pronúncias sem transferência(s), houve maior número de transferências no meio do que no início de vocábulo, pelo fato, provavelmente, de os dois “erres” subtenderem uma pronúncia mais intensa, como ocorre no PB com a vibrante múltipla [r̃] (SILVA, 2012). Por fim, na EPA, no estilo leitura, entende-se que as palavras cognatas têm facilitado a transferência dos fones da LM(s) para a LI.

No gráfico 10, a seguir, apresenta-se o número total de transferências no estilo leitura:

Gráfico 10 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, no estilo leitura, em Chapecó

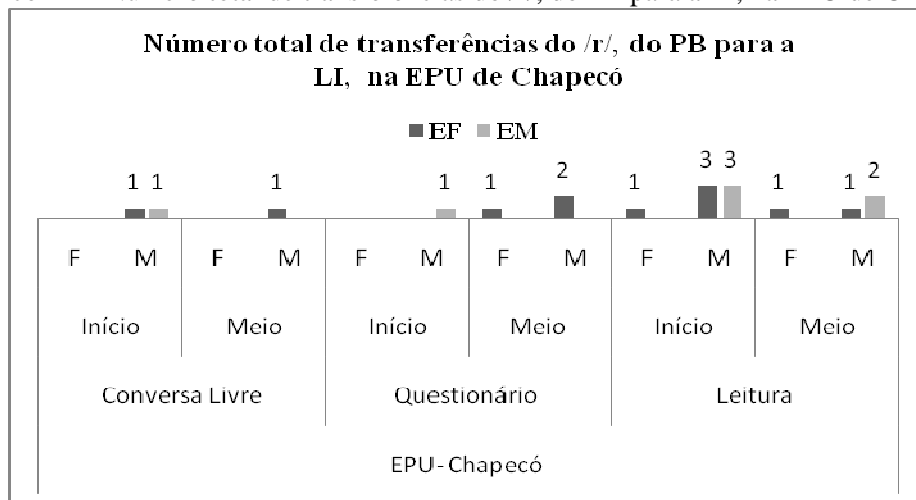


Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Em síntese, em Chapecó, houve 25 pronúncias com transferência(s). No EF foram registradas 17, sendo 10 na fala dos meninos e sete na fala das meninas; no EM houve oito, uma ocorreu na fala das meninas e sete realizaram-se na fala dos meninos. Na EPU obtiveram-se 18 transferências e na EPA sete. As meninas realizaram mesmo número de transferências nos dois contextos, e os meninos mais transferências no meio de vocábulo. O contexto de maior transferência do /r/, do PB para a LI, foi em meio de palavra, pois constatou-se 12 ocorrências em início e 13 no meio de vocábulo. As palavras que tiveram maior número de transferências são cognatas no PB e na LI, havendo também um estrangeirismo. Os vocábulos foram: (*error* / e[x]or cinco vezes), (*hurrah* / hu[x]ah quatro vezes), (*Rio de Janeiro* / xio de Janeiro, quatro vezes) e (*errors* / e[x]ors, quatro vezes).

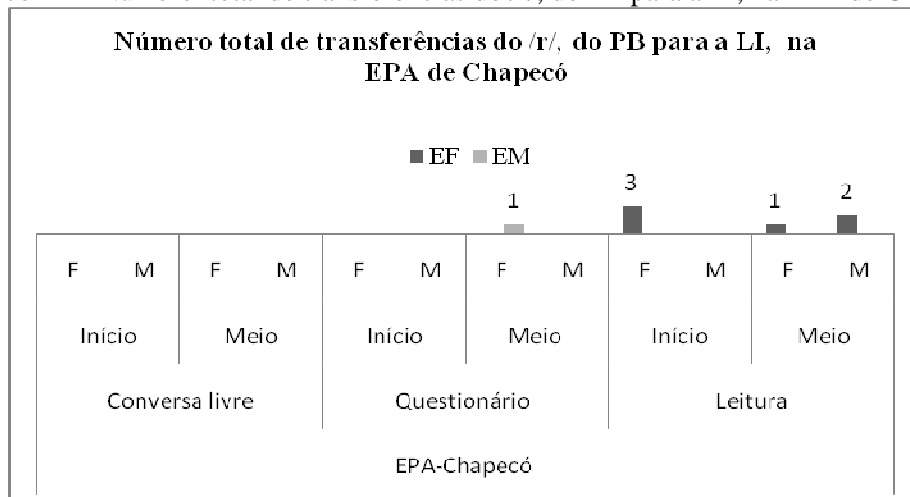
Os gráficos 11 e 12, a seguir, apresentam o número total de transferências nos três estilos, na cidade Chapecó. Esse dado leva em conta que na conversa livre houve 149 realizações para o fonema /r/, no questionário havia 160 possibilidades de realizações para essa variante e na leitura 192. No gráfico 11, apresenta-se o número de transferências na EPU e, no gráfico 12, o número de transferências na EPA.

Gráfico 11 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, na EPU de Chapecó



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Gráfico 12 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, na EPA de Chapecó



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

4.3 CONCÓRDIA

A EPU de Concórdia localiza-se, aproximadamente, a sete quilômetros do centro da cidade e, conforme relato da direção administrativa dessa instituição, 34% dos alunos desta escola são provenientes do contexto rural do município, e 76% oriundos do centro e dos bairros. A EPA situa-se no centro da cidade e recebe alunos que moram no centro e bairros da cidade.

4.3.1 Conversa Livre

Na conversa livre totalizaram-se 151 realizações para o fonema /r/, deste montante 95 correspondem ao /r/ em início de sílaba e 56 em meio de palavra. Ao todo obtiveram-se 148 pronúncias do fone retroflexo [ɾ], três realizações com transferência(s), sendo uma em início ([x]ob) e duas no meio de palavra, abarcando o mesmo vocábulo (e[x]ors), e envolveram-se três informantes. Os informantes e as palavras pronunciadas com transferência(s) foram: EF da EPA (*errors*); EMm da EPU (*rob*) e EMm da EPA (*errors*). Na fala dos informantes do EF da EPU não houve transferência(s).

As hipóteses (b, d, g) são rejeitadas porque não se evidenciou a realização do tepe [r] tampouco da vibrante múltipla [r̃]. Constataram-se mais transferências por informantes do EM do que do EF e houve um baixo número de pronúncias com transferência(s), neste estilo menos formal. As hipóteses (c, e, h) são ratificadas, pois se constatou maior número de transferências na EPU do que na EPA, ocorreram mais pronúncias com transferência(s) na fala dos meninos do que das meninas e coletou-se um maior número de transferências em contextos de meio, do que de início de vocábulo.

Neste estilo houve poucas transferências, o que pressupõe que os falantes tiveram facilidade de assimilar os fones da variedade padrão da LI. Isso se deve, provavelmente, ao fato da maioria dos informantes ser fluente em LI. As realizações com transferência(s) ocorreram com mais intensidade na fala dos meninos do que das meninas, o que indica maior facilidade do sexo feminino na pronúncia da LI. O fato de ter ocorrido maior número de transferências no EM do que no EF, pode ser devido o informante EMm da EPU não ser fluente em LI, e por todos os informantes concordienses do EF da EPU serem fluentes em LI. Houve maior número de transferências no meio de vocábulo; então, entende-se que este contexto pode levar o falante a confundir, mais facilmente, o(s) fone(s) do PB com o(s) fone(s) da LI.

Acredita-se que, no estilo conversa livre, está próximo de acontecer uma mudança da variedade não padrão para variedade padrão da LI, na fala dos concordienses das EPU e EPAs.

4.3.1.1 Escola Pública

Na EPU de Concórdia, na conversa livre, obteve-se somente uma transferência na fala do informante EMm, na realização da palavra (*rob/ [x]ob*). Os informantes EFf e EFm, bem como a informante EMf pronunciaram o fonema /r/ sem transferência(s). Os falantes que adequaram sua fala à variedade padrão possuem um bom conhecimento na LI e afirmam frequentar cursos de idiomas há um bom período de tempo. Já o informante EMm não é fluente, mas ressalta que pratica a LI, através dos jogos da internet, quando se comunica com pessoas de outros países, sendo que nunca frequentou um curso de LI. Embora o informante EMm afirme falar a língua alvo com os internautas, demonstrou-se inseguro para pronunciar determinadas palavras na língua alvo. O fato desse falante não frequentar curso de idiomas, pode ter favorecido a transferência do fone do PB para a LI. Esta hipótese leva em conta os estudos de Santos (2011) e Paraquett (2008), pois se afirma que muitos estudantes buscam as escolas de idiomas para obter um bom conhecimento da LE.

Refutam-se as hipóteses (b, d, g, h), uma vez que não se realizaram as vibrantes, não houve transferências na fala dos informantes do EF, a pronúncia com transferência ocorreu no início de vocábulo e, diferente do que se esperava, o estilo conversa livre foi a atividade em que ocorreram menos transferências. Essas informações podem significar que há um predomínio da variedade não padrão da LI, na fala dos informantes concordienses da EPU, no estilo conversa livre. Mesmo que tenha ocorrido somente uma transferência, o fato de tratar-se da fricativa velar desvozeada [x], presume que esse fone seja notável na variedade do PB falada em Concórdia. Confirma-se a hipótese (e), pois não se realizaram pronúncias com transferência(s) na fala das meninas.

4.3.1.2 Escola Particular

Nesta instituição também ocorreu um número baixo de transferências para o fonema /r/, sendo as duas envolvendo o vocábulo (*errors / e[x]ors*) na fala de dois informantes: EFf e EMm. Todos os informantes concordienses da EPA frequentam cursos de idiomas há pelo menos quatro anos, com exceção do EMm, que começou um curso de LI há dois anos. Assim, pressupõe-se que essa situação pode ter contribuído para a realização de uma conversa fluente, em LI, com todos os entrevistados.

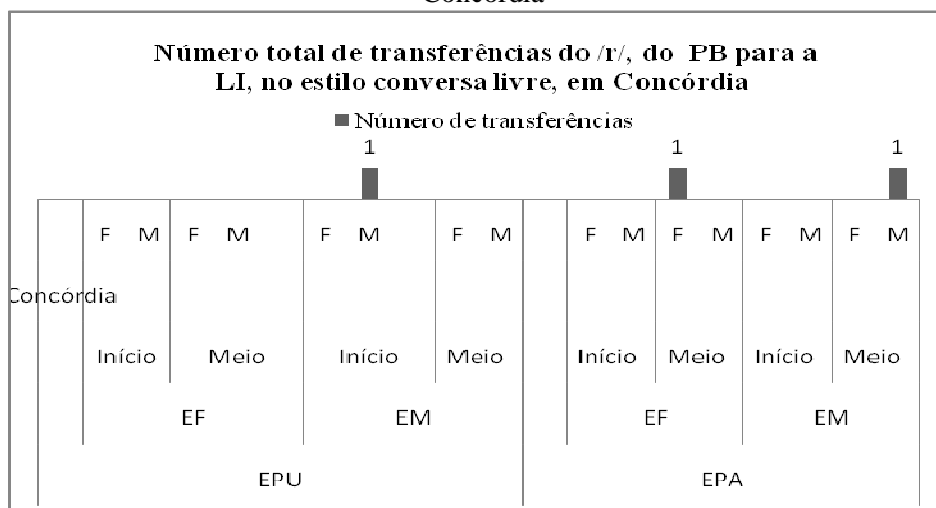
São desconsideradas as hipóteses (b, d, e, g), pois ocorreram somente transferências da fricativa velar desvozeada [x] na LI falada pelos informantes. Na fala dos informantes do EF e

do EM da EPA houve o mesmo número de pronúncias com transferência(s), entre os meninos e as meninas houve um empate quanto ao número de transferências, e ocorreram poucas realizações com transferência(s), neste estilo.

O nível de conhecimento fonético-fonológico, em LI, parece equiparar-se entre os dois níveis de ensino. Isso se deve, provavelmente, ao fato de todos os informantes frequentarem cursos de idiomas (SANTOS, 2011; PARAQUETT, 2008). As pronúncias com transferência(s) foram realizadas por um menino e uma menina; assim, pressupõe-se que um ou outro menino, ou uma ou outra menina podem apresentar alguma dificuldade de pronunciar o /r/ em meio de palavra.

Por terem ocorrido poucas transferências, subtende-se que os informantes não tiveram dificuldade de realizar a atividade no estilo conversa livre, e que à medida que o aprendiz aperfeiçoa seus conhecimentos, a influência da(s) LM(s) tende atenuar-se na fala em LE (RABELLO, 2012; ELLIS, 1994). O fato das duas transferências ocorrerem no meio de vocábulo, confirma a hipótese (h), quando se previu que devido à existência de dois “erres”, os informantes teriam mais dificuldade de pronunciar o fone retroflexo [ɻ] da LI. O gráfico 13, apresenta o número de transferências na EPU e EPA de Concórdia.

Gráfico 13 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, no estilo conversa livre, em Concórdia



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

4.3.2 Questionário

Neste estilo de coleta de dados, houve um total de 160 possibilidades de realizações para o fonema /r/, sendo 88 em início e 72 no meio de vocábulo. Ocorreram seis

transferências, sendo três em início ([r]ock, duas vezes e in [r]isk, uma vez) e três no meio de vocábulo (e[x]ors, uma vez e hu[x]ah, duas vezes). A variante utilizada foi a fricativa velar desvozeada [x]. Os informantes e as palavras pronunciadas com transferência(s) foram: EFm da EPU (*rock* e *hurrah*), EMm da EPU (*rock* e *hurrah*) e EMm da EPA(*errors*). Não houve transferências na fala dos informantes do EF da EPA.

As hipóteses (b, d, g, h) são refutadas, uma vez que não se encontrou a realização das vibrantes. Os informantes do EM realizaram maior número de transferências do que os informantes do EF. Houve um empate de pronúncias com transferência(s) entre os contextos de início e meio de vocábulo, e o número de transferências, neste estilo, superou as realizações da conversa livre. O desaparecimento das vibrantes pode ser consequência da urbanização de Concórdia torna-se mais notável, bem como ao desprestígio atribuído ao tepe [r] nos contextos do r-forte (SPESSATO, 2003). O fato de ter ocorrido maior número de pronúncias com transferência(s) no EM, se deve, possivelmente, ao fato do informante do EMm da EPU não ser fluente na LI, e realizar, pelo menos, três transferências. Este dado pode demonstrar que, na maioria das EPUs, não se proporciona ao aluno um ensino que desenvolve a aptidão oral em LI (SANTOS, 2011; PARAQUETT, 2008).

Houve um empate de pronúncias com transferência(s) entre os contextos de início e meio de vocábulo e, desse modo, entende-se que um ou outro falante pode ter dificuldade de realizar a variante /r/ da LI padrão, nos dois contextos. O número de transferências, neste estilo, superou as realizações da conversa livre. Este resultado pode ser um sinal de que a conversa espontânea deixa o informante mais à vontade para falar em LI.

Consideram-se as hipóteses (c, e), porque na EPA teve menor número de pronúncias com transferência(s) do que na EPU, e as meninas realizaram menos transferências do que os meninos. Constatou-se um maior número de transferências em palavras cognatas no PB e na LI, o que significa que a influência da(s) LM(s) na LE tende a se intensificar na pronúncia desses vocábulos (DEUS, 2009).

4.3.2.1 Escola Pública

Na EPU, no estilo questionário, obtiveram-se cinco transferências para o /r/ em LI, sendo três em início ([x]ock, duas vezes; in [x]isk, uma vez) e duas no meio de vocábulo (hu[x]ah, duas vezes), e envolveram-se dois informantes. Os informantes e as palavras pronunciadas com transferência(s) foram: EFm da EPU (*rock* e *hurrah*) e EMm da EPU (

rock, hurrah e in risk). São rejeitadas as hipóteses (b, g, h), uma vez que, na LI falada pelos informantes, houve transferências somente da fricativa velar desvozeada [x]. Neste estilo ocorreram mais transferências do que na conversa livre e menos do que no estilo leitura. Constatou-se maior número de pronúncias com transferência(s) no início, do que no meio de contexto. O que, possivelmente, significa que a variante /r/ em posição inicial de palavra, pode facilitar o empréstimo dos fones do PB para a LI, no estilo questionário.

São confirmadas as hipóteses (d, e), pois embora nenhum dos informantes da EPU conhecia a palavra (*hurrah*), as meninas pronunciaram o vocábulo de acordo com a variedade padrão da LI, fato que não ocorreu na fala dos meninos. Essa situação demonstra que a fonética da LI pode estar mais internalizada nos informantes do sexo feminino, do que nos informantes do sexo masculino. No EF ocorreram menos transferências do que no EM, o que significa que no nível mais avançado de estudo, a influência da(s) LM(s) na LE, tende a atenuar-se (ELLIS, 1994). Os dados apontam para um número baixo de pronúncias com transferência(s) neste estilo, mas maior do que se realizou no estilo conversa livre. Isso se deve, provavelmente, a alguns informantes não estarem acostumados a responderem atividades semelhantes às apresentadas no estilo questionário (conforme descrito no capítulo 4 geral).

4.3.2.2 Escola Particular

Na EPA, no estilo questionário, constatou-se somente uma realização com transferência para o fonema /r/, em LI. O informante EMm fez uso da fricativa velar vozeada [x], na pronúncia do vocábulo (*errors/ e[x]ors*). Os demais entrevistados pronunciaram o fonema /r/ de acordo com a variedade padrão da LI.

Refutam-se as hipóteses (b, d, e, g), pois não se constatou a realização do tepe [r], que é marca do contato PB/italiano, tampouco da vibrante múltipla [r̃]. Ocorreu somente uma pronúncia com transferência por um informante do sexo masculino do EM, e esperavam-se menos transferências, neste estilo, do que na conversa livre.

Embora o informante EMm tenha realizado somente uma transferência, demonstrou dificuldade em realizar o /r/ nos contextos de meio de palavra, porque sempre diminuía seu ritmo de fala, frente a tais ambientes, e por uma vez oscilou entre a pronúncia do fone retroflexo [ɹ] e a fricativa velar desvozeada [x]. A dificuldade de pronunciar o /r/ em tais contextos, pelo EMm, pode assemelhar-se à dificuldade dos ítalo-brasileiros em realizarem

esse fonema, nesse mesmo contexto, no PB, quando tendem a fazer uma troca entre o tepe [r] e a vibrante múltipla [r̃] (FROSI; RASO, 2011).

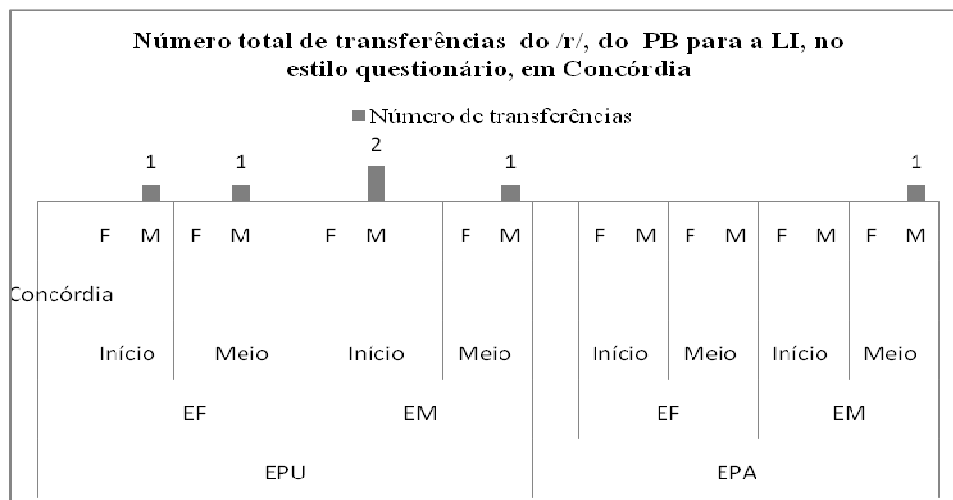
Esse dado pode evidenciar, de forma silenciosa, uma possível influência do contato PB/italiano na realização do /r/ na LI. Além disso, o fato da palavra (*error*) ser cognata no PB e na LI, pode ter acentuado a influência da(s) LM(s) na LE (DEUS, 2009).

Devido à pronúncia com transferência ter ocorrido na fala de um menino, pode significar que as meninas tenham mais facilidade de falar conforme a variedade padrão da LI. Por não se constatarem transferências no EF, pressupõe-se que esses falantes podem ter um conhecimento mais refinado da pronúncia em LI, do que os informantes do EM. No entanto, ao se considerar que houve somente uma realização com transferência no EM, os dados entre o EF e EM parecem ser bastante semelhantes. Isso pode ter ocorrido, provavelmente, devido todos os informantes serem fluentes em LI.

Ao verificar-se que a pronúncia com transferência ocorreu no meio de palavra, e que o falante oscilou entre o fone do PB e o fone da LI, pressupõe-se que este ambiente pode propiciar alguma dificuldade de pronúncia para um ou outro informante concórdiense da EPA e, desse modo, vai-se ao encontro da hipótese (h). Constatou-se que houve um número relativamente baixo de transferências, no estilo questionário da EPA, sendo que no estilo conversa livre, não houve nenhuma ocorrência e na leitura, realizaram-se poucas transferências. Desse modo, constata-se que os informantes da EPA de Concórdia têm bom conhecimento da oralidade em LI.

A seguir, no gráfico 14, apresenta-se o número de transferências no questionário, na EPU e EPA de Concórdia.

Gráfico 14– Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, no estilo questionário, em Concórdia



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

4.3.3 Leitura

Nesta atividade, houve a possibilidade de 192 realizações para o fonema /r/, sendo 96 no início e 96 no meio de vocábulo. Cinco informantes realizaram um total de 15 pronúncias com transferência(s), quando se fez uso da fricativa velar desvozeada [x]; 11 realizações ocorreram em início de vocábulo: ([x]esearched, uma vez; [x]estaurants, duas vezes; [x]io de Janeiro, três vezes; [x]ice, uma vez; [x]estaurant, uma vez; [x]ainning, uma vez; [x]ainbow, uma vez e [x]epair, uma vez) e quatro realizações ocorreram no meio de vocábulo: (e[x]or, duas vezes e e[x]ors, duas vezes).

Dessa lista de palavras, oito ocorreram na fala de informantes da EPU e sete na fala de informantes da EPA. No EF ocorreram seis e no EM nove transferências, na fala de informantes do sexo masculino ocorreram 12 e na fala de informantes do sexo feminino, três pronúncias com transferência(s). Os informantes e as palavras realizadas com transferência(s), no estilo leitura, na cidade de Concórdia foram: EFm da EPU (*researched*, *restaurants*, *raining* e *repair*), EFf da EPA (*error* e *erros*), EMm da EPU (*restaurants*, *rice*, *restaurant*, *rainbow*), EMf da EPA (*Rio de Janeiro*) e EMm da EPA (*Rio de Janeiro*, *error* e *errors*).

As hipóteses (b, g, h) são contestadas, uma vez que se evidenciou somente a transferência da fricativa velar desvozeada [x], na LI falada pelos informantes. Esse dado tende a comprovar o silenciamento das marcas do contato PB/italiano (CALLOU; LEITE, 2013). Houve maior número de pronúncias com transferência(s) em início do que no meio de vocábulo, o que pressupõe maior influência dos fones, do PB na LI, no contexto inicial de palavra. Notou-se mais dificuldade do falante em pronunciar o fone retroflexo [x] da LI, no

estilo leitura. O resultado pode ser uma prova de que a leitura em LI, em voz alta, é uma atividade, raramente ou nunca propiciada pela escola.

As hipóteses (c, d, e) estão em consonância com o que havia sido previsto, uma vez que os informantes da EPU realizaram maior número de transferências, do que os informantes da EPA, o que corresponde aos estudos de Sampaio e Guimarães (2009). No EF houve mais pronúncias com transferência(s) do que no EM, possivelmente, devido ao EM propiciar o aperfeiçoamento dos conhecimentos adquiridos no EF (BRASIL, 2000). As meninas aproximaram-se mais da variedade padrão da LI, do que os meninos. Isto se deve, conforme Fernandes (1994), devido à escola sustentar uma ideologia que diferencia as aptidões entre o sexo feminino e o sexo masculino, assim as meninas tendem a ter atitudes mais perseverantes, nos estudos, do que os meninos.

As informações acerca das realizações com transferência(s) na LI, no estilo leitura, dão conta que há uma probabilidade maior desse fenômeno ocorrer em palavras cognatas no PB e na LI, do que em palavras que tem o radical pertencente a somente uma língua. Esta hipótese pode ser ratificada ao se considerar a pesquisa de Deus (2009), em que constatou que das 40% de pronúncias com transferência(s) na LI, 33% envolveram palavras cognatas e 6,66% não cognatas.

4.3.3.1 Escola Pública

Na EPU, no estilo leitura, dois informantes realizaram um total de oito transferências, no início de vocábulo, que foram pronunciadas como fricativa velar desvozeada [x]: ([x]researched (uma vez), [x]restaurants (duas vezes), [x]ice (uma vez), [x]restaurant (uma vez), [x]aining (uma vez), [x]ainbow (uma vez) e ([x]epair) (uma vez). No EF ocorreram quatro e no EM, também, houve quatro realizações com transferência(s) na fala de dois informantes do sexo masculino. Os informantes e as palavras pronunciadas com transferência(s), foram: EMf (*researched, restaurants, raining e repair*) e EMm (*restaurants, rice, restaurant e rainbow*). O informante EFm apresenta bons conhecimentos da oralidade na língua alvo e frequenta curso de LI, já o informante EMm não é fluente, e não frequenta curso de idiomas.

As hipóteses (b, d, g) são revidadas porque não se realizaram as vibrantes. Ocorreu um empate de realizações com transferência(s) entre o EF e o EM e houve maior número de ocorrências no estilo leitura do que nos estilos questionário e conversa livre. O empate quanto ao número de pronúncia com transferência(s) entre os informantes do EF e EM, possivelmente, ocorreu pelo fato do informante EFm aperfeiçoar seu conhecimento, na língua

alvo, na escola de idiomas e o informante EMm, devido frequentar um nível de ensino superior ao EF. No estilo leitura denota-se maior número de transferências do que se previu. Este efeito se deve, possivelmente, devido à atividade de leitura em voz alta, na LI, não ser comum ao dia a dia do informante.

As hipóteses (e, h) se confirmam, pois se coletou maior número de transferências na fala dos informantes do sexo masculino do que na fala dos informantes do sexo feminino. O dado decorre, provavelmente, “devido às mulheres adotarem as formas inovadoras mais rapidamente do que os homens” (LABOV, 2008, p.353). No estilo leitura, a pronúncia dos dois “erres” ortográficos demonstra causar maior dificuldade do que a pronúncia do fonema /r/, no início de palavra.

4.3.3.2 Escola Particular

Na EPA de Concórdia, no estilo leitura, três informantes realizaram um total de sete transferências, que foram pronunciadas como fricativa velar vozeada [x], sendo três em início ([x]io de Janeiro, três vezes) e quatro no meio de palavra (e[x]or, duas vezes e e[x]ors, três vezes). Os informantes e palavras pronunciadas com transferência(s) foram: EFf: (*error* e *errors*); EMf (*Rio de Janeiro*) e EMm (*Rio de janeiro*, *error* e *errors*). Os informantes EFf e EMf realizaram as transferências de forma espontânea, já o informante EMm, demonstrou dificuldade em realizar o /r/ em algumas palavras e tentou autocorrigir-se. No entanto, com o desenrolar da leitura, esse desconforto foi diminuindo. Assim, a palavra (*Rio de Janeiro*), na primeira vez, foi realizada com transferência(s) e depois, a pronúncia da variante /r/ oscilou entre a fricativa velar desvozeada [x] e o fone retroflexo [ɹ]; situação que resultou em duas transferências da fricativa velar desvozeada [x]. Na palavra (*error*) realizou-se o fone retroflexo [ɹ], e logo se pronunciou usando a fricativa velar desvozeada [x]. No vocábulo (*error*) realizou-se o fone retroflexo [ɹ].

Refutam-se as hipóteses (b, d, g), porque houve somente transferências da fricativa velar desvozeada [x], na LI falada pelos informantes. Ocorreram mais transferências no EM do que no EF e constatou-se um número considerável de pronúncias com transferência(s) neste estilo, se comparado aos estilos questionário e conversa livre.

O fato de o informante EMm diminuir o número de pronúncias com transferência(s), no decorrer da leitura, pode significar que ele passou por um processo de adaptação da(s) LM(s) para a LE, que parece ter se estabilizado ao final da atividade. A ação do informante

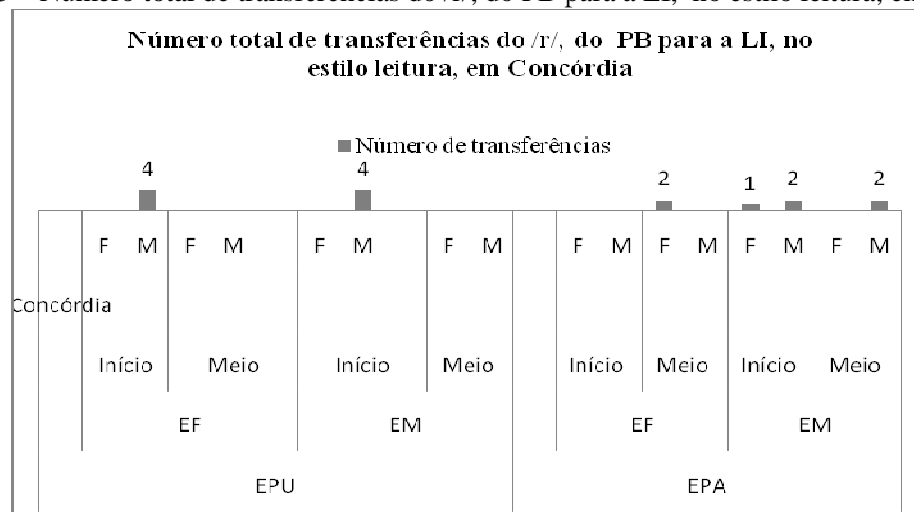
EMm em oscilar entre o fone retroflexo [ɹ] e a fricativa velar desvozeada [x] na realização do /r/ em LI, em início e meio de vocábulo, pode advir pelo fato dos ítalo-brasileiros já apresentarem dificuldade na realização das vibrantes, nos contextos do r-forte, de acordo com a variedade padrão do PB (SPESSATO, 2003). Significa dizer que essa característica estaria sendo transferida para a LI, mas envolvendo o fone da LI e o fone do PB, já que está ocorrendo uma mudança de vibrante para fricativa no PB (MONARETO; QUEDNAU; HORA, 2010). Esta dificuldade poderia ser, portanto, uma marca tênue do contato PB/italiano na LI. No EF ocorreram duas e no EM cinco pronúncias com transferência(s).

Neste estilo o informante teve mais dificuldade em pronunciar o fone retroflexo [ɹ] do que nos outros estilos. O dado demonstra que, possivelmente, o estilo mais formal não levou o informante a monitorar-se. Esta situação pode ser uma prova de que não se pratica a leitura em LI, em voz alta, tanto nas EPAs e EPU, como nas escolas de idiomas.

As hipóteses (e, h) são aceitas, pois os meninos realizaram uma transferência a mais do que as meninas, o que totalizou maior número de pronúncias com transferência(s) na fala dos informantes do sexo masculino. As transferências no contexto de meio de palavra parecem se acentuarem no estilo leitura, o que se leva a crer que os dois “erres ortográficos” provocam mais dificuldade, do que o contexto inicial de palavra, na realização do fone retroflexo [ɹ]. Assim, pressupõe-se que, influenciados pela pronúncia da vibrante múltipla [r̃] do PB, os informantes podem ter se equivocado e pronunciado o fone retroflexo [ɹ] com mais intensidade e por não conseguirem, optaram pelo fone fricativo.

O gráfico 15 apresenta o número de transferências no estilo leitura, na EPU e EPA de Concórdia.

Gráfico 15 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, no estilo leitura, em Concórdia

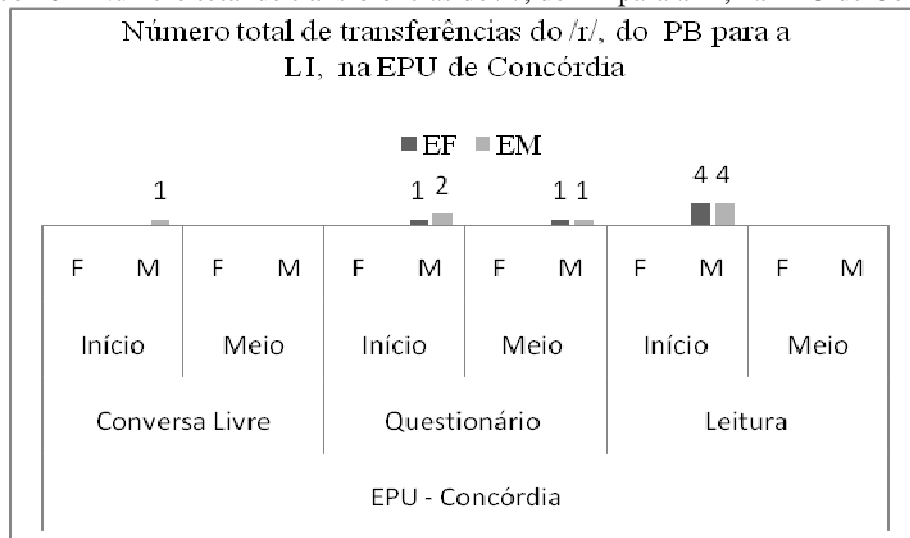


Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Em resumo, em Concórdia houve 24 transferências na LI falada pelos concordienses, sendo 15 em início e nove no meio de palavra. No EF foram registradas nove transferências, três na fala das meninas e seis na fala dos meninos. No EM houve 15 transferências, uma na fala das meninas e 14 na fala dos meninos. Na EPU ocorreram 14 transferências e na EPA realizaram 10 pronúncias com transferência(s). As meninas realizaram mais transferências em meio de palavra e os meninos no início de vocábulo. Na EPU ocorreram mais transferências no início e na EPA constataram-se mais transferências no meio de vocábulo. No geral, houve uma maior dificuldade de realizar o fone retroflexo [ɻ], da LI, no início de palavra, pois verificaram-se 15 transferências em início e nove no meio de vocábulo.

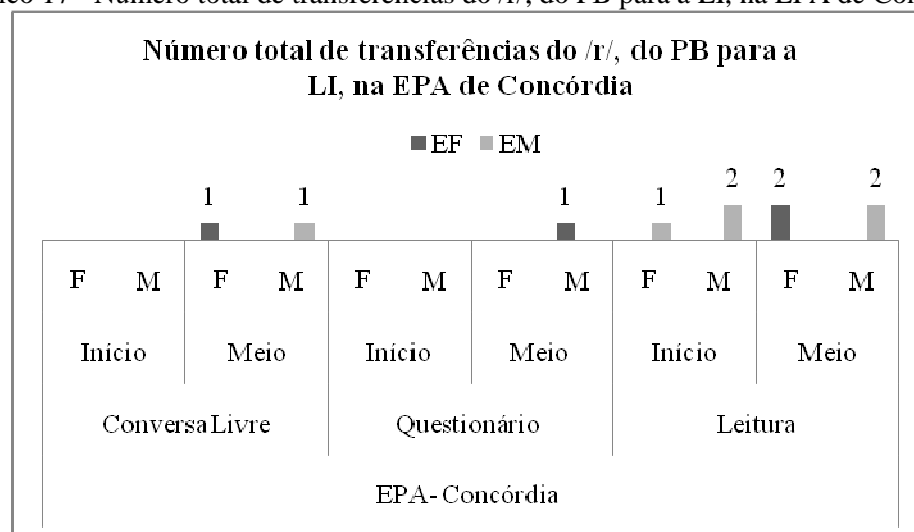
As palavras que tiveram maior número de transferências são cognatas no PB e na LI, havendo também um estrangeirismo. Os vocábulos foram: (*errors* / e[x]ors), quatro vezes), (*error* / e[x]or três vezes), (*Rio de Janeiro*/ [x]io de Janeiro, três vezes), (*hurrah* / hu[x]ah, duas vezes), (*rock* / [x]ock, duas vezes) e (*restaurants* / [x]estaurants duas vezes). O gráfico 16 apresenta o número de transferências na EPU e, no gráfico 17, as transferências na EPA. Esse dado leva em conta que na conversa livre totalizaram-se 149 realizações para o fonema /r/, no questionário havia 160 e na leitura 192 possibilidades de pronúncias para a variante em estudo.

Gráfico 16 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, na EPU de Concórdia



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Gráfico 17– Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, na EPA de Concórdia



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

4.4 GRUPO DE CONTROLE

O grupo de controle é formado por quatro informantes adultos, que são moradores do centro e dos bairros, dos municípios de Chapecó e Concórdia.

4.4.1 Chapecó

Os informantes do grupo de controle de Chapecó são fluentes na LI. A informante morou dois anos no exterior e é professora. O informante atua na área da engenharia e, atualmente, frequenta um curso de língua alemã.

Na conversa livre e na leitura do texto, os dois informantes pronunciaram o /r/ de acordo com a variedade padrão da LI. No questionário, que tende a ser mais formal que a conversa livre e menos formal que a leitura, o informante realizou duas transferências da fricativa velar desvozeada [x] nas palavras (*rock e hurrah*): ([x]ock, uma vez) e hu[x]ah), uma vez); já a informante pronunciou o fone retroflexo [ɻ]. No grupo principal ocorreu maior número de pronúncias com transferência(s), na leitura; e no grupo de controle, somente, ocorreram transferências no questionário.

Este fato pode ser um indício de que na idade adulta as transferências tendem a diminuir na habilidade da leitura, e atenuarem-se na fala espontânea, possivelmente, devido ao indivíduo adquirir maturidade e, supostamente, ler com mais acuidade. Vale

ressaltar que tanto o homem quanto a mulher, não conheciam a palavra (*hurrah*), mas mesmo sem conhecê-la, a informante pronunciou-a de acordo com a variedade padrão da LI, o que não aconteceu com o informante masculino. No grupo principal de Chapecó ocorreram mais transferências na fala dos meninos e no grupo de controle houve transferências, somente na fala do homem. Esses dados podem indicar que com o avançar dos estudos, as mulheres continuam a se aproximar mais da variedade padrão da língua do que os homens (LABOV, 2008; TRUDGILL, 2000). A dificuldade do informante em pronunciar a palavra (*rock*) de acordo com a variedade padrão da LI, não ocorreu com os informantes que fazem parte do grupo principal. No entanto, as palavras (*hurrah*) e (*Rio de Janeiro*) foram pronunciadas com transferência(s) tanto no grupo principal, quanto no grupo de controle, o que pressupõe que as palavras cognatas e os estrangeirismos são mais suscetíveis às transferências do que as palavras com características comuns a uma só língua (DEUS, 2009).

Devido não ter ocorrido a realização do tepe [r] e nem mesmo da vibrante múltipla [r̥], tanto no grupo principal, quanto no grupo de controle de Chapecó, pressupõe-se que as marcas do contato PB/italiano estão desaparecendo na variedade do PB, falada pelos chapecoenses (MONARETTO; QUEDNAU; HORA, 2010).

Presume-se que as características da(s) LM(s) podem, eventualmente, ocorrer na fala em LE, mesmo depois que o falante alcançar um nível avançado de conhecimento na língua alvo. O fato do informante do grupo de controle transferir a pronúncia da fricativa velar vozeada [x] em início e meio de palavra, pode significar que a dificuldade de realizar o fone retroflexo [ɣ], tem possibilidade de perdurar na fala em LI de um ou outro chapecoense adulto, do sexo masculino. Não houve transferências na fala da informante do grupo de controle. Esse dado parece demonstrar que houve uma assimilação completa da variante padrão da LI para esta informante, e evidencia que as mulheres tendem a ter mais facilidade na pronúncia da LI.

4.4.2 Concórdia

Tanto o homem quanto a mulher do grupo de controle de Concórdia, são fluentes na LI e atuam como professores, nesta cidade. Coletaram-se duas transferências na fala do homem, nas palavras (*hurrah* e *Rio de Janeiro*). A mulher não realizou pronúncias com transferência(s). Na conversa livre não ocorreram transferências; no questionário o homem transferiu a pronúncia da fricativa velar desvozeada [x] em (hu[x]ah) e na leitura em ([x]io de Janeiro). Ao comparar os dados do grupo principal com os dados do grupo de controle,

constata-se que na fala dos informantes concordienses EFm e EMm da EPU, no estilo questionário, também houve transferência da fricativa velar desvozeada [x] na palavra (*hurrah*/ hu[x]ah). No estilo leitura, também, se constataram transferências em (*Rio de Janeiro* / [x]io de Janeiro) pelos EMm e EMf da EPA. A dificuldade de pronunciar a palavra (*Rio de Janeiro*) se repetiu no grupo de controle, o que se pressupõe que os estrangeirismos, bem como as palavras cognatas, podem provocar eventuais dúvidas de pronúncia, até mesmo no falante que tiver um bom nível de conhecimento em LI.

Quanto ao fato do informante do grupo de controle também não conhecer a palavra (*hurrah*), e pronunciá-la com transferência, pressupõe-se que a insegurança quanto ao significado de uma ou outra palavra, pode manifestar-se, também, para indivíduos mais proficientes na LE. O desconhecimento de algum vocábulo numa LE tende a aumentar as possibilidades de transferência das características da(s) LM(S) (ELLIS, 1994).

As meninas do grupo principal aproximaram-se mais da variedade padrão da LI, e isto se repetiu no grupo de controle. A mulher do grupo de controle não realizou nenhuma transferência e foi a única, entre os 20 informantes da pesquisa, que conhecia a palavra (*hurrah*). Assim, novamente, ratifica-se a hipótese (e) de que a mulher tende a aproximar mais sua fala da variedade padrão da língua, do que o homem (LABOV, 2008; TRUDGILL, 2000).

O fato de terem ocorrido transferências, nos contextos de início e meio de palavra, pelo informante do grupo de controle, pode ser uma prova de que um ou outro informante adulto, ainda que fluente, pode realizar alguma pronúncia com transferência(s) nos dois contextos.

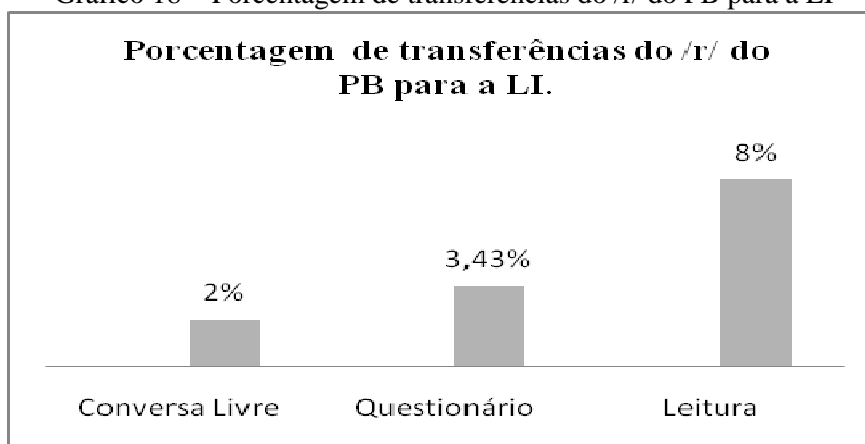
Não se coletou a realização das vibrantes, mas, sim, da fricativa velar desvozeada [x], o que desconsidera a hipótese (b), quando se pressupunha que devido Concórdia ser uma cidade pequena, circundada por cidades rurais do oeste catarinense, estariam ainda evidentes as marcas do contato PB/italiano. Esse dado pode comprovar que a crescente urbanização de Concórdia (IBGE, 2014), aliada às atitudes de desprestígio da pronúncia do tepe [r], nos contextos do r-forte (SPESSATO, 2003), são fatores que podem ter favorecido a ascensão da fricativa velar desvozeada [x], como variante de prestígio do PB, com conseqüente influência na LI falada pelos informantes.

Houve confluência de dados entre os informantes do grupo principal e do grupo de controle, isso demonstra que a mudança da variedade não padrão para a variedade padrão da LI, no que tange ao uso do fone retroflexo, está próxima de ser completada.

5 CONCLUSÃO

Conforme se apresentou no presente trabalho, a assimilação da variante padrão da LI mostrou-se totalmente concluída na EPA de Chapecó, no estilo conversa livre. Nas demais instituições a mudança está se encaminhando para a pronúncia da variedade padrão da LI, pois houve uma porcentagem pequena de transferências na fala dos ítalo-brasileiros das cidades de Chapecó e Concórdia, segundo apontado no gráfico 18. Esta constatação considera que na conversa livre houve 300 realizações do fonema /r/, durante a conversa com os informantes, no questionário havia 320 e na leitura 384 possibilidades de realizações para a variante em estudo.

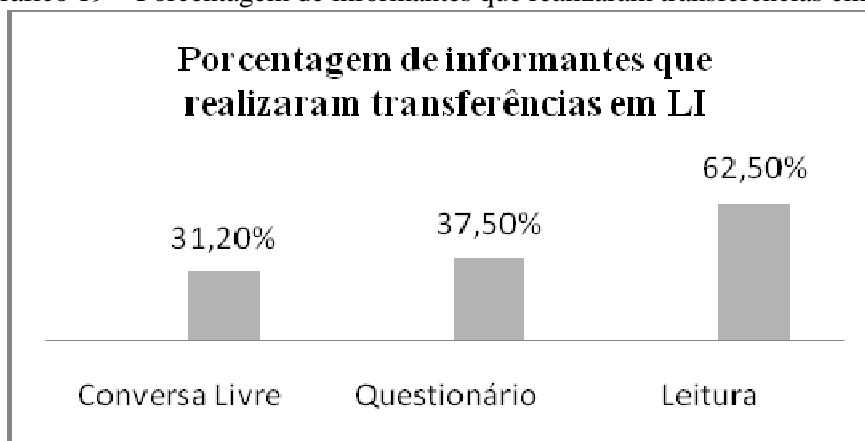
Gráfico 18 – Porcentagem de transferências do /r/ do PB para a LI



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Os dados acerca da porcentagem de informantes que realizaram transferências, se considerado o número de 16 informantes no total, segundo o gráfico 19, assim se apresentaram:

Gráfico 19 – Porcentagem de informantes que realizaram transferências em LI.



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

As informações dos gráficos 18 e 19 contrariam a hipótese (g), pois devido à conversa livre ser um estilo menos formal pressupunha-se encontrar mais informantes que pronunciassem com transferência(s), bem como maior porcentagem de transferências. Isso se deve, possivelmente, aos alunos estarem acostumados a ler no PB em todas as disciplinas curriculares, já a leitura em LI tende a ocorrer somente nas aulas de LI e em voz alta, tende a ser esporádica.

Com relação à pergunta norteadora da pesquisa – “Qual é a pronúncia do /r/ da LI por ítalo-brasileiros, pertencentes a diferentes comunidades de fala e níveis de escolaridade?”, chega-se a seguinte conclusão: Não houve transferências do tepe [r], tampouco da vibrante múltipla [r̃], mas somente da fricativa velar desvozeada [x] na LI falada pelos informantes. Somando os dados das duas cidades totalizaram-se 49 transferências, o que indica um número baixo de transferências e predomínio da pronúncia do fone retroflexo [ɹ].

No que se refere aos objetivos que sustentaram essa pesquisa, no decorrer do trabalho chegou-se as seguintes conclusões:

Objetivo a: Levantar e relatar dados, a partir de uma revisão bibliográfica, com o intuito de verificar a existência de variantes do /r/ na LI.

Através da discussão em torno do fonema /r/, pretendeu-se contribuir com a academia científica para a minimização dos estigmas decorrente do uso de uma ou outra variante do /r/, no PB e na LI.

Objetivo b: Coletar, descrever e analisar dados relativos à pronúncia do /r/ em LI, por ítalo-brasileiros, nas cidades de Concórdia e Chapecó e, dessa forma, averiguar em qual dos dois municípios há maior influência do contato PB/italiano na realização do /r/ da LI.

Não se encontrou a realização do tepe [r] em nenhuma das cidades investigadas, nem mesmo na fala dos informantes concordienses, onde se pressupunha estar mais evidente a realização dessa variante e da vibrante múltipla [r̃]. O que se constatou foi que um ou outro informante oscilou entre a pronúncia da fricativa velar desvozeada [x] e do fone retroflexo [ɹ], no contexto de meio de palavra. Significa dizer que esses informantes poderiam estar refletindo na LI, a dificuldade que os ítalo-brasileiros têm em discernirem o tepe [r] da vibrante múltipla [r̃], nos contextos do r-forte (SPESSATO, 2003).

Confirma-se a hipótese de que poderia ocorrer a realização da fricativa velar desvozeada [x], mas diferente do que se previu não se esperava que essa realização

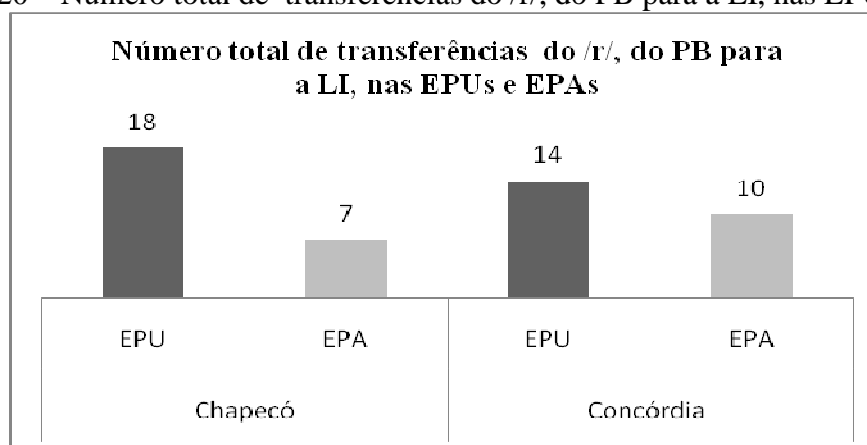
acontecesse de forma homogênea, tanto em Chapecó quanto em Concórdia. Tendo em vista que características da(s) LM(s) podem ser transferidas para a LE (ELLIS, 1994), acredita-se que na variedade do PB falado pelos concordienses e chapecoenses, as vibrantes estão em declínio e a fricativa velar desvozeada [x] está em ascensão, o que fortalece os dados de pesquisas anteriores apresentadas por Monareto, Quednau e Hora (2010).

O fato de Concórdia estar se tornando um município mais urbanizado e devido Chapecó ser a maior cidade do oeste catarinense (IBGE, 2010), são fatores que podem ter favorecido a transferência da fricativa velar desvozeada [x], na LI falada pelos informantes. Essa hipótese leva em conta que, segundo Callou e Leite (2013), no PB as vibrantes são realizações comuns ao contexto mais rural e as fricativas típicas ao ambiente mais urbano.

Objetivo c: Verificar se o número de pronúncias com transferência(s) difere-se entre as EPU e EPAs, no intuito de diagnosticar em qual das instituições os informantes aproximam mais sua fala da variedade padrão da LI.

Nas EPU houve um número maior de transferências do que nas EPAs, o que pressupõe que os informantes das EPAs têm um conhecimento mais acurado, da pronúncia da LI, do que os informantes das EPU. Esse resultado confirma os estudos de Sampaio e Guimarães (2009) e Cagliari (2010). Confira esses dados, no gráfico 20:

Gráfico 20 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, nas EPU e EPAs



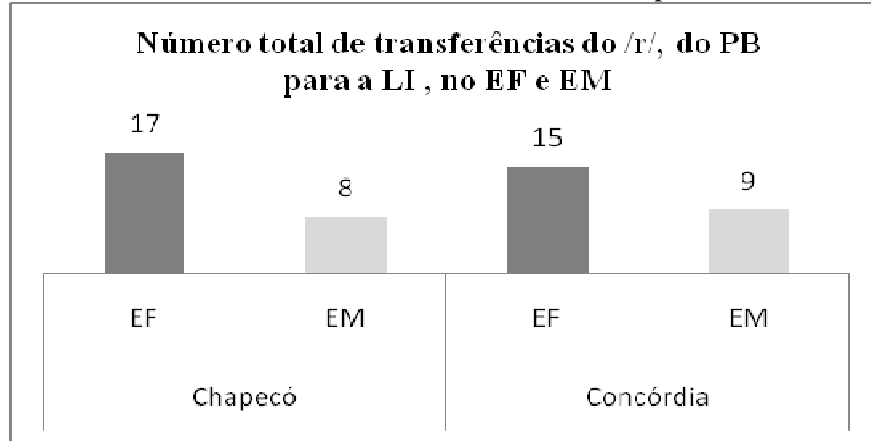
Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Objetivo d: Investigar se os informantes do EM aproximam mais sua fala da variedade padrão da LI do que os informantes do EF.

Houve maior número de transferências no EF do que no EM. Dessa forma, acredita-se que o conhecimento dos informantes do EM está mais refinado do que o conhecimento dos

informantes do EF. Isso se deve, possivelmente, ao maior tempo de estudo da LE (RABELLO, 2012), conforme os dados no gráfico 21.

Gráfico 21 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, no EF e EM

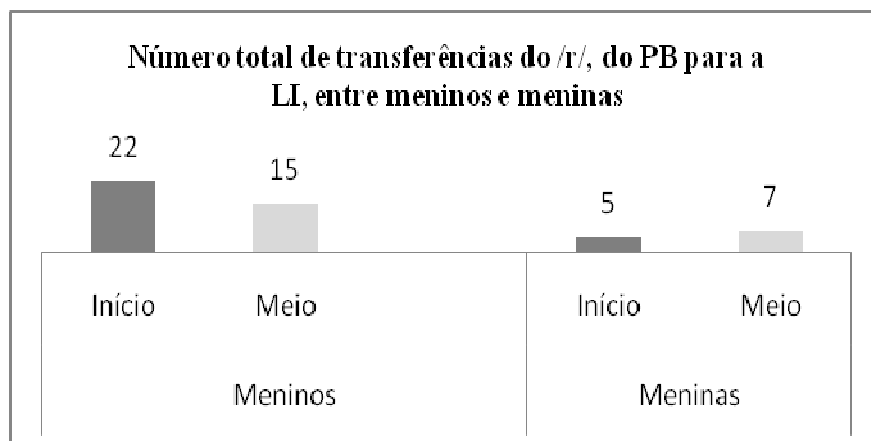


Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Objetivo e: Descrever o uso do /r/, em LI, por informantes do sexo masculino e feminino e analisar se o número de pronúncias com transferência(s) se difere entre os dois grupos.

As meninas realizaram menor número de transferências do que os meninos (Gráfico 22). Esse resultado pode estar ligado ao fato de a escola conduzir uma educação diferenciada entre meninos e meninas (FERNANDES, 1996), e devido às mulheres serem mais sensíveis à língua padrão do que os homens (LABOV, 2008; TRUDGILL, 2000).

Gráfico 22 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, entre meninos e meninas



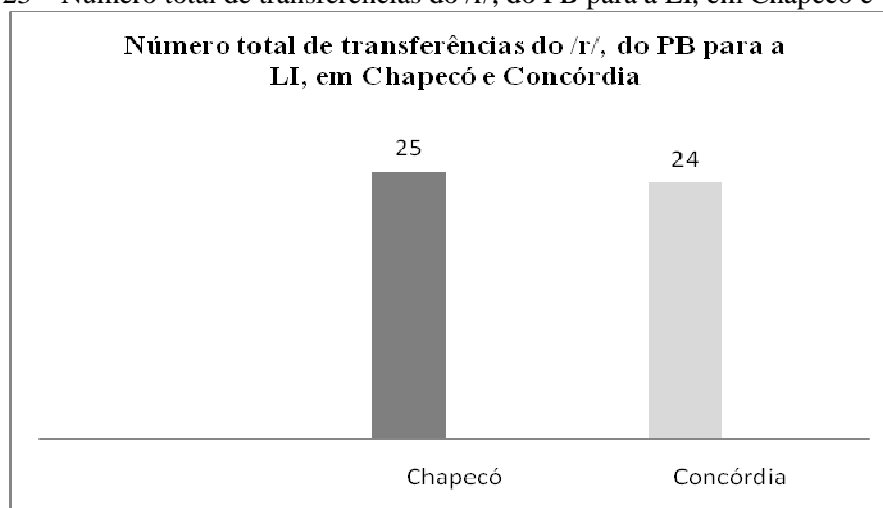
Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Objetivo f: Relacionar os dados da dimensão diatópica, com o intuito de analisar em qual das cidades há maior e em qual há menor número de transferências, na realização do /r/ em LI.

O número de transferências entre os dois pontos de pesquisa foi bastante semelhante, pois houve 25 transferências em Chapecó e 24 em Concórdia (Gráfico 23). No entanto, nas EPAs, constatou-se um contraste na fala dos informantes do EMM de Chapecó e Concórdia, conforme destacado, anteriormente, nos gráficos 6 e 7, pois não houve nenhuma transferência do /r/, do PB para a LI, por parte do informante chapecoense, e seis pronúncias com transferência(s) na LI falada pelo informante concordiense.

Frente a essa constatação, pode se concluir que na EPA de Chapecó a mudança da variedade não padrão para padrão está prestes a se concluir, pois esse fenômeno já se concretiza na fala do informante EMM. Na EPA de Concórdia a mudança está ocorrendo de forma mais vagarosa. Esta situação pode se explicar devido Chapecó ser uma cidade bem maior que Concórdia e, dessa forma, esse fator extralinguístico tende a influenciar para que as marcas do contato urbano estejam mais presentes na LI falada pelos chapecoenses do que na LI falada pelos concordienses. Com esse dado pode se confirmar a hipótese (f) de que a aproximante alveolar [ɹ], presente na variedade do PB falada em Chapecó e na LI, facilitaria a pronúncia para os chapecoenses.

Gráfico 23 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, em Chapecó e Concórdia



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Objetivo g: Averiguar em qual estilo de coleta de dados, conversa livre, questionário e leitura, a influência do PB (especificamente de ítalo-brasileiros dos municípios de Chapecó e Concórdia) está mais presente.

O estilo em que se constatou maior influência do PB foi o estilo leitura, e o estilo em que menos ocorreram transferências foi a conversa livre, seguida do questionário. Essa informação revida a hipótese, baseada em Thun (2005), de que no estilo leitura haveria menos

transferência da(s) LM(s) na LI. Esse dado pode ter ocorrido devido à leitura em voz alta, provavelmente, não fazer parte das aulas de LI e, além disso, acredita-se que o fato dessa atividade compreender um texto culto, com presença marcante do fonema /r/ no início e meio de vocábulo, pode ter favorecido a realização de maior número de transferências.

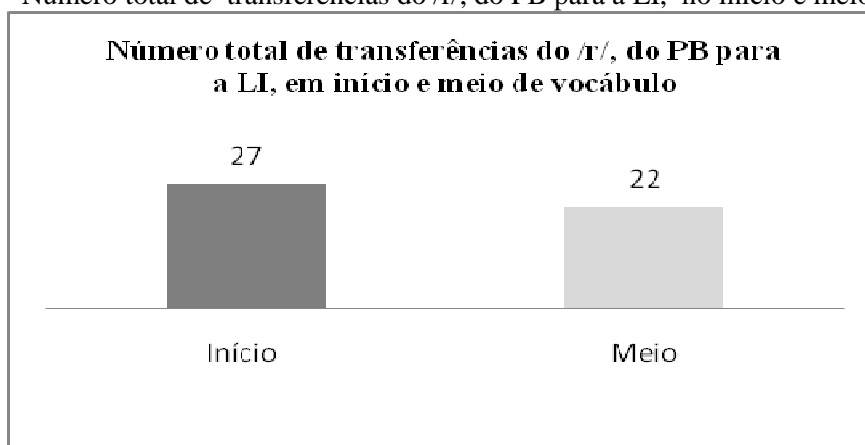
Ao se considerar o baixo número de transferências na conversa livre, pressupõe-se que a conversa espontânea é uma atividade prazerosa para os informantes, devido à maioria ser fluente em LI e, provavelmente, por praticarem essa atividade comumente.

Quanto ao estilo questionário, houve um maior número de transferências do que no estilo conversa livre, que pode ter ocorrido pelo fato do entrevistador conduzir a atividade no PB e exigir respostas na LI. A ação de transitar de uma língua para outra deve ter dificultado a assimilação do(s) fone(s) da língua alvo para o informante.

Objetivo h: Verificar em qual dois contextos de realização do fonema /r/, início ou meio de palavra, há maior número de transferências .

As transferências ocorreram mais no início do que no meio de vocábulo (Gráfico 24); o que, possivelmente, significa que a localização do /r/ no início de vocábulo possibilita uma maior transferência do(s) fone(s) do PB. Com base nisso, acredita-se que os dois “erres” são mais fáceis de serem assimilados na LI, pelos informantes.

Gráfico 24 – Número total de transferências do /r/, do PB para a LI, no início e meio de vocábulo

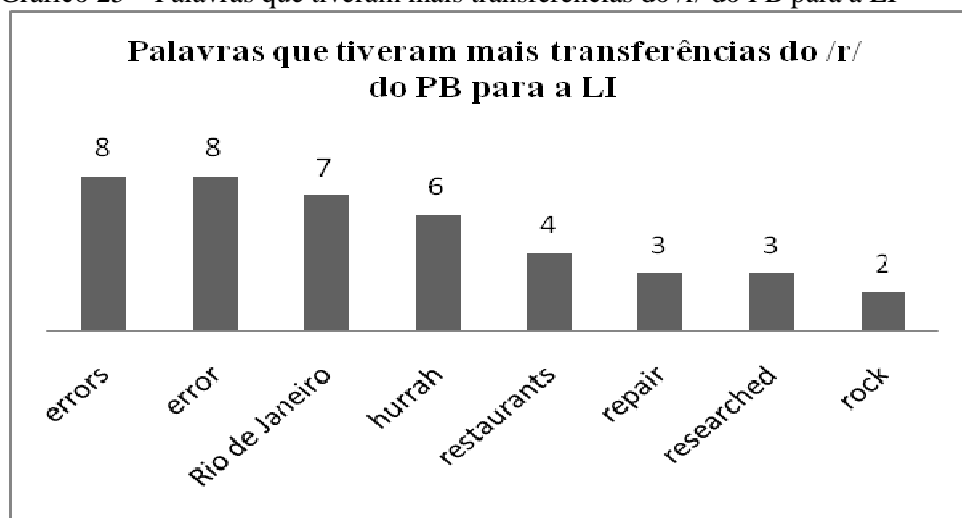


Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

As palavras que obtiveram maior número de transferências foram: (*errors* / e[x]ors, oito vezes), (*error* / e[x]or, oito vezes), (*Rio de Janeiro* / [x]io de Janeiro, sete vezes), (*hurrah* / hu[x]ah, seis vezes), (*restaurants* / [x]estaurants, quatro vezes), (*repair* / [x]epair, três vezes), (*researched* / [x]esearched, três vezes) e (*rock* / [x]ock, duas vezes). Conforme

o gráfico 25, o maior número de transferências envolveu palavras cognatas no PB e na LI, bem como o estrangeirismo (*Rio de Janeiro*). Deus (2009) ressalta que o aprendiz de uma LE começa perceber os fones da língua tendo, com base nos fones produzidos na(s) sua(s) LM(s). Dessa forma, as palavras cognatas, semelhantes na ortografia e na pronúncia, demonstram ter facilitado a transferência da fricativa velar desvozeada [x] para a LI, por informantes das duas cidades investigadas.

Gráfico 25 – Palavras que tiveram mais transferências do /r/ do PB para a LI



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

A partir da análise dos dados e da comparação dos mesmos entre os informantes do grupo principal e os informantes do grupo de controle, pode-se concluir que há um alto grau de domínio do fone retroflexo [ɹ], na variedade padrão da LI, e um silenciamento do tepe [r] e da vibrante múltipla [r̃]. Esse resultado mostra que numa suposta disputa de variantes da variedade não padrão da LI, nos contextos de início e meio de palavra, as vibrantes foram vencidas pela variante mais prestigiada no PB: a fricativa velar desvozeada [x].

A realização do tepe [r], que é também pronunciada pelos escoceses no início de palavra e se constitui como variante prestigiada em alguns contextos da LI (CARR, 2013), é desprestigiada na variedade do PB falada pelos ítalo-brasileiros, nos contextos do r- forte. (SPESSATO, 2003). Já o fone retroflexo [ɹ], que se constitui como uma variante mais pronunciada na LI, é tido como uma pronúncia típica do dialeto caipira e, dessa forma, não atribui *status* ao falante do PB.

Não ocorreu a realização do tepe [r] na LI falada pelos informantes, possivelmente, devido essa pesquisa ter envolvido informantes mais urbanos e fluentes em LI. Dessa forma,

não se desconsidera de que na área rural de Chapecó e Concórdia, os ítalo-brasileiros ainda realizam o tepe [r] no PB, nos contextos do r-forte, com possibilidade de transferência para a LI. Essa hipótese é baseada, principalmente, nos estudos de Frosi e Raso (2012), que discorrem acerca dessa pronúncia na variedade do PB falada pelos ítalo-brasileiros, bem como nas pesquisas de Callou e Leite (2013), pois se afirma que as vibrantes tendem a ocorrerem em contextos mais rurais do Brasil. A situação acerca da realização do /r/ no PB e na LI, por informantes residentes no meio rural, pode ser confirmada com novas pesquisas na área da dialetologia pluridimensional e relacional.

Espera-se que este trabalho sirva como embasamento para a realização de outras pesquisas na área de línguas em contato, bem como sirva de estímulo para professores e estudantes a fim de se amenizar o preconceito que circunda a sala de aula e o âmbito social. Afinal, a língua esta em constante variação e mudança e isso não anula a possibilidade de que um dia as vibrantes sejam prestigiadas no PB, nos contextos investigados. Um exemplo disso é a queda do /r/ na LI, que outrora fora um fenômeno prestigiado e, atualmente, é estigmatizado em algumas variedades da LI (TRUDGILL, 2000).

REFERÊNCIAS

- ALBA, R. S. **Espaço urbano**: os agentes da produção em Chapecó. Chapecó: Argos, 2002.
- ALENCAR, M. S. M. de. Panorâmica dos estudos dialetais e geolinguísticos do Brasil. **Revista de Letras**, v. 30, p. 1-4, jan. 2010/dez.2011.
- ALTENHOFEN, C. V. Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil. **RILI II**, 2004, p. 83-93.
- AMADOR, M. C. P. História de Concórdia: migração italiana e desenvolvimento socioeconômico a partir da pequena propriedade. In: ZOTTI, S. A.(Org.). **História faz história**: contribuições ao estudo da história regional. Concórdia: HISED; UNC, 2006.
- AMADOR, M. C. P.; ZOTTI, S. A. História da Educação Escolar de Concórdia - SC: desenvolvimento socioeconômico e migração italiana. In: VII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil: 20 anos de HISTEDBR: navegando pela história da educação brasileira, 7, 2006, Campinas. **Anais...** Campinas: HISTEDBR, 2006.
- APARELHO fonador. Disponível em:<<http://dc350.4shared.com/doc/OJ6KagTA/preview.html>>. Acesso em: 12 jun.2014.
- ASSIS-PETERSON, A. A. (Org.). **Línguas estrangeiras para além do método**. São Carlos: Pedro e João Editores; Cuiabá: Ed. UFMT, 2008.
- BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**. O que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- _____. **Nada na língua é por acaso**. Por uma pedagogia da variação linguística. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAKER, C. **Foundations of Bilingual Education and Bilingualism**. 5. ed. Grã-Bretanha: British Library, 2011.
- BOLLELA, M. F. P. **Uma proposta de ensino da pronúncia da língua inglesa com ênfase nos processos rítmicos de redução vocálica**. 2002. Tese de Doutorado. Araraquara: UNESP, 2002.
- BORTONI-RICARDO, S. **Educação em língua materna**: a sociolinguística em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- _____. **Do campo para a cidade**: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino Médio: linguagens, códigos e suas Tecnologias.** Brasília: Ministério da Educação/Secretária da Educação Média e Tecnologias, 2000.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua estrangeira.** Brasília: Ministério da Educação/Secretária da Educação Básica, 1998.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística.** São Paulo: Scipione, 2010.

CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia.** 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

CALLOU, D. Um perfil da fala carioca. In: COSTA, S. S. *et al* (Orgs.). **Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa.** Salvador: EDUFBA, 2009.

CAMARGOS, M. A. C. **Conhecimento Fonológico de Retroflexos em inglês-L2.** Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

CAMPOS, C. **A política da língua na era Vargas: proibição de falar alemão e resistências no sul do Brasil.** Tese de doutorado. Campinas: UNICAMP, 1998.

CAPES manda 110 bolsistas do Ciência sem Fronteiras voltarem ao Brasil por nível baixo em inglês. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/capes-manda-110-bolsistas-do-ciencia-sem-fronteiras-voltarem-ao-brasil-por-nivel-baixo-em-ingles-12138918>>. Acesso em: 5 set. 2014.

CARDOSO, S. A. C. **Geolinguística tradição e modernidade.** São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, S. A. M. da S. A Geolinguística no Terceiro Milênio: Monodimensional ou Pluridimensional? **Revista do GELNE**, Fortaleza, v. 4, n. 1/2, p. 215-223, 2006.

_____. MOTA, J. A. Percursos da geolinguística no Brasil. **Linguística**, v.29 (1), p. 115-142, jun. 2013.

CARR, P. **English phonetics and phonology – an introduction.** Oxford: Blackwell, 2013.

CAVALCANTI, M. C. Estudos sobre educação bilíngue e escolarização em contextos de minorias linguística no Brasil. **D.E.L.T.A.**, v. 15, n. Especial, p. 385-417, 1999.

CHAGAS, P. A mudança linguística. In: FIORIN, J. L. **Introdução à linguística.** 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **La Dialectologia.** Tradução de Carmen Morán Gonzalez. Madrid: Visor Libros, 1994.

CHAVES, C. **O ensino de inglês como língua estrangeira na educação infantil: para inglês ver ou para valer?** 2004. 26 p. Monografia (Curso de Especialização em Educação Infantil). Rio de Janeiro: PUC, 2004.

COMASSETO, C. F. *et al.* **História de Concórdia do período anterior a sua emancipação.** In: ZOTTI, S. A. (Org.). **História faz história: contribuições ao estudo da história regional.** Concórdia: HISED; UNC, 2006.

COMMOM European Framework of reference for languages: Learning, teaching, assessment. Disponível em: http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/source/framework_en.pdf. Acesso em: 11 dez. 2014.

CORRÊA. H. C. O. O léxico do falar caboclo e a cultura cabocla. **Anais do X Encontro do CELSUL – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul UNIOESTE**, Universidade Estadual do Oeste do Paraná Cascavel-PR, 24 a 26 out. 2012.

COSTA, L. T da. **Fenômenos variáveis e variantes líquidas produzidas no ataque complexo Maringá**, v. 35, n. 2, p. 179-186, abr./jun. 2013.

DAHER, M. D. C. Enseñanza del español y políticas lingüísticas em Brasil. **Revista Hispanista**, Niterói, n. 27, 2006.

DAZZI, R. C. S.; OLIVEIRA. J. P. de. O patrimônio histórico edificado como forma de agregar valor ao turismo: uma análise da paisagem edificada no entorno da Praça Dogello Goss – Concórdia, SC. **Interações**, Campo Grande, v. 12, n. 2, p. 193-202, jul./dez. 2011.

DEUS, A. F. de. **A transferência do português na leitura das róticas em posição de ataque no inglês por estudantes brasileiros de inglês**. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR, 2009.

DIAS, A.T.B. (Não) realização do fonema /r/ em final de palavras em textos orais de textos orais de informantes em fase de aquisição da linguagem- estudo de caso- Dissertação de Mestrado, Tubarão: UNISUL, 2004.

DUTRA, D. P.O ensino de LE no Brasil. *In*: MELLO. H; ALTENHOFEN C. V; RASO. T (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

ELLIS, R. **The study of second language acquisition**. Oxford: Oxford University Press, 1994.

ERICKSON, B. On the development of English *r*. *In*: MINKOVA D. *et al.* **Studies in the history of English Language: a millennial perspective**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2002.

FACHIN, M. P. R. O grafema “erre” e seus alógrafos na representação das vibrantes em manuscritos do século XVIII. **Estudos Linguísticos**, XXXVI(2), p. 230-239, maio/ago. 2007.

FERNANDES, M. **A Concordância Nominal na Região Sul**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1996.

FERNÁNDEZ, P. M. Distribuição Diastrática e Diafásica do /R/ na região de Coimbra. **Ágalia Publicaçom internacional da Associaçom Galega da língua**, n. 81-82, p. 143-170, 2005.

FERREIRA, A. G. Z. **Concórdia: o rastro de sua história**. Concórdia: Fundação Municipal de Cultura, 1992.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FIGUEIREDO, C. R de S. Metodologia de estudos do contato linguístico intervareial em lugares de migração recente: Alguns apontamentos. **Revista de Letras Norte@mentos – Revista de Estudos Linguísticos e Literários**. Edição 12, Estudos Linguísticos, 2013/02.

FONÉTICA Articulatória. Disponível em: <<http://www.fonicaarticulatria.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 18 maio 2014.

FONÉTICA e fonologia. Disponível em: <<http://www.fonologia.org>>. Acesso em: 13 jun. 2014.

FRANÇA, A. Da história à estruturação das molhadas, da líquida vibrante e da nasal portuguesas. **Estudos Linguísticos**, XXXIV, p. 586-591, 2005.

FROSI, V.M. RASO, T. O italiano no Brasil. Um caso de contato linguístico e cultural. *In*: MELLO. H; ALTENHOFEN C. V; RASO. T (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

GONÇALVES, P. **Prefeito entrega oficialmente o projeto do campus da UFFS**. Rádio Rural AM 840. Concórdia. 4 jul. 2014. Disponível em: <http://www.radorural.com.br/arquivos_internos/?abrir=noticias&acao=conteudo&cat=6&id=12653>. Acesso em: 11 ago. 2014.

GREGORY, V. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940-1970)**. Tese de Doutorado. Cascavel: Edunioeste, 2002.

GRETZLER, C. **(Chapecó SC) para além do pólo regional, uma cidade média no oeste catarinense**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS 2011.

GUERRA do Contestado. A História da Guerra do Contestado, causas da revolta, monge José Maria, início dos conflitos e o fim da Guerra. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/guerra_contestado.htm>. Acesso em: 23 jun. 2014.

GUY, R.G. A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões da variação linguística. *In*: Zilles A. M. S. (Org.). **Revista Organon**, Porto Alegre: UFRGS, v. 14, n. 28 e 29, 2000.

HAKUTA, K. **Mirror of language. The debate of bilingualism**. New York: Basic Books, 1986.

HALL, T. A. **The phonology of coronals**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. Amsterdam Studies in theory and history of linguistic science; Série IV, current issues in linguistic theory, v.149, University of Ottawa, 1997.

HEAD, B.F. Propriedades fonéticas e generalidades de processos fonológicos: o caso do ‘r’ caipira. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas: UNICAMP, n. 13, p. 5-39, 1987.

HEYE, Jürgen. Considerações sobre o bilinguismo e bilinguidade: revisão de uma questão. *In*: HEYE, Jürgen; SAVEDRA, Mônica (Org.). **Palavra**. Rio de Janeiro, n. 11, p. 30-38, 2003.

HORST, C. **“Quando o Heinrich casa com a Iracema, a Urmutter vira bisa”**. A dinâmica dos nomes próprios de pessoas e comuns de parentesco em uma comunidade de contato alemão-português do sul do Brasil. Kiel: Westensee – Verl. 2011 [Zug: Kiel, Unv. Dissertação de Mestrado, 2009].

HORST, C.; KRUG, M. J. Línguas em contato no sul do Brasil: um estudo de caso do português e da variedade alemã Hunsrückisc Languages in contact in southern Brazil: a case study of Portuguese and the German dialect Hunsrückisch. **PAPIA**, p. 367-383, 2012.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. 2014. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=420430>>. Acesso em: 10 nov.2014.

INFORMAÇÕES sobre o município de Chapecó. SC- Brasil. Disponível em: <<http://www.portalchapeco.com.br/municipio.htm>>. Acesso em: 23 jun. 2014.

ISQUERDO, A. N; ROMANO, V. P. Discutindo a sociolinguística do projeto ALIB: Uma reflexão a partir do perfil dos informantes. **Alfa**, São Paulo, p. 891-916, 2012.

KOCH, W.; KLASSMANN, M. S.; ALTENHOFEN, C. V. (Orgs.). **ALERS -Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul**. Porto Alegre; Florianópolis; Curitiba: Ed. UFRGS; EdUFSC: UFPR, 2002. 2 v.

KRUG. M. J. **Os bilíngues teuto-brasileiros frente à metáfora funcional do português**-Tese de Doutorado. Kiel: Westensee-Verl, 2011.

_____. **Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade plurilíngue alemão-italiano- português de Imigrante-RS**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. **Sociolinguistic patterns**. 3. ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. Some sociolinguistic principles. *In*: PAULSTONS, C. B.; TUCKER, G. **Sociolinguistics: the essentials readings**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 234-250.

_____. **The Social stratification of English in New York City**. 2. ed. Cambridge: Blackwell, 2006.

LADEFOGED, P. **Vowels and consonants. An introduction to the sounds of languages**. Universidade da Califórnia. Los Angeles: Blackwell, 2001.

LADEFOGED, P.; JOHNSON, K. **A Course in Phonetics**. 6th edition. Boston: Thomson Wadsworth, 2010.

LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. **The sounds of world’s languages**. Cambridge: Blackwell, 2013.

LANGARO, A. J. De vibrantes a fricativos: os róticos na dublagem brasileira. **Revista Trama**, v.1, 2º sem. 2005.

LEFFA, V. J. O Ensino de Línguas Estrangeiras no Contexto Nacional. **Contexturas - APLIESP**, São Paulo, Editora UFPB, n. 4, p. 13-24, 1999.

LEITE, C.M.B. Um estudo fonético-acústico do /r/ vocalizado em posição de coda silábica. **D.E.L.T.A.**, p. 217-243, 2012.

LOCALIZAÇÃO de Chapecó e Concórdia. Disponível em: <<http://www.belasantacatarina.com.br/regiaoeste/>>. Acesso em: 27 jun.2014.

LUCCHESI. D. A diversidade e a desigualdade linguística no Brasil. *In: Salto para o futuro*. Português: um nome, muitas línguas, Ano XVIII, boletim 08, maio 2008.

MACKEY, F. W. The description of bilingualism. *In: FISHAN, J.A et al. Leading in the sociology of language*. 3. ed. The Hague, Monton, 1972. p. 554-84.

MARGOTTI, F. W. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil**. Tese de doutorado. Porto Alegre: UFGRS, 2004.

MARINS COSTA, E. G de; RODRIGUES, F. C; FREITAS. L. M. A de. **Implantação do espanhol na escola brasileira: Polêmica e desafios**. Disponível em: <<http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao10/espanholnaescbr.php>>. Acesso em: 12 out. 2014.

MELLO. H; ALTENHOFEN C. V; RASO. T (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. *In: MOLLICA, M. C.; BRAGA M. L. (Orgs.). Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MONARETTO, V. N. O. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. *In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 253-268.

MONARETTO, V; QUEDNAU, L. R; HORA, D. O sistema consonantal do português. *In: BISOL. L (org.). Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 5 ed. rev. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. *In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (Org.). Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-34.

MOTTER, R. M. B. **A pronúncia do professor de inglês nas escolas públicas: implicações em seu desempenho na sala de aula**. Dissertação de Mestrado. Araraquara: UNESP, 2001.

MUJICA. M. M. **Atitude, orientação e identidade linguística dos pomeranos residentes nas comunidades de Santa Augusta - São Lourenço do Sul – RS - Brasil**. Dissertação de Mestrado. Pelotas: UFPEL, 2013.

PAIM, E. A. Aspectos da construção histórica da Região Oeste de Santa Catarina. João Pessoa, **SAECULUM - Revista de história**, v.14, jan./jun.2006.

PARAQUETT, M. Por que formar professores de espanhol no Brasil? **Revista Hispanista**, v. IX, n. 35, out./ nov./dez. 2008.

PERREIRA, C. J.; FREDDO, A. C. Oeste catarinense: história dos seus empreendedores. **eGesta**, v. 3, n. 3, p. 32-76, jul./set. 2007.

PETER, M. Linguagem, língua e linguística. *In*: FIORIN, J. L. **Introdução à linguística**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

PORTAL do cidadão. Município de Concórdia. Disponível em:
<<http://www.concordia.sc.gov.br/#!/tipo/pagina/valor/6>>. Acesso em: 23 jun. 2014.

RABELLO, E. C. C. Aspectos suprasegmentais na oralidade do professor brasileiro de língua inglesa e autopercepções sobre o seu discurso e sua prática de ensino. *In*: ALVARES, M.L.O. **Novas línguas/línguas novas. Questões da interlíngua na pesquisa em linguística aplicada**. Campinas: Pontes Editores, 2012.

RADIN, José Carlos. **Italianos e Ítalo-brasileiros na colonização do Oeste catarinense**. Joaçaba: edições UNOESC, 2001.

ROMAINE, S. **Bilingualism**. 2. ed. Oxford (England): Brasil, Blackwell, 1995.

_____. What is a speech community? *In*: **SOCIOLINGUISTIC variation in speech communities**. London: Edward Arnold, 1980. p. 13-24.

ROSSI, A. A variação da vibrante múltipla no interior da palavra lexical na fala de descendentes de italianos das cidades sulinas Chapecó/SC e Flores da Cunha/RS. **Working Papers em Linguística**, UFSC, n.4, 2000.

SAMPAIO, B; Guimarães, J. **Diferenças de eficiência entre ensino público e privado no Brasil**. *Econ. Aplic.*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 45-68, jan./mar. 2009.

SANTOS, E. S. de Souza. O ensino da língua inglesa no Brasil. **BABEL: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras**, n.01, dez. 2011.

SCHADECH, T. S. **The production of word-initial /ɹ/ by Brazilian learners of English and the issues of comprehensibility and intelligibility**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2013.

SILVA, F. M. da. As dicotomias saussureanas e suas implicações sobre os estudos linguísticos. **REVELLI- Revista de Educação, Linguagem e Literatura**, UEG - Inhumas, v. 3, n. 2, p. 38-55, out. 2011.

SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do Português**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SPESSATO, M. B. S. **Linguagem e colonização**. Chapecó: Argos. 2003.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

THE INTERNATIONAL Phonetic Association. Disponível em:
<<http://www.langsci.ucl.ac.uk/ipa/pulmonic.html>>. Acesso em: 8 mar. 2014

THUN, H. **Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevideanos en Rivera.** In: RADTKE, E.; THUN, H. (orgs.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie.* Kiel : Westensee-Verl., p. 210-269, 1996. (Dialectologia Pluridimensionalis Romanica; 1.).

_____. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, A. M. **Estudos de variação Linguística no Brasil e no Cone Sul/organizado.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

_____. **La geolinguística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay).** In: International Congress of Romance Linguistics and Philology, 21. 1995, Palermo. *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguística e Filologia Romanza*, v. 5. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, p. 701-729, 1998.

_____. **Pluridimensional cartography.** In: LAMELI, A.; KEHREIN, R.; RABANUS, C. (eds.). *Language mapping.* Berlin: de Gruyter Mouton, 2010. p. 506-523.

TRUDGILL, P. **Sociolinguistics.** 4. ed. London: Penguin Books, 2000.

TRUDGILL, P; HANNAH. J. **International English.** A guide to the varieties of standard English. 3. ed. Nova Iorque: Oxford, 1994.

UCL Psychology and language sciences. University College London. Disponível em: <<http://www.lcl.ac.uk/research/gsound/Eng/Database/Phonetics/Englishes/Home/HomeMainFrameHolder.htm>>. Acesso em: 6 fev. 2014.

VIOLA, I. C. Efeito expressivo das variantes estilísticas do /r/. **Revista Intercâmbio**, v. XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2006.

WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. L. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** São Paulo: Parábola, 2006.

ZIMMER, M.; ALVES, U. A produção de aspectos fonético-fonológicos da segunda língua: instrução explícita e conexão. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 9, n. 2, p. 101-143, 2006.

ANEXOS

A entrevista envolveu três ferramentas metodológicas: questionário (estilo de fala menos monitorado), leitura de texto (estilo formal de uso da fala: mais monitorado) e conversa livre (estilo de fala menos monitorado). Todas as partes foram gravadas, por um gravador visível aos participantes da entrevista, a fim de evitar perda de tempo para anotações, durante a entrevista, e possibilitar a posterior transcrição fiel da fala.

ANEXO A – Questionário

Responda em inglês:

1. Quando você sai à noite, que horas você costuma chegar em casa? I **ARRIVE** home.....
2. Como se diz Feliz Natal em inglês? **MERRY** CHRISTMAS (*Feliz Natal*)
3. Uma profissional que produz reportagens é um... **REPORTER** (*repórter*)
4. A cor do Internacional de Porto Alegre é **RED** (*vermelho*)
5. Ninguém é perfeito, todos podem cometer... **ERRORS** (*erros*)
6. Como você se desculpa de algo em inglês? **SORRY** (*Desculpa-me*)
7. Se uma pessoa tem muito dinheiro, ela é... **RICH** (*rico*)
8. Acredita-se que a maioria dos adultos prefere músicas mais calmas, mas os jovens preferem aquelas mais dançantes, como por exemplo, *funk* e **ROCK**. (*funk e rock*)
9. A comida típica do brasileiro é **RICE** and beans. (*arroz e feijão*)
10. De acordo com a crença tradicional, o animal que traz presentes para as crianças na Páscoa é o **RABBIT** (*coelho*)
11. É um legume de cor alaranjada, com vitamina A que faz bem para os olhos, pele e mucosas: **CARROT** (*cenoura*)
12. *Morango do nordeste* é o nome de uma música que já rendeu muito sucesso e é cantada pelo grupo *Cara metade*. Morango em inglês se diz..... **STRAWBERRY** (*morango*)
13. É um fruto pequeno e arredondado que pode apresentar várias cores, sendo o vermelho a mais comum entre as variedades comestíveis. **CHERRY** (*cereja*)
14. É uma atividade intelectual indispensável a todo ser; com ela podemos viajar para mundos distante através dos livros. **READING** (*leitura*)
15. Quando uma pessoa está de aniversário, geralmente lhes é cantado os parabéns. Ao final os amigos gritam viva! Como dizer isso em inglês? **Hurrah!** (*viva*)
16. Casamento em inglês dizemos *wedding* ou *marriage*. Quando duas pessoas optam por construir uma família juntas, elas geralmente **Get married** (*casam-se*)
17. O maior rio do mundo é: **AMAZONAS RIVER** (*Rio Amazonas*)
18. A internet oferece muitos subsídios para **RESEARCH** (*pesquisa*) e entretenimento.

19. Quando você não entende o conteúdo de sala de aula, você geralmente ordena que o professor: **REAPIT IT.** (*repita*)
20. Quando você está correndo perigo, você diz que está... **in RISK** (*risco*)

ANEXO B – Leitura do texto

My parents have got **married** again!

It was my parents' wedding anniversary. 25 years of **marriage**. So, my brother and I have thought about some interesting place to celebrate it. We have **researched** many **restaurants** on the internet and **rejected** the ones that weren't a **relaxing** and simple place to stay. We have chosen one in city of **Rio de Janeiro**. It offers a **really** natural and simple menu for lunch: **rice** and beans, chicken steak, many kinds of salads, vegetables like **carrots**, cucumbers, beef and a variety of juice. For dessert, **strawberry** and **cherry** and other delicious fruits.

The day has come! My parents' **arrival** at the **restaurant** was amazing. As soon as they **arrived**, we wished them a happy anniversary and everything was going well.

Finally, to complete that day, it started **raining** and a **rainbow** had crossed the sky. The beauty of that day looked like a **merry** Christmas; however a small **error** has **occurred**: we have forgotten to cut the cake. Unfortunately, when we have **remembered** it, the guests had already gone. We are still so **sorry**, but how can we **repair** it? Small **errors** sometimes can occur.

Tradução do texto:

Meus pais se casaram de novo!

Era aniversário de casamento dos meus pais. 25 anos de casamento. Então, meu irmão e eu pensamos em um lugar interessante para comemorar isso. Nós pesquisamos muitos restaurantes na internet, e rejeitamos aqueles que não eram um lugar relaxante e simples para ficar. Optamos por um na cidade do Rio de Janeiro. Ele oferece um cardápio natural e simples para o almoço: arroz e feijão, filé de frango, vários tipos de saladas, legumes como cenoura, pepino, beterraba e uma variedade de sucos. Para a sobremesa, morango, cereja e outras frutas deliciosas.

O dia chegou! A chegada dos meus pais no restaurante foi incrível. Assim que eles chegaram, nós desejamos a eles feliz aniversário e tudo estava indo bem.

Finalmente, para completar esse dia, começou a chover e um arco-íris cruzou o céu. A beleza desse dia parecia um feliz natal; no entanto, um pequeno erro ocorreu: esquecemos de cortar o bolo. Infelizmente, quando nos lembramos disso, os convidados já tinham ido embora. Nós ainda estamos muito sentidos, mas como podemos corrigir isso? Pequenos erros, às vezes, podem ocorrer.

ANEXO C – Conversa Livre

- 1-Hello. What's your name? (Qual é o seu nome?)
- 2-How old are you? (Qual é a sua idade?)
- 3-Where is your residence? (Onde é sua casa?)
- 4-Do you live with your parents? (Você mora com seus pais?)
- 5-What's your routine like? (Como é sua rotina?)
- 6-Do you have lunch at home or in a restaurant? (Você almoça em casa ou no restaurante?)
- 7-What kind of restaurant do you prefer? Italian restaurant, Brazilian, seafood restaurant, Japanese restaurant or another kind? (Que tipo de restaurante você prefere, italiano, brasileiro, restaurante de frutos do mar, japonês ou outro?)
- 8-How often do you visit your relatives? Rarely, often or never? (Com que frequência você visita seus parentes? Raramente, frequentemente ou nunca?)
- 9-Do you have a balanced diet ? (Você segue uma dieta?)
- 10-Do you usually eat fruits and salads? Cite an example of each kind. (Você usualmente come frutas e saladas?)
- 11-Do you consider yourself a reader? How many books do you read in a year? (Você se considera um leitor? Quantos livros você lê em um ano?)
- 12-If your bedroom is a mess, do you arrange it, don't you arrange it or does someone arrange it for you? (Se seu quarto está uma bagunça, você o arruma, não arruma ou alguém arruma para você?)
- 13-Do you have a reason to live or don't you have a reason? If yes, what is it? (Você tem uma razão para viver ou você não tem razão para viver?)
- 14-Do you consider yourself a warrior? Why? (Você se considera um(a) guerreiro(a)?)
- 15-Do you intend to get married? Why? (Você pretende se casar? Por quê?)
- 16-Do you have a religion? What is it?(Você tem uma religião? Qual?)
- 17-In your opinion: Can religion release your problems or can't it release them? Why? (Em sua opinião: A religião pode aliviar seus problemas ou não pode aliviá-los?)
- 18-Which celebration is more important for you: Easter or Christmas? Why? (Qual celebração é mais importante para você: Páscoa ou Natal?)

- 19-Have you ever rescued someone who was in danger? (Você já salvou alguém que estava em perigo?)
- 20-How often do you look yourself in a mirror or do you not/don't you usually look yourself in a mirror? (Com que frequência você se olha no espelho? Ou você usualmente não costuma se olhar no espelho?)
- 21-In your opinion what is more important: the clothes people wear or what they have inside them?(Em sua opinião, o que é mais importante: as roupas que as pessoas usam ou como elas são?)
- 22-Do you think using drugs is a human error or is it a correct way to relieve the problems? (Você acha que usar drogas é um erro humano ou o caminho correto para aliviar os problemas?)
- 23-Do you think there is corruption in Brazilian government or is there no corruption? Why?(Você acha que há corrupção no governo brasileiro ou não ha corrupção?)
- 24-In your opinion, what are the ways to decrease violence and criminality in Brasil? (Em sua opinião, quais são os caminhos para diminuir a violência e a criminalidade no Brasil?)
- 25-Do you think it is correct or incorrect to a person carry a gun at home? Why? (Você acha que é certo ou não uma pessoa ter arma em casa?)

ANEXO G – Tabelas para registro dos dados dos estilos questionário, leitura e conversa livre do grupo de controle

TABELA DE DADOS – GRUPO DE CONTROLE - QUESTIONÁRIO 1					
Realizações do /r/ [r, ʀ, x, h, ɹ]		Concórdia		Chapecó	
		F	M	F	M
1	Arrive				
2	Merry				
3	Repórter				
4	Red				
5	Errors				
6	Sorry				
7	Rich				
8	Rock				
9	Rice				
10	Rabbit				
11	Carrot				
12	Strawberry				
13	Cherry				
14	Reading				
15	Hurrah				
16	Get married				
17	Amazonas River				
18	Research				
19	Reapit				
20	In risk				

TABELA DE DADOS – GRUPO DE CONTROLE-LEITURA DO TEXTO					
Realizações do /r/ [r, ʀ, x, h, ɹ]		Concórdia		Chapecó	
		F	M	F	M
1	Got married				
2	Marriage				
3	Researched				
4	Restaurants				
5	Rejected				
6	Relaxing				
7	Rio de Janeiro				
8	Really				
9	Rice				
10	Carrots				
11	Strawberry				
12	Cherry				
14	Arrival				
15	Restaurant				
16	Arrived				
17	Raining				
18	Rainbow				
19	Merry				
20	Error				
21	Ocorred				
22	Remembered				
23	Sorry				
24	Repair				
25	Errors				

TABELA DE DADOS – GRUPO DE CONTROLE- CONVERSA LIVRE-					
Realizações do /r/ [r, ʀ, x, h, ɹ]		Concórdia		Chapecó	
		F	M	F	M
F		M	F	M	